

UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

MESTRADO EM POLÍTICA CIENTÍFICA
E TECNOLÓGICA

**ESTUDO DE UMA COMUNIDADE CIENTÍFICA NA ÁREA
DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: O CASO DO INSTITUTO DE
FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS -IFCH- DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP**

Elena Maritza León Orozco

Este exemplar contém a **DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**
redigida em francês do autor, e defendida
por Elena Maritza León Orozco
e aprovada pelo Conselho de Orientadores
em 27/09/1994.

José de Gregorio Brito

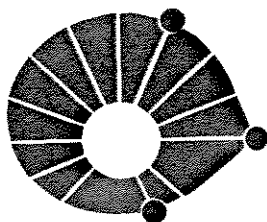
ORIENTADOR

CAMPINAS - SÃO PAULO

Setembro - 1994

L551e

23175/BC



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

MESTRADO EM POLÍTICA CIENTÍFICA
E TECNOLÓGICA

**ESTUDO DE UMA COMUNIDADE CIENTÍFICA NA ÁREA
DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: O CASO DO INSTITUTO DE
FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS -IFCH- DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP**

Elena Maritza León Orozco / 551

Dissertação apresentada ao Instituto de Geociências como
requisito parcial para obtenção do título de Mestre em
Política Científica e Tecnológica.

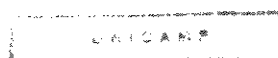
Orientador: Prof^a Dr^a Sandra de Negrães [Brisolla t

Co-Orientador: Prof^a Dr^a Léa [Velho t

[maria. soane. ferni

CAMPINAS - SÃO PAULO

SETEMBRO 1994



IDADE	BC
CIDADADE	UNICAMP
	6551e
EX	
VALOR	R\$ 231,75
CC	286/94
C	
D	
VALOR	R\$ 11,00
DI	08/12/94
CPD	

M-00063474-1

L551e

León Orozco, Elena Maritza

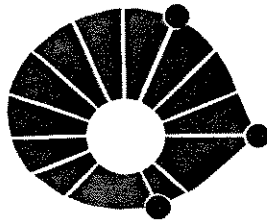
Estudo de uma comunidade científica na área das ciências sociais: o caso do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - IFCH - da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP -. Campinas: Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Instituto de Geociências. Departamento de Política Científica e Tecnológica, 1994.

125p. (Dissertação de Mestrado)

Inclui bibliografia

- 1. Sociologia do Conhecimento**
- 2. Comunidade Científica - estudo de caso**

CDD - 301.21



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

MESTRADO EM POLÍTICA CIENTÍFICA
E TECNOLÓGICA

**ESTUDO DE UMA COMUNIDADE CIENTÍFICA NA ÁREA
DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: O CASO DO INSTITUTO DE
FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS -IFCH- DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP**

AUTOR: Elena Maritza León Orozco

ORIENTADOR: Prof^a Dr^a Sandra de Negrães Brisolla

CO-ORIENTADOR: Prof^a Dr^a Léa Velho

COMISSÃO EXAMINADORA

PRESIDENTE:


Prof^a Dr^a Sandra de Negrães Brisolla

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Tamas Szmrecsanyi


Prof. Dr. Edgar Salvadori de Decca

CAMPINAS, 27 DE SETEMBRO DE 19

DEDICATORIA

A minha familia
porque embora muito
distante,
sempre soube dar-me
o apoio e o estimulo
para eu continuar com
meus estudos de mestrado
no Brasil

A todas as pessoas
maravilhosas que eu
tive a satisfação de
conhecer porque de uma
ou outra forma,
me brindaram a sua amizade

A TODOS ELES

MUITO OBRIGADA

AGRADECIMENTOS

A Sandra Brisolla

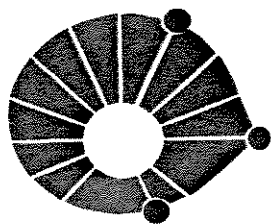
pelas suas importantes sugestões
para melhorar a qualidade do trabalho

A Léa Velho

por ter co-orientado este trabalho e
enriquecé-lo com suas ótimas idéias

Aos professores do IFCH

que foram entrevistados
pela sua ajuda desinteressada
e disponibilidade de seu tempo
para fazer seus respectivos depoimentos.



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

MESTRADO EM POLÍTICA CIENTÍFICA
E TECNOLÓGICA

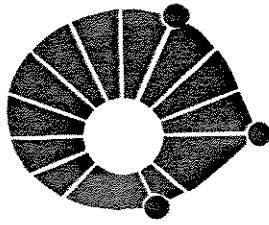
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

RESUMO

**ESTUDO DE UMA COMUNIDADE CIENTÍFICA NA ÁREA DAS CIÊNCIAS
SOCIAIS: O CASO DO INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS-
IFCH- DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - UNICAMP**

Elena Maritza León Orozco

A presente dissertação consiste em uma pesquisa qualitativa através do estudo de caso de uma comunidade científica pertencente à área das Ciências Sociais, concretamente ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas -IFCH- da Universidade Estadual de Campinas -UNICAMP-. Pretende-se elucidar a dinâmica da produção de conhecimento em torno das influências para escolher temas de pesquisa, os tipos de canais utilizados para intercambiar informação, as formas de trabalho (individual ou coletivo), e o estímulo e reconhecimento por parte das comunidades acadêmicas a nível nacional e internacional, assim como os obstáculos que intervêm na geração do conhecimento. Por outro lado, trata-se de compreender o papel da unidade de informação do IFCH, detectando os eventuais problemas que dificultam a interação entre a comunidade científica, como usuária da informação, e a biblioteca, como processadora da informação. Finalmente, destaca-se a necessidade dos cientistas sociais unificarem esforços para consolidar sua interação e procurar a solução coletiva dos problemas apontados.



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

MESTRADO EM POLÍTICA CIENTÍFICA
E TECNOLÓGICA

MASTER OF SCIENCE DISSERTATION

ABSTRACT

**STUDY OF A SCIENTIFIC COMMUNITY IN SOCIAL SCIENCES AREA: THE
CASE OF THE INSTITUTE OF PHILOSOPHY AND HUMAN SCIENCES (IFCH)
OF THE STATE UNIVERSITY OF CAMPINAS - UNICAMP**

Elena Maritza León Orozco

This work consists in a qualitative research oriented towards the case study of a scientific community belonging to the area of Social Sciences, namely the Institute of Philosophy and Human Sciences (IFCH) of the State University of Campinas (UNICAMP). The objective of this study is to clarify the dynamics of knowledge production related to the influence received in choosing research themes, the specific channels used to interchange, the diffuse information, the way the scientist organize themselves (individual or collective work) to do their research, the stimulus and recognition received by their national and international academic communities, well as the barriers opposed to the geration of new ideas. On the other hand, this work tries to understnad the role of the information unit in the IFCH within the transference of information cicle, detecting eventual problems which make difficult the interaction between the scientific community (as an information user) and the library (as an information processor). Finally, it points out the need of joining efforts, on the part of the scientist social, in order to consolidate theri interaction and find solutions for the existing problems.

TABELA DE CONTEUDO

	página
INTRODUÇÃO	i
 <u>CAPITULO I:</u>	
Contextualização das ciências sociais na UNICAMP	1
 <u>CAPITULO II:</u>	
Condicionantes para o desenvolvimento da pesquisa	10
1. Pesquisa e ensino: combinação utópica?	12
2. Competitividade vs cooperação	17
3. O afã de publicar	20
4. Mecanismos formais e informais de comunicação	27
 <u>CAPITULO III:</u>	
Descifrando as comunidades científicas: o caso do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)	36
1. Dinâmica da produção do conhecimento na comunidade científica do IFCH	36
1.1. Origens e consolidação dos temas dos trabalhos: influências recebidas desde a escolha das carreiras	36
1.2. Canais utilizados e âmbito de difusão	38
1.2.1. Revistas nacionais	40
1.2.2. Jornais	43
1.2.3. Livros	45
1.2.4. Capítulos de livros	47
1.2.5. <i>Pre-prints</i>	49
1.2.6. Participação em eventos	50
1.2.7. Comportamento a nível internacional	54
1.3. Formas de trabalho: individual ou colectivo	63
1.4. Atividades de ensino e orientação de dissertações e teses	68
1.4.1. Atividades de ensino	68
1.4.2. Atividades de orientação	71

1.5. Obstáculos à geração do conhecimento	75
1.5.1. Atividades administrativas	75
1.5.2. As fontes de financiamento	76
1.5.3. Falta de autonomia na pesquisa	79
1.6. Valoração dos trabalhos produzidos	81
1.6.1. Reconhecimento acadêmico	81
1.6.1.1. As citações	88
1.6.2. Reconhecimento social	89

CAPITULO IV:

As unidades de informação e seu papel no desenvolvimento da pesquisa	92
---	----

CAPITULO V:

Vinculação entre o sector productora de conhecimento (comunidade científica do IFCH) e o sector processador de informação (Biblio- teca): uma perspectiva analítico-crítica	97
---	----

CONCLUSÕES	107
------------------	-----

LITERATURA CONSULTADA	116
-----------------------------	-----

ANEXO 1:

Questionário para os pesquisadores seleccionados do Departamento de Ciências Sociais	121
---	-----

ANEXO 2:

Questionário para o directora da BIFCH	125
--	-----

ESTUDO DE UMA COMUNIDADE CIENTIFICA NA AREA DAS
CIENCIAS SOCIAIS: O CASO DO INSTITUTO
DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS -IFCH-
DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS -UNICAMP-

INTRODUÇÃO

As Ciências Sociais constituem uma área de conhecimento bastante polemizada ante o grau de flexibilidade dos marcos metodológicos na elaboração de pesquisas, além da pouca "objetividade científica" que conduz, conseqüentemente, a um discurso altamente abstrato, incompreensível e distanciado da realidade do seu contorno. Nas palavras de Schwartzman:

"As ciências sociais sempre viveram em um estado mais ou menos permanente de "crise" e discussões intermináveis sobre métodos, abordagens e discursos, combinadas com exegeses igualmente intermináveis sobre fundadores. [Tais discussões], costumam ser tomadas como indicadores do pouco amadurecimento e consolidação do campo". (Schwartzman, 1990, p. 1)

Esta situação não prevalece com igual força na área de ciências naturais, exatas ou tecnológicas (que designaremos daqui em diante como ciências "duras"), cujo processo de validação do conhecimento tende a ser mais concreto e cujos produtos gerados têm maiores perspectivas de ser incorporados no processo de desenvolvi-

mento científico-tecnológico de um determinado país.

Porém, isto não quer dizer que esta última área esteja isenta de problemas metodológicos e epistemológicos; muito pelo contrário. Cada área (ciências "duras" e ciências sociais), têm suas próprias particularidades e seus próprios limites que evidenciam diferenças interessantes com respeito ao comportamento das respectivas redes científicas.

Nesse sentido, existem estudos que realizam uma série de comparações, sugerindo que ambas as ciências tendem a dar lugar às chamadas "revoluções paradigmáticas", efeito natural e lógico do processo de geração e consolidação do conhecimento. (Schwartzman, 1990 ; Morales, 1991 ; Castro, 1986).

Mas a idéia deste projeto, não é aprofundar-se em tais comparações e sim concentrar-se somente nas áreas das ciências sociais, uma vez que é através da mesma que se adquire uma compreensão mais ampla dos problemas que existem nas sociedades de hoje em dia. Daí a necessidade de conhecer, pelo menos a nível global, a formação e institucionalização dessa área no Brasil (tema que será considerado no capítulo I) com a finalidade de entender melhor as condições atuais das estruturas de trabalho dos cientistas sociais, especificamente de quem se desenvolve em universidades como a Universidade Estadual de Campinas -UNICAMP-, considerada uma das melhores a nível nacional pelo seu alto nível no desenvolvimento de pesquisas científicas e tecnológicas.

Cabe destacar os objetivos principais do trabalho, baseados em dois grandes eixos. Em primeiro lugar, trata-se de conhecer os

tipos de produção de conhecimento e os canais de comunicação que se geram dentro de uma determinada comunidade científica na área de ciências sociais, concretamente a referente ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas -IFCH- da UNICAMP, outorgando-lhe o mérito de representatividade dessa área para a elaboração deste projeto, pelas diversas áreas que compreende, assim como pela excelência acadêmica que o caracteriza.

Em segundo lugar, pretende-se elucidar as contribuições que as unidades de informação proporcionam dentro do processo dinâmico de produção de conhecimento. Neste caso, trata-se de determinar o que a Biblioteca do IFCH realizou e está realizando nesse sentido, através de suas funções, serviços e produtos, assim como medir seu grau de utilidade, atualização, agilidade de serviços e relação com os temas de pesquisa trabalhados no Instituto em questão. Em outras palavras, trata-se de compreender até que ponto se dá uma interação entre o setor processador (biblioteca) e o setor gerador-consumidor da informação (pesquisadores e docentes).

Este trabalho caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa. Portanto, não pretende, de modo algum, avaliar, nem a produtividade do IFCH, nem o funcionamento da respectiva biblioteca.

Trata de compreender, por um lado, as práticas de colaboração entre os pesquisadores do Instituto, ou seja, as formas como eles interagem entre si e com outros pares, a nível nacional e internacional, para desenvolver suas atividades acadêmicas e, por outro lado, as formas como a unidade de informação atua nessa interação.

A motivação para realizar este estudo, está sustentada principalmente no fato de as ciências sociais constituírem uma área que nunca mereceu a importância que se dá às ciências "duras", pois parece existir um maior interesse em conhecer os fatores que levam a criar ou demonstrar teorias mediante toda uma infraestrutura de laboratórios e equipes especializados para gerar inovações tecnológicas que serão eventualmente aplicadas. As ciências sociais não se caracterizam por ter uma aplicação imediata, nem necessariamente esta é sua finalidade. Seu âmbito de estudo responde a uma necessidade social, cultural, política e econômica que leva anos para ser compreendida em sua totalidade.

Por outro lado, nesta área, a busca da verdade é um processo paulatino que muitas vezes leva a resultados que, apesar de interessantes, podem não ser devidamente valorizados, porque simplesmente se ignora sua existência. Isto reflete dois aspectos: deficiência no processo de divulgação através de mecanismos convencionais ou não convencionais, ou pressões de grupos externos que tergiversam a informação, segundo seus interesses (por exemplo, quando os pesquisadores se vêm obrigados a omitir ou modificar certos dados de seus trabalhos como condição que colocam as editoras para publicar seus produtos). Estes e outros aspectos, que intervêm no comportamento das redes científicas, serão considerados no capítulo II do trabalho.

Entrar na dinâmica de produção de conhecimento nesta área, faz surgir uma série de interrogantes que devem ser organizados de forma lógica, à espera de obter uma visão panorâmica suficiente-

mente ampla que permita ter critérios para discernir os caminhos que levam os pesquisadores sociais a atuar de uma determinada forma com relação a suas atividades intelectuais. Tais inquietudes, respondem precisamente a preocupações ditadas pela experiência profissional da autora do trabalho (formada em biblioteconomia na Universidade de Costa Rica -UCR-) orientada para o contato com comunidades acadêmicas dentro das áreas humanas, detectando as necessidades de informação em determinados institutos de pesquisa, assim como os problemas que impedem um melhor desempenho das unidades documentais no ciclo de transferência da informação. ¹

Com a finalidade de ter conhecimento da produção científica do Instituto, foram revisados os Anuários Estatísticos da UNICAMP (produzidos pela Pró-Reitoria de Pesquisa) correspondentes ao período 1985-1992. A partir desses dados foi possível esquematizar os tipos de canais utilizados pelos pesquisadores do IFCH para interagir com os seus pares nacionais e internacionais.

Paralelamente, foi analisada a produção científica de cada um dos três departamentos que conformam o Instituto (Ciências Sociais, História e Filosofia), destacando aqueles pesquisadores cuja produtividade fosse bastante significativa, mas também considerando aqueles que não contaram com dados quantificáveis relevantes, segundo os dados dos anuários, com o fim de conhecer as causas desse nível baixo de produtividade.

¹ Espera-se que o desenvolvimento do estudo da rede científica do IFCH, sirva como experiência gratificante para ser aplicado em meu respectivo país com o objetivo de contribuir na consolidação do Sistema Nacional de Informação Científica e Tecnológica.

Dessa forma, a amostra está conformada por quatorze pesquisadores ², dos quais, quatro pertencem ao Departamento de História, quatro ao Departamento de Filosofia e seis ao Departamento de Ciências Sociais ³.

Desta amostra, 57,1% são professores doutores, 35,7% tem livre docência e 7,1 o mestrado. Todos eles trabalham em tempo integral no IFCH.

Para complementar os dados obtidos nos anuários, foram revisados os *curricula vitae* dos professores da amostra, com o fim de contar com dados mais confiáveis e completos. As diferenças encontradas em ambas as fontes foi surpreendente, comprovando-se um alto grau de omissão de informação nos anuários. Não obstante, ainda reconhecendo a parcialidade dos dados obtidos, estes foram mantidos como indicadores gerais da produção do Instituto ⁴

A partir desses dados, foram confeccionadas uma série de tabelas que mostraram as tendências de uso de canais por parte da comunidade acadêmica do IFCH, revelando características interes-

² Tendo em vista que a população total do IFCH compreende 116 docentes, o tamanho da amostra não pretende ser representativo nem exaustivo, uma vez que o objetivo deste trabalho está orientado mais para a compreensão de aspectos qualitativos do que quantitativos, como já foi indicado.

³ Devido ao desmembramento deste Departamento em três sub-áreas: Antropologia, Sociologia e Ciências Políticas, foi incluído um número maior de seus professores na amostra.

⁴ A hipótese implícita no uso dos anuários para comparar a produtividade interna por tipo de produto entre os departamentos, e a de certa constância na omissão de informações nestes é uma distribuição mais ou menos uniforme da produção não registrada entre os pesquisadores.

santes no comportamento dos cientistas, segundo o departamento ao qual pertencem. Tais tabelas foram incorporadas no texto e analisadas à luz dos objetivos do trabalho.

A técnica utilizada para trabalhar com a amostra foi a entrevista, cujo roteiro foi dividido em duas partes (Ver Anexo 1).

A primeira corresponde à dinâmica de produção de conhecimento, dentro da qual foram agrupadas uma série de perguntas em torno aos seguintes temas: produção acadêmica, política de publicação, atividades de ensino e pesquisa, estímulo e reconhecimento por parte das comunidades científicas e formas de comunicação estabelecidas para interagir com os pares nacionais e internacionais, assim como com a sociedade em geral. A análise desta primeira parte do roteiro foi desenvolvida no capítulo III.

A segunda parte da entrevista colocou inquietudes concernentes ao papel da Biblioteca do IFCH (BIFCH) no desenvolvimento das pesquisas, sem obviar os fatores que tem impossibilitado o alcance dos objetivos propostos na mesma, segundo os pesquisadores da amostra. Para complementar o quadro do funcionamento desta unidade de informação, foi confeccionado um outro questionário dirigido à Directora da BIFCH (Ver anexo 2), mediante o qual foi possível esclarecer não só as formas como se dá a interação entre tal unidade e a comunidade de pesquisadores, senão também as barreiras que tem obstaculizado tal relacionamento segundo a perspectiva da Directora. O capítulo IV corresponde precisamente, ao análise desta segunda parte.

Finalmente, nas conclusões, são resgatadas as idéias mais

importantes do trabalho onde se trata de elucidar os problemas encontrados no processo de comunicação dos pesquisadores do IFCH como um intento para notificar uma realidade que nem sempre traz beneficio para todos.

CAPÍTULO I

Contextualização das ciências sociais na UNICAMP

O desenvolvimento das ciências sociais no Brasil, localiza-se dentro do período 1930-60, quando começa a crescer o ensino superior com marcada influência das escolas francesas e norte-americanas na definição e consolidação das atividades de ensino e pesquisa.

As primeiras foram responsáveis pela organização e implementação das pautas básicas para o sistema de ensino universitário, concentrado mais nas atividades docentes do que nas atividades de pesquisa, segundo o chamado "modelo napoleônico" baseado "... em uma série de estabelecimentos de ensino que têm a "faculdade", ou seja, a permissão, de outorgar títulos e qualificações profissionais." (Schwartzman, 1981, p.114). A pesquisa não é contemplada como uma prioridade, porquanto o doutorado é considerado a cume da carreira acadêmica do cientista.

Entretanto, mais recentemente, a influência norte-americana no ensino superior brasileiro deu um grande impulso na formação do cientista como profissional independente, preocupado por desenvolver seu trabalho intelectual. O doutorado passa a ser apenas o início da trajetória intelectual dos cientistas.

Fernanda Massi, diz a respeito:

"Quando falamos de presenças estrangeiras no Brasil, estamos tratando de viajantes que desembarcam no país em diferentes datas com objetivos diversos. Uns ficam, outros passam. Uns trazem idéias na bagagem e deixam-nas aqui. Outros apenas levam dados. Uns são *presenças*, outros representam *influências*. Os franceses que chegam para inaugurar a USP têm como missão atualizar e civilizar tão novo país. Os norte-americanos vêm um pouco mais tarde, encontram terreno menos virgem. Trazem *know-how* de pesquisa, estabelecem um trânsito prolongado entre os dois países. Tais personagens estrangeiros ("*presenças*" ou "*influências*", franceses ou

norte-americanos) estabelecem relações diferenciadas com o Brasil ...” (Massi, 1989, p. 456)

A partir da revolução dos anos 30, deu-se início a um processo paulatino de institucionalização que tomou maior força com a reforma de ensino do Ministro Francisco Campos (promulgada na Lei 5.540/68) a qual estabeleceu um novo estatuto das universidades.

Em 1935, graças a tal reforma, foi possível a reorganização da Universidade do Rio de Janeiro -URJ- (criada em 1920), assim como a fundação da principal instituição brasileira de pesquisa científica: a Universidade de São Paulo -USP- e sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Anos mais tarde foram incorporadas as Escolas estaduais de Medicina, Direito e Engenharia. Tal universidade cresceu em um período de grande agitação econômica e política, com a derrota de São Paulo em 1932, no conflito com o regime de Getúlio Vargas, que obrigou a uma grande parte da elite intelectual do Estado a emigrar para universidades européias e permanecer nelas durante o período da guerra. Ao mesmo tempo, cientistas europeus, atraídos por diversas razões, asentaram suas bases de ensino e pesquisa na USP, e foram denominados "filósofos", embora não tenham conseguido a liderança intelectual nas escolas profissionais.

A herança intelectual francesa, importada com os professores que vieram para a Faculdade de Filosofia da USP após 1934, traz para o Brasil a polémica entre os sociólogos de tradição "durkheimiana" e seus opositores, representados principalmente pelo antropólogo Levi-Strauss, e por Roger Bastide.

A influência norte-americana faz-se sentir inicialmente pela presença de Donald Pierson entre os professores da Escola de Sociologia e Política, que estimula o estudo de comunidades. Para os sociólogos norte-americanos, no entanto, o Brasil é muito mais objeto de análise que área de propagação de idéias. A Bahia foi o *locus* preferido para esses estudos.

O modelo norte-americano de ensino e pesquisa só vai se consolidar a partir da reforma universitária de 1968, com a

extinção de cátedra e a criação dos departamentos. (Massi, 1989)

A partir da II Guerra, a proliferação de universidades federais no resto do país, assim como a preservação de alguns institutos de pesquisa e fundação de outros, permitiram expandir o conhecimento em diversas áreas profissionais orientadas à satisfação das necessidades sociais, concretizadas no cumprimento das funções de docência, pesquisa e extensão universitária. Como exemplo de tal institucionalização, é válido destacar o Instituto Tecnológico da Aeronáutica (1940), a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência -SBPC- (1948) e a Universidade de Brasília (1960).

Paralelamente, a política das agências governamentais na criação da maioria dos programas de pós-graduação, incentivou o desenvolvimento da pesquisa neste nível em algumas universidades, principalmente durante o período 1965-1981, devido às exigências de titulação como requisito para a ascensão na hierarquia acadêmica.

Observa-se um crescimento no número de professores na pós-graduação, assim como um aumento significativo de profissionais dando continuidade a seus estudos, especialmente nas áreas de física, ciências biológicas e ciências sociais, cujos programas de mestrado e doutorado começaram em 1965 (Gracelli e Castro, 1985, p. 193).

A ação de fomento das agências que ofereceram incentivos financeiros para a consolidação da pós-graduação, constituiu-se em um fator chave na expansão do ensino superior. Entre tais agências, ressaltam o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) e a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ambas criadas em 1951, assim como a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), de 1962. Cada uma delas contribuiu para o desenvolvimento científico e tecnológico, mediante a distribuição dos recursos para as diversas pesquisas. O CNPq, inclusive, teve um importante papel como coordenador do "Programa Estratégico de Desenvolvimento 1968-70" conjuntamente com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE), onde foram incluídos pela primeira vez, aspectos relacionados à "política científica". A

partir de 1975, o CNPq coordena o "Sistema Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico" (SNDCT), e é responsável pela elaboração e coordenação do "Plano Básico de Desenvolvimento Científico e Tecnológico" (PBDCT).

Dentro deste contexto, cabe destacar a criação da Universidade Estadual de Campinas -UNICAMP- em 1962 (Lei no. 7655, durante o Governo Carvalho Pinto), como um esforço mais das autoridades estaduais para lidar com os problemas nacionais e contribuir para o processo de transformação científica e tecnológica do país. O nascimento desta universidade obedeceu também a fortes pressões das classes média e alta da sociedade local, que insistiam na necessidade de unificar as escolas isoladas existentes em uma só instituição e dar espaço à definição, consolidação e diversificação de áreas profissionais vinculadas ao setor produtivo.

Nesse sentido, Zeferino Vaz, primeiro reitor da UNICAMP e o principal impulsionador da criação desta Universidade, promoveu com sua liderança e determinação a implementação nessa instituição da busca da excelência acadêmica e da produção científica de alta qualidade, voltada para a solução dos problemas tecnológicos, como ele mesmo afirmou:

"... num país desenvolvido, a universidade pode limitar-se a dois tipos de atividades fundamentais: transmitir o conhecimento (para a formação de profissionais, artistas, literatos, filósofos, humanistas), e promover o conhecimento novo, através da pesquisa científica básica (...). [Em nosso país] as universidades não podem mais limitar a sua ação ao ensino e à pesquisa básica. Têm por dever sair dos seus muros e, humildemente, mas com convicção anímica, de alma profunda, que leve à ação, ir à comunidade, para detectar quais os problemas que a afligem" (Zeferino Vaz, citado em Lima, 1989, p. 91)

Zeferino Vaz, conduziu, aos poucos, a instalação e funcionamento dos diversos institutos e faculdades que hoje em dia

constituem a UNICAMP, tais como o Instituto de Biologia, o Instituto de Matemática, o Instituto de Física, o Instituto de Química, a Faculdade de Engenharia, a Faculdade de Tecnologia de Alimentos e a Faculdade de Enfermagem.

Dentro das ciências humanas, foi criado, entre outros, o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas -IFCH-, em 1966, abrangendo as áreas de epistemologia, filosofia e lingüística.

Dois anos mais tarde, promulga-se oficialmente a criação do Instituto e se definem novamente as áreas em três departamentos: Ciências Sociais (integrado por antropologia, filosofia, história, política e sociologia), Economia e Planejamento Econômico, e Lingüística. Os programas de mestrado em antropologia social e lingüística funcionaram desde 1971, e os demais, iniciaram suas atividades em março de 1974. Nesse mesmo ano, o Instituto deu início ao programa de mestrado em história (restruturado em 1987), cuja implantação foi concluída com a constituição do programa de doutorado em 1988.

Em 1975, começaram a formular-se propostas para separar o Departamento de Economia e Planejamento Econômico e constituí-lo como um instituto. Tal proposta foi implementada em 1984, com a criação do Instituto de Economia.

Um ano mais tarde, como produto do desmembramento do Departamento de Lingüística do IFCH, cria-se o Instituto de Estudos da Linguagem.

Assim, a estrutura do Instituto baseia-se atualmente em três departamentos: Ciências Sociais, integrado por: Antropologia (cujo doutorado começou em 1984), Sociologia e Ciências Políticas, História e Filosofia. Este último abriu seu programa de mestrado em 1977.

Segundo o último relatório do IFCH (a ser publicado no Anuário Estadístico da UNICAMP de 1993), o Instituto conta com um total de 116 professores, sendo 65 no Departamento de Ciências Sociais, 26 no Departamento de História e 25 no Departamento de Filosofia.

Com respeito à formação acadêmica: 62 são doutores, 36 tem

o título de mestrado, 13 são professores titulares e 5 livres docentes, todos trabalhando tempo em integral.

As atividades de pesquisa estão concentradas em 48 linhas (28 nas ciências sociais, 10 em história e 10 em filosofia) que têm gerado um total de 157 projetos (105 nas ciências sociais, 34 em história e 18 em filosofia) financiados por agências como a CAPES, CNPq e FAPESP, assim como pela própria UNICAMP.

Baseado nos mesmos relatórios, a relação linha de pesquisa, número de projetos e número de pesquisadores pode apreciar-se nas seguintes tabelas:

TABELA 1.1.

Departamento de Filosofia:
relação linha de pesquisa, número de projetos
e número de pesquisadores

Projetos não vinculados às linhas de pesquisa: 7			
Projetos vinculados às linhas de pesquisa:			
Linha no.	No.Projetos	No.Pesquisadores	Forma de Trabalho
1	5	3	Individual
2	3	1	Individual
3	3	1	Individual
3 (1)	11	5 (2)	TOTAL

(1) No relatório consultado, são especificados o número de projetos gerados de apenas três das dez linhas de pesquisa deste departamento.

(2) Cada um deles desenvolve seu trabalho intelectual dentro de uma só linha de pesquisa.

TABELA 1.2.

Departamento de História:
relação linha de pesquisa, número de projetos
e número de pesquisadores

Projetos não vinculados às linhas de pesquisa: 4			
Projetos vinculados às linhas de pesquisa:			
Linha no.	No. Projetos	No. Pesquisadores	Forma de Trabalho
1	4	4	Coletivo/individ.
2	4	6	Coletivo/individ.
3	13	11	Coletivo/individ.
4	2	1	Individual
5	1	1	Individual
6	3	3	Individual
7	1	1	Individual
8	2	2	Individual
8 (1)	30	29 (2)	TOTAL

(1) No relatório não aparecem especificados o número de projetos das duas linhas de pesquisa que faltam para completar o total de dez, segundo foi especificado nos parágrafos anteriores.

(2) Desses pesquisadores, quatro desenvolvem seus projetos em duas linhas de pesquisa e um, em três ao mesmo tempo. O resto, trabalha em uma só linha.

TABELA 1.3.

Departamento de Ciências Sociais: relação linha de pesquisa, número de projetos e número de pesquisadores

Departamento de Antropologia

Projetos não vinculados às linhas de pesquisa: 41			
Projetos vinculados às linhas de pesquisa:			
Linha no.	No. Projetos	No. Pesquisadores	Forma de Trabalho
1	6	4	Coletivo/individ.
2	3	6	Coletivo/individ.
2 (1)	9	10	SUBTOTAL

Departamento de Sociologia

Projetos não vinculados às linhas de pesquisa: 7			
Projetos vinculados às linhas de pesquisa:			
Linha no.	No. Projetos	No. Pesquisadores	Forma de trabalho
1	2	1	Individual
2	3	4	Coletivo/individ.
3	2	2	Individual
4	3	3	Individual
5	1	1	Individual
6	2	2	Individual
6 (1)	13	13 (2)	SUBTOTAL

Departamento de Ciências Políticas

Projetos não vinculados às linhas de pesquisa: 7			
Projetos vinculados às linhas de pesquisa:			
Linha No.	No. Projetos	No. pesquisadores	Forma de trabalho
1	2	1	Individual
2	5	3	Individual
3	3	1	Individual
4	11	7	Individual
4 (1)	21	12	SUBTOTAL
12 (1)	33	35	TOTAL

(1) No resto das linhas de pesquisas, não são especificados o número de projetos, segundo a fonte consultada.

(2) Deste total, soamente um pesquisador trabalha ao mesmo tempo em duas linhas de pesquisas.

Segundo as tabelas anteriores, é evidente o reduzido número de projetos coletivos devido a várias razões. Em primeiro lugar, as características de organização do trabalho nas ciências sociais induzem os pesquisadores a desenvolver seus projetos individualmente segundo as linhas de pesquisa, salvo quando se trata de trabalhos interdisciplinares onde precisamente se pretende enriquecer a análise de um determinado assunto, de várias perspectivas. De qualquer forma, uma linha de pesquisa pode originar vários projetos, que nem sempre vão ser desenvolvidos em grupos organizados, como se observou nas tabelas anteriores.

O fato de não trabalhar coletivamente, pode ser influenciado também pela falta de financiamento por parte das agências, tendo em vista que os projetos coletivos implicam maior volumen de recursos de financiamento. Isso não acontece nas ciências "duras", dada a prioridade das agências para outorgar recursos às áreas mais "práticas", cujos resultados sejam passíveis de aplicação para o avanço da produtividade de determinados sectores.⁵

Finalmente, cabe destacar que a comunidade científica do IFCH, reúne características interessantes com respeito a seu comportamento intrínseco para gerar e consolidar o conhecimento.

Mas, antes de incursionar na dinâmica de produção intelectual deste grupo acadêmico, é necessário compreender os diversos aspectos que condicionam o desenvolvimento da pesquisa de forma geral, para poder contar com parâmetros que permitam detectar as tendências de trabalho dos pesquisadores do IFCH.

⁵ Devido precisamente a complexidade deste tema, foi incorporado um ítem no capítulo 3 onde são analisadas as diversas opiniões dos pesquisadores sobre essa questão.

CAPITULO II

Condicionantes para o desenvolvimento da pesquisa

A emergência das comunidades científicas, constitui-se em um relevante indicador de como o homem precisa comunicar, compartilhar e discutir seus pontos de vista, com o objeto de gerar dinâmica no processo de conhecimento que lhe permita conhecer e atuar sobre a realidade do mundo que o circunda.

Essa busca da verdade implica em uma infra estrutura social, científica e tecnológica capaz de estimular de forma profícua a interação entre os homens que intervêm neste ciclo de produção. Faz-se necessário definir as condições que vão marcar as pautas do desenvolvimento da pesquisa numa determinada instituição ou grupo específico. Portanto, as normas definidas por Merton (1979) para institucionalizar o conhecimento científico (universalismo, comunitarismo, desinteresse e ceticismo organizado), deveriam ser tomadas em conta por quem deseja legitimar seus trabalhos sem perder de vista sua própria autonomia profissional, embora tais normas sejam contraditórias na hora de concretizá-las em um determinado círculo científico, dada a infinidade de interesses que surgem entre os membros. (Oliveira, 1986, p.59).

Guimarães chama a atenção a respeito do conceito de autonomia:

"No mundo solidário e interativo que é o nosso, em que cada coisa, entidade ou sistema integra conjuntos estruturados em sucessão interminável, a verdade das partes é parte da verdade do conjunto em que se insere. Assim o conceito de autonomia não absolutiza a propriedade de independência porque ao privilegiar a especificidade da parte, não a remove da generalidade do conjunto. Em linguagem chãmente coloquial diríamos então que autonomia não consiste na autorização de simplesmente "se fazer o que der na telha", mas sim, na possibilidade real de agir produtivamente dentro da necessidade de constrangimentos legítimos, oriundos da própria natureza das coisas do mundo" (Guimarães⁶ citado por

⁶ Guimarães, J. "A autonomia universitária se identifica com a estrutura do poder". Journal do Brasil (especial), 27 de março de 1980, Rio de Janeiro, p.3.

Suassuna, 1985, p.13)

Ou seja, não se trata de que as comunidades científicas fiquem em uma "ilha" ou em uma "torre de marfim", como se queira ilustrar tal afastamento, sem que se estabeleçam os vínculos com o setor externo para produzir em função das necessidades detectadas, de tal forma que se gere um processo de retroalimentação entre os pesquisadores e o sistema social.

Cabe então, formular as seguintes questões:

Existe vinculação do trabalho acadêmico do pesquisador com seu contorno social, econômico e político? Qual é o lugar da pesquisa neste caso? É possível associar as atividades de ensino e pesquisa? Como alcançar tal relacionamento? Será que os cientistas desenvolvem suas pesquisas em um clima de interdependência, ou trata-se de uma luta individualista e competitiva? Por que esse dilema de "publicar ou perecer"?

Tratou-se de desenvolver estas questões separadamente nos próximos itens.

1. Pesquisa e ensino: combinação utópica?

No Brasil, a inextrincável associação do ensino com a pesquisa constituiu meramente um mito, cuja necessidade nunca foi sentida ou cumprida no âmbito da sociedade global infensa à pesquisa.
(Suassuma, 1985, p. 11)

As instituições de educação superior constituem-se no principal centro de concentração dos pesquisadores, tanto para as nações do primeiro mundo como para as do terceiro.

No caso da América Latina, estão sendo feitos esforços que propiciem o desenvolvimento do conhecer universitário, especificamente na melhoria da qualidade do ensino a nível de graduação e pós-graduação. Nesse sentido, as estatísticas geradas pela UNESCO deixam entrever uma tendência bastante concentradora mostrada pelos países dessa região. No Brasil por exemplo, segundo os últimos dados disponíveis (1985-86), 68,31% dos pesquisadores desempenhavam suas funções dentro dos recintos universitários; 20,53% em instituições especializadas em ciência e tecnologia -C&T- (institutos de pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa -CNPq-, Empresa Brasileira de Produtos Agropecuarios -EMBRAPA- e outras); 6,37% trabalhavam em outras instituições do governo não especializadas em C&T; 3,42% em empresas estatais e 1,37% em outras instituições privadas, segundo os dados disponíveis do Sistema de Linha de Acompanhamento de Projetos do CNPq -SELAP- (Martins e Queiroz, 1987, p.43). Além disso, 86,59% dos pesquisadores com nível de doutorado encontravam-se nas universidades, o que significa que a pesquisa aí

tende a ser de melhor qualidade, embora receba menos recursos econômicos quando comparadas com as outras instituições, devido aos altos custos envolvidos nos trabalhos de desenvolvimento experimental fora da universidade. Ademais, as agências de financiamento não confiam no acatamento das condições por elas impostas para conceder o apoio aos pesquisadores respectivos.

No entanto, como afirma Schwartzman:

"...as agências frequentemente não tem idéias muito claras sobre o que financiar e tendem a distribuir seus recursos de forma incremental, a partir de demandas prévias da própria comunidade científica. Elas se aconselham com os cientistas, e neste sentido, acabam por seguir sua orientação". (Schwartzman, 1986, p.86)

E esclarece:

"Em outras palavras, ainda que livres para estabelecer preferências e prioridades muito amplas de pesquisa, as agências de financiamento trabalham sob a influência direta da comunidade, ou pelo menos de um grupo selecionado de pesquisadores, quando se trata de apoiar projetos específicos. Sua influência real é, assim, menor do que geralmente se supõe " (Loc.cit).

Por isso, afirma-se que o pesquisador universitário goza de um certo nível de autonomia e criatividade que lhe permite definir suas próprias linhas de projetos, além de sua equipe de trabalho, em um ambiente flexível para lograr o financiamento de suas pesquisas, sem cair nos obstáculos burocráticos como acontece nas empresas estatais e privadas.

Por outro lado, o sistema de recompensas no sistema universitário de pesquisa está determinado pelo controle de qualidade do desempenho individual dos pesquisadores. Esta "qualidade", não só

deve considerar o conteúdo intrínseco do produto intelectual mas também valorar em que medida os trabalhos estão em função de obter resultados relevantes para o bem-estar social. Tal particularidade faz deste sistema o principal eixo de geração de trabalhos científicos que, de fato, vão repercutir na carreira profissional e na busca de *status* dos pesquisadores.

No entanto, o avanço do conhecimento dentro da estrutura universitária não deve ficar só no estímulo da pesquisa, e relegar a um segundo plano a importante tarefa de ensino, mediante a qual pretende-se dar continuidade à formação de recursos humanos que vão ser incorporados ao setor produtivo, estatal ou empresarial. O ensino, tanto a nível de graduação, como de pós-graduação, constitui-se no pilar fundamental para dar funcionalidade à universidade. Entretanto, em ambos os níveis, a qualidade deve ser uma característica predominante, assim como a participação dos estudantes na elaboração de pesquisas.

Porém, a associação ensino/pesquisa, no contexto brasileiro, tem-se concebido como um mito por autores como Suassuna (1985), Campos Coelho (1986) e Schwartzman (1990), entre outros, que destacam a pouca relevância que tem para os pesquisadores as atividades de ensino, principalmente tratando-se de ensino a nível de graduação. Tal fato deve-se a sua preferência por manter contato com grupos de alto nível intelectual ou especializado que lhes permita polemizar, trocar idéias, participar de projetos, discutir perspectivas, e ao mesmo tempo, estar na vanguarda da produção e atualização do conhecimento. Não acontece o mesmo no nível de pós-

graduação, devido ao profissionalismo que se supõe que caracteriza o estudantado que conforma os grupos de mestrado, doutorado e pós-doutorado. A política educacional não deve descuidar o desenvolvimento destes cursos, uma vez que eles tem um carácter estratégico:

"La creación de estudios de postgrado, es una necesidad y un reto para nuestras universidades. El esfuerzo serio que, en tal sentido hagan, aprovechando la cooperación regional latinoamericana, contribuirá a superar la situación de dependencia científica y tecnológica de nuestros países. Los estudios de postgrado representan los elementos más sólidos de la infraestructura científica de un país y tienen una importancia decisiva en la creación de su tradición científica" (Tunnerman, 1976, p.30)

Tunnerman defende também a idéia de que a carreira de docente não tem por que estar desligada das atividades de pesquisa; ambas devem unir-se em uma só carreira para ser igualmente conduzidas nos diversos graus acadêmicos e categorias docentes, além de ser receptivas à incorporação dos novos professores, para dar sentido ao ciclo de geração contínua de informação.

No entanto, tal proposta dificilmente terá influenciado as instituições de educação superior dos países latinoamericanos. No caso do Brasil, isto é claro:

"Primeiramente, o sistema de pós-graduação foi, mais uma vez, imposto. Ignorou com freqüência, o ensino de graduação que lhe deve servir de afluente e omitiu-se em avaliar as tradições de grupos constituídos de pesquisa nas instituições pelas quais se expandiu, como o fator mais importante para consolidar o ensino pós-graduado (...). O ensino só terá valor se de alguma forma brotar desta pesquisa e permitir que

o aluno dela participe. (Grifo meu) (Ribeiro⁷ citado por Suasuna, op. cit. p.6).

Ou seja, o desenvolvimento da pesquisa constitui-se em uma pré-condição para assegurar o bom desempenho nas atividades de ensino, como esclarece Ribeiro:

"Em outras palavras, como muitas vezes já se disse, a Universidade ensina porque pesquisa e pesquisa para ensinar. De outra forma, não ensina, passa lições. Se esta é a verdade quanto à graduação, o que resta a acrescentar quanto ao sistema de formação de mestres e doutores? (Loc.cit).

Mas não é só isso. Assinala-se também a imitação mal feita dos modelos de ensino de países como Estados Unidos e Alemanha, entre outros. Além disso, põe-se em evidência a incapacidade da universidade para atuar segundo as necessidades sociais, políticas e econômicas palpáveis no Brasil, como afirma Ribeiro:

"...não há nenhuma razão que justifique aumento de despesa pública com a universidade. Esta não exerce hoje nenhuma função social relevante" (Ibid, p. 11) (Grifo meu)

É realmente preocupante tal afirmação, uma vez que contradiz os discursos daqueles que, ainda estando envolvidos com a problemática, não chegam a desenvolver formas concretas de lograr a interação da universidade com seu meio externo. Uma das razões que explicam tal comportamento constitui a pouca conscientização que prevalece nos pesquisadores/docentes, talvez mais preocupados

⁷ Ribeiro, R.J. "A quimera do ensino pago". Journal do Brasil.(primeiro caderno, opinião), 4 de setembro de 1984, Rio de Janeiro, p.11)

em obter o reconhecimento social e a conquista de um espaço dentro da comunidade científica, ignorando os benefícios que poderiam gerar para a sociedade em geral. Então, será que o ambiente competitivo é, até certo ponto, um fator negativo para o desenvolvimento das diversas funções da universidade, principalmente aquelas voltadas às atividades de pesquisa?.

Precisamente, a resposta a esta questão será desenvolvida no item seguinte.

2. Competitividade vs Cooperação:

"O criador procura companheiros, não procura cadáveres, rebanhos nem crentes; procura colaboradores que tragam valores novos colaboradores que ceifem e descansam com ele (...). Que se importa ele com rebanhos, pastores e cadáveres? (Suassuna, 1985, p.7).

A dinâmica das comunidades científicas está determinada pelo nível de interação que predomina entre seus membros, motivados por objetivos convergentes na busca da consolidação do conhecimento. É claro que os cientistas devem apegar-se a certas normas que padronizem os procedimentos para alcançar tal finalidade com uma certa margem de liberdade; porém, também é claro que o sentimento de solidariedade deve prevalecer para agilizar tal interdependência. As relações pessoais entre os pesquisadores são bastante importantes para estimular seu próprio desempenho. A idéia de estabelecer critérios para pertencer a estas redes choca, até

certo ponto com os princípios mertonianos, mesmo porque o poder está nas mãos de um reduzido grupo, responsável da aprovação ou desaprovação da capacidade intelectual daqueles que aspiram a ser valorados dentro de determinado contexto.

Porém, " ... a convivência está sempre sendo modelada e ameaçada pela constante luta pela dominação e pelo poder, por parte de um ou mais grupos. Uma das facetas dessa luta se reflete nos critérios estabelecidos para avaliar as pessoas: os grupos dominantes tendem a fazer prevalecer os critérios que mais lhe viabilizam os objetivos". (Oliveira, 1985, p.100) (Grifo meu).

Isto repercute com muita força no estado psicológico do pesquisador, principalmente daquele que está iniciando sua carreira, na medida em que a avaliação de seus trabalhos está determinada pelo julgamento de seus pares, possivelmente dominados por sentimentos egoístas que, de fato, vão reduzir as oportunidades para quem aspira ascender na estratificação científica.

A competitividade é uma força que não leva sempre a gerar pesquisas de qualidade; procura recompensas sociais mediante descobertas individuais à custa de, inclusive, semear discórdia no ambiente acadêmico.

A própria "qualidade" tem também determinações sociais, como destaca Ziman:

" ... the "quality" of a communication is not an entirely empty concept, but it can be just as much a social construct as the degree of recognition for which it is exchanged (...). For this reason, it is difficult not to fall into a circular argument, in which the quality of a communication is measured by the recognition it receives. The competition for personal

recognition is inseparable from the process by which scientific discoveries are continually being assessed and reassessed. In principle, this is critical evaluation by objective validation and communal accreditation: in practice, it is so closely linked to personal and group interest that social negotiation might be a better description of what goes on. (Ziman, 1984, p. 73).

A competitividade, como um fim *per se*, não leva ao conhecimento se não se têm os controles necessários para encaminhar adequadamente as atividades de pesquisa. O estabelecimento de padrões de avaliação constitui-se em uma alternativa viável para medir os graus de cooperação (e, por que não, de competitividade), que prevalecem na busca de qualidade no conhecer do pesquisador: o *peer review*, a bibliometria e a cientometria são os principais instrumentos para identificar talentos e medir a produção científica nacional. Apesar dos eventuais erros e diversidade de pressões que tais modalidades envolvem, permitem ao menos diferenciar os diversos grupos, setores e instituições que conformam as chamadas comunidades científicas.

A questão da avaliação é um tema que tem sido extensivamente tratado por cientistas reconhecidos como Schwartzman (1990); Castro (1986); Goldemberg (1990); Oliveira (1985) e Neiva (1990), entre outros. Mas o que interessa destacar é o fato da produção intelectual funcionar como uma "carta de apresentação" dos cientistas para obter reputação; para falar de igual para igual com seus pares; participar das atividades científicas; intercambiar seus trabalhos; em síntese, para "existir" dentro da sua comunidade. É nada mais natural que alcançar tais objetivos mediante a

publicação de seus trabalhos.

3. O afã de publicar

"Publicar é o primeiro grande passo e parece representar um grande progresso na conquista de uma reputação" (Oliveira, 1984, p.37).

"A pesquisa propriamente científica (...) ou é publicada ou não existe" (Schwartzman, 1984, p. 25)

O esforço por estabelecer mecanismos de comunicação entre os membros das comunidades científicas tem sido um dos fatores de incontável "boom documental" ou "explosão da informação", explicável pelo vertiginoso avanço da ciência moderna.

Termos como "sociedad post-industrial", "sociedad super-industrial", "tercera ola", "revolución científico-tecnológica" e "industria de la información" (citados em León, 1991, p.40), são só alguns dos conceitos que tratam de englobar o transcendental crescimento da informação, considerada núcleo central para o funcionamento das sociedades atuais e futuras.

A publicação constitui uma das principais formas do "engrossamento" da massa amorfa da produção científica e apenas é a ponta do *iceberg*, se for tomada em conta ainda a literatura "cinza" ou não convencional, composta pelos relatórios de governo e documentos gerados dentro dos congressos, simpósios, seminários ou outros tipos de encontros. De qualquer forma, ambas representam para o cientista uma ponte para estabelecer contato com seu público

leigo (viável mediante a publicação) e sua comunidade científica, cujos mecanismos "subterrâneos", "invisíveis" ou "informais", são peculiares. (No item seguinte desenvolvem-se com mais detalhe os diversos mecanismos).

No entanto, o fato de publicar implica superar uma série de obstáculos, como a falta de financiamento, pressões ou interesses de quem ostenta o poder institucional ou editorial e pouco estímulo ao desenvolvimento da pesquisa. Estas são só algumas das barreiras que o pesquisador deve enfrentar para satisfazer sua necessidade de retroalimentação e ao mesmo tempo, obter recompensas sociais em um ambiente competitivo. Porém, é válido lembrar que a publicação só têm sentido na medida em que realmente chegue a utilizar-se, a discutir-se, a ser considerada por outros. Nesse sentido, as citações surgem como um estímulo significativo na carreira do pesquisador, que assim consegue fazer desvanecer seus temores de "produzir para ninguém", de que seus trabalhos fiquem "engavetados", sem sequer ser lidos (imaginando o pior dos casos) e conseqüentemente, sendo ignorado seu verdadeiro valor.

Moraes, faz uma interessante observação a respeito:

"Assim, a citação dá ao pesquisador muito mais prazer e recompensa do que a própria publicação. -Olha professor, seu artigo já saiu publicado no último número da revista-. -Ah, que bom-. Entretanto é com grande euforia que ele comenta: -Você não sabe como eu fiquei contente, o meu orientador lá na Alemanha me disse que meus trabalhos estão sendo citados com muita frequência, até muito mais do que alguns pesquisadores alemães da minha área" (Moraes, 1991, p.75) (Grifo meu)

Não adianta então contabilizar somente o que se têm produ-

zido, se não se detecta o grau de impacto que a transmissão de conhecimento gera em um determinado grupo ⁸, principalmente se tal transmissão transcende as fronteiras nacionais, como se percebe na citação anterior.

O simples fato de ser mencionado pelos cientistas da *mainstream* ⁹, constitui um grande reconhecimento, devido aos preconceitos que se têm em relação aos cientistas dos países subdesenvolvidos que enfrentam pouca credibilidade em relação aos resultados obtidos, pouca divulgação devido ao reduzido uso da língua oficial na comunicação (o inglês; os demais idiomas são considerados "não científicos"), e dificuldades no acesso à informação produzida no âmbito internacional (Vessuri, 1986, 6-7 pp.).

O Science Citation Index (SCI)¹⁰, representa um caso exemplar e grave da discriminação da ciência periférica. Vários autores tem constatado a pouca relevância que têm para o SCI, a

⁸ Cabe fazer as diferenças entre o público alvo ao qual se destinam as publicações: quanto maior a especialização na linguagem usada, mais intensa será a comunicação com os pares (casos típicos nas áreas das ciências naturais, exatas ou tecnológicas). As ciências humanas, embora posee também uma linguagem particular, as idéias caracterizam-se por ser mais abrangentes. Portanto, a transmissão do conhecimento vai ter maior receptividade ainda por aqueles alheios à comunidade científica.

⁹ Este termo refere-se à ciência produzida nas grandes comunidades científicas geralmente pertencentes aos países desenvolvidos e portanto, caracterizados por ter a vanguarda do conhecimento. Denomina-se também *big science*.

¹⁰ Índice de referência bibliométrica internacional que se convencionou tomar como medida universal da qualidade dos trabalhos, por reunir citações das principais revistas do mundo inteiro de todas as áreas do conhecimento.

inclusão da produção científica das nações subdesenvolvidas (véase a respeito Velho (1985); Roche & Freitas (1982); Morel & Morel (1977); Lancaster e Carvalho (1982); Meneghini (1988); Vessuri (1986) e Moraes (1991)). Roche & Freitas, por exemplo, dizem a respeito:

"... el Science Citation Index (...) está sesgado a favor de los países centro anglófanos (...), subestima a la URSS así como también a regiones subdesarrolladas y, en particular, a la latinoamericana. Es cierto que Latinoamérica está muy mal representada en el SCI". (Roche & Freitas, 1982, p. 287)

Do total de artigos indexados pelo SCI em 1978, apenas 0,14% das citações foram para artigos brasileiros. Por outro lado, 23,1% dessas citações foram feitas pelos próprios pesquisadores brasileiros (Schwartzman, 1984, tabela 2a, p. 27), o que revela, ao menos, a existência de uma rede científica nacional mais ou menos consolidada e preocupada por definir seus próprios vínculos.

Na base de datos do Institute for Scientific Information (ISI), coordenado por Eugene Garfield, apenas foram incluídas 1060 das publicações nacionais, o que representa apenas 0,03% sobre a totalidade mundial. O impacto dos artigos em português e das revistas brasileiras em geral, nem apresenta dados quantificáveis para os anos 1973 e 1978 (Schwarzman, 1984, tabela 2, p.27). Além disso, considerando os dados apresentados em outra tabela, 47,4% dos pesquisadores inclinam-se por publicar seus artigos no meio nacional contra 36,3% que dá prioridade à divulgação de sua

produção no âmbito internacional. O resto (16,3%), consideram igualmente relevantes as publicações nacionais e internacionais como meios para divulgar seus artigos. (Schwartzman, 1984, tabela 3, p.28). A confiabilidade destes dados, outorga ao Brasil a segunda posição no *ranking* mundial de produção científica da ciência periférica, superado só pela Índia, (segundo Schwartzman, 1984, p.26).

No entanto, "...muitos dos cientistas brasileiros mais qualificados só publicam no exterior, o que fortalece a reputação internacional da ciência brasileira mas enfraquece a das revistas científicas nacionais". (Schwartzman, 1984, p.27). Isto ocorre devido à idéia difundida de que publicar para o público leigo nacional significa desvalorizar os resultados ou "sepultá-los", devido à incapacidade da sociedade de absorver o conhecimento produzido para cultivar-se, para ter critérios amplos sobre os acontecimentos, informar-se, participar ativamente das discussões relevantes no seu contorno social e não ficar nas trevas da ignorância. Porém, não se deve deixar de considerar que parte desta "indiferença social" é consequência da pouca relação entre o setor gerador de conhecimento e o setor consumidor. Como diz Moraes:

"A sociedade não desvaloriza o trabalho da universidade, ela apenas o desconhece. Essa comunicação entre a universidade e a sociedade não se faz somente através de publicações, é claro. Porém a sua ausência nos mostra o quanto o pesquisador está distante do público leigo, dando a impressão que aquele conhecimento que ele produz nada interessa à sociedade, senão quando transformados em bens de consumo à disposição para compra e venda, em forma de produtos e serviços. (Moraes, 1990, p. 156)

Ainda que a sociedade moderna esteja imersa em um contexto capitalista que transborda os limites dos países do terceiro mundo ao ponto de menosprezar seu próprio potencial de produção, não se justifica de nenhum modo o afastamento dos grupos intelectuais do sistema social ao qual pertencem, embora tal relacionamento esteja condicionado pela área de conhecimento à qual estão ligados. As ciências "duras", destacam-se por seu âmbito internacional dado seu interesse por manter contato com elites especializadas que respondam às suas demandas de inovação, de experimentação. Seu público alvo não é, portanto, constituído pelas amplas camadas de população; é somente sua própria comunidade científica definida no âmbito nacional e internacional. Seus trabalhos não buscam ser reconhecidos no seu contorno social imediato, daí a alarmante afirmação de Castro:

"... as ciências duras prescindem de leitores locais, e como consequência, têm menor utilidade para o país. A própria sustentação política e a estrutura de *status* dentro da profissão tendem a ter uma dinâmica interna. É por ser mais reconhecido no exterior que o cientista dessas áreas é reconhecido internacionalmente" (Castro, 1986, p.202) (Grifo meu)

Isso parece refletir uma certa desvinculação destas áreas da realidade nacional dos países tercermundistas, no sentido de que a reputação dos cientistas, está em função da aceitabilidade dos artigos dentro dos marcos da *big science* ou da *science mainstream*. Além disso, é através dos contatos com tais comunidades que os cientistas dessas áreas, atualizam seus conhecimentos e os aplicam segundo a infraestrutura científica e tecnológica de seu

contorno social.

No caso das ciências sociais, a situação é completamente diferente, mas não por isso alentadora. Com efeito, o fato de escrever segundo a própria idiossincrasia, diminui as barreiras assinaladas para as áreas "duras": a comunicação dos resultados das pesquisas pode despertar o interesse da sociedade local porque responde a uma determinada problemática nacional. Porém, a busca de respostas pode levar a cópias mal feitas dos modelos adaptados nas nações que estão na vanguarda da produção científica. Isso sugere a importância de definir uma política científica que mantenha o equilíbrio entre ambas as ciências e lhes outorgue maior funcionabilidade dentro da perspectiva "nacionalista". (Castro, 1986, p.203)

A idéia é dar sentido ao conhecimento gerado, que a população se mantenha em dia com os estudos, análises, diagnósticos e avaliações geradas pela própria infra-estrutura científica e tecnológica do país, de maneira que os precários recursos que se destinam ao ciclo de produção científica, sejam aproveitados em função das necessidades prementes da sociedade "... con sistemas de evaluación, reconocimiento, estímulo y cooperación definidos y controlados por los científicos de la región." (Vessuri, 1980, p.10).

4. Mecanismos formais e informais de comunicação

A exploração dos canais de comunicação que os cientistas utilizam para intercambiar informação "centrípeta" (aquela que o cientista procura para incrementar seu conhecimento) e "centrífuga" (divulgada só dentro da sua comunidade científica) (Roche e Freites, 1982), constitui o tema central deste ítem, onde se pretende elucidar os tipos de intercâmbio formal e informal, suas características e seu grau de relevância dentro da dinâmica da produção do conhecimento.

Como ponto de partida, é necessário definir o que vai se entender por meios formais e informais de comunicação, uma vez que a base teórica deste ítem está enriquecida com tais concepções.

Canais formais são aqueles que implicam, forçosamente, passar pelo processo de publicação e, via-de-regra, pela revisão do comitê editorial correspondente. Através destes canais divulgam-se os livros, revistas, memórias de seminários, congressos ou encontros, cujo público transcende as fronteiras da comunidade científica, embora varie segundo a área de conhecimento de que se trate (as ciências sociais tendem a ser mais acessíveis pelos fatos referidos no ítem anterior).

Os canais informais estão circunscritos ao próprio grupo de cientistas, preocupados por tornar público seus resultados entre seus pares com a finalidade de gerar discussões, comentários ou avaliações de seus produtos. Esta informação centrífuga é transmitida então, mediante "correntes subterrâneas", tais como

contato pessoal, comunicação via telefônica ou por correio, além das reuniões informais ou formais a nível internacional, nacional, regional, institucional e departamental. Tal peculiaridade de comunicação tem levado a autores como Price (1963) e Crane (1972), a usar o termo de "colégios invisíveis", referindo-se precisamente aos grupos de cientistas, pesquisadores e eruditos que intercambiam informação ainda não publicada e que engrossam a chamada "literatura subterrânea", "literatura cinza" ou "literatura não convencional". Os relatórios técnicos circulados dentro de uma instituição (estudos de diagnóstico, avaliações, memórias anuais, planos de projetos), *pré-prints*, teses e dissertações, publicações internas (apostilas e notas de aula, avanços de pesquisa), trabalhos apresentados em conferências ou congressos nacionais e internacionais, conformam esta singular forma de comunicação. (Ver tabela 2.1.).

TABELA 2.1.

Fontes formais e informais de comunicação científica

FONTES FORMAIS	FONTES INFORMAIS
* Publicados	* Não publicados
* Sua produção e distribuição torna-se mais lenta devido ao rigor do processo editorial, prejudicando o desenvolvimento das atividades de pesquisa.	* Circulam com maior rapidez, posto que os próprios geradores da informação distribuem seus trabalhos diretamente a seus pares.
* Amplo alcance na distribuição	* Alcance limitado e em alguns casos, restringido
* Geralmente tem fins de lucro para o editor.	* Total ou parcialmente gratuitos
* Area temática geral	* Area temática muito especializada ou técnica
* Sua distribuição é feita em lugares estratégicos.	* Sua produção é dispersa e se perde o controle dos lugares onde é divulgada

FONTES FORMAIS	FONTES INFORMAIS
<p>* A informação tende a estar desatualizada, sobretudo pelo tempo que implica o processo editorial. Porém é considerado um mecanismo confiável para obter informação.</p>	<p>* Originam polêmica com respeito ao grau de confiabilidade: para alguns constituem fontes de informação válidas na medida em que fornecem dados atuais e agilizam o intercâmbio de suas pesquisas; para outros, representam tergiversação e pouca seriedade das idéias devido ao pouco rigor dos trabalhos.</p>
<p>* Geralmente, tomam-se em consideração em obras de referência.</p>	<p>* Poucas vezes incluem-se em repertórios, índices, bibliografias, bases de dados ou outro tipo de publicações secundárias.</p>

Qual dessas fontes seria preferida pelos pesquisadores para se manterem atualizados em sua área de conhecimento?

Segundo os dados preliminares revelados no Estudo comparativo internacional sobre a organização e desempenho de unidades de pesquisa (mencionado em Schwartzman, 1984, tabela 4, p. 28), dos 1113 cientistas e pesquisadores brasileiros consultados em 1983, 66% assinalou as revistas internacionais especializadas como a

fonte mais utilizada para estar em dia com a informação produzida em seu âmbito profissional; 22,1% recorre a consulta dos livros, como segundo meio mais freqüente, e 25% aponta, como terceiro meio, a participação em congressos no país. No entanto, tais dados mostram um comportamento diferente à luz das características que identificam as áreas de conhecimento. Temos então que nas ciências "duras" a tendência de escolher as revistas especializadas é ainda maior que nas áreas das ciências sociais, por se constituir em um meio rápido e eficiente para produzir e intercambiar informação (Castro, 1985, p. 201; Moraes, 1991, p.132), apesar das dificuldades de publicação assinaladas por Schwartzman (1984), Vessuri (1986) e Morel & Morel (1977), entre outros.

Em contrapartida, os meios formais de produção e comunicação gerados nesta área são pouco utilizados por estes cientistas, dado o nível de esforço que implica produzir livros, o que se contrapõe aos objetivos de "fluidez de informação" tão perseguidos neste âmbito de conhecimento. Segundo a tabela 1 de Castro (1985, p.200), observa-se que apenas 1% dos biólogos, e pouco menos de 4% dos cientistas das áreas da ciências exatas e da terra, fazem uso dos livros para publicar seus trabalhos e manterem-se atualizados. A única coisa que motiva os pesquisadores a publicar neste meio é a necessidade de "cumprir" com objetivos didáticos (Castro, 1985; Moraes, 1991), ainda que por essa via não estejam contribuindo ao enriquecimento de sua própria comunidade. É algo assim como "popularizar a ciência" para que o público leigo tenha acesso ao conhecimento científico gerado.

Nas ciências sociais a situação é muito diferente, sendo os livros os meios mais empregados para divulgar as idéias porque as mesmas tendem a estar com "...maior riqueza de detalhes e uma narrativa mais complexa" (Castro, 1986, p.201). Tal fato implica em maior dedicação para escrever, principalmente se se têm em conta a predominância de autorias individuais (Moraes, 1991, p.134), repercutindo ainda mais na lentidão do processo de produção e transmissão do conhecimento ¹¹.

Com relação ao uso das revistas pelos pesquisadores sociais, uma esmagadora maioria tende a utilizá-las como mecanismo viável para intercambiar informação (da mesma forma que nas ciências duras), pois são reconhecidas as funções vantajosas que oferecem estes meios, tais como: "...servir de archivo de la producción nacional y regional (...), como registro y consagración del trabajo terminado para su divulgación fuera de los círculos más cercanos a los autores (...), orientar las actividades de investigación [proponiendo] temas nuevos, [abriendo] espacios para el debate de cuestiones más cercanas a los intereses del país o de la región [y apoyando] el desarrollo local de campos cognoscitivos hasta ahora inexistentes en el medio" (Vessuri, 1986, 16-17 pp). Assinala-se um maior impacto das revistas sociais na região latinoamericana, devido ao alto nível de consolidação das redes

¹¹ Os precários recursos que se outorgam às áreas de ciências sociais, à diferença das ciências "duras", constitui-se em um fator marcante de seu estado desvantajoso de desenvolvimento, segundo Castro (1986, p. 202), embora os custos da pesquisa social sejam geralmente inferiores precisamente pelas características do trabalho acadêmico nessa área.

científicas, graças ao esforço de organismos como a "Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales" (FLACSO), destacando-se, entre outras publicações, Ciência e Cultura e Acta Científica Venezolana, ambas editadas pelas Associações Nacionais para o Progresso da Ciência, do Brasil e Venezuela. No entanto, com respeito à participação em congressos, como terceiro meio mais utilizado pelos cientistas (segundo os dados do estudo comparativo já mencionado), a posição dos cientistas das ciências naturais, exatas e tecnológicas é alta com relação aos cientistas sociais (Castro, 1986, p.200). Isto é explicável porque os cientistas do primeiro grupo preocupam-se por estabelecer estreitos vínculos com sua comunidade através de mecanismos não convencionais, como uma forma de obter retroalimentação rápida e atualizada. Portanto, a assistência a congressos ou outros tipos de encontros, é necessariamente obrigatória para certas áreas deste grupo que ainda não têm suficiente respaldo documental, e que são geralmente factíveis de realizar-se, pelo maior acesso a recursos que se têm para desenvolver o conhecer científico próprio.

Nas ciências sociais existe maior dificuldade em formar comunidades em torno a um tema comum, dada a maior fluidez das idéias, além da crise epistemológica recorrente nessa área.

Assim, dentro dos grupos temáticos, geram-se polêmicas que buscam uniformizar os conceitos antes de poder conformar uma comunidade ativa.

O fato desta área estar sujeita às características da sociedade em geral faz do cientista social um ente participativo e

dinâmico, preocupado por comunicar suas idéias ao público leigo mediante formas de validação fora da comunidade científica (como jornais, partidos políticos e associações profissionais).

Esta situação é justificada por Schwartzman quando diz:

"Este é um preço a pagar pelo papel de *intelligentsia* que os cientistas sociais desempenham. Pior seria que ninguém se importasse com o que eles dizem. Não se trata, pois, de abandonar este papel em nome de um comportamento mais "científico", e sim de tentar desempenhar este papel de forma cada vez melhor, e, ao mesmo tempo, ampliar as bases de profissionalização das ciências sociais, de tal maneira que haja espaço para outros papéis e outras questões, de natureza mais técnica e especializada (...), este espaço depende fundamentalmente do papel que as ciências sociais desempenham, ou podem vir a desempenhar, em relação à educação superior, que deve ser urgentemente revisto. (Schwartzman, 1990, p.9)

É certo que as ciências sociais constituem a "gata borralheira" do conhecer científico, dado que ainda não se lhe outorga seu verdadeiro *status* dentro da sociedade. Por outro lado, deve ser ressaltada a responsabilidade dos próprios cientistas sociais de não tornar utópica a relação entre ensino e pesquisa, de definir seus âmbitos de pesquisa, de lutar por recursos financeiros que facilitem seu desenvolvimento, de exigir qualidade em seus produtos em um ambiente de autonomia, solidariedade e competição sadia, de não fechar as portas aos novos adeptos que desejam penetrar no âmbito de estudo, de estabelecer redes de informação funcionais que enriqueçam realmente seus membros, de divulgar seus produtos à população nacional. Enfim, trata-se de DAR SENTIDO À DINÂMICA DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SEGUNDO AS NECESSIDADES DO SEU CONTORNO SOCIAL, POLÍTICO E ECONÔMICO. Os resultados, neste sentido poderão

demorar; não é um processo fácil, mas tampouco impossível, sempre que se lute para concretizá-los de maneira objetiva, realista e crítica.

Essa é sua maior tarefa, sua maior responsabilidade ...

CAPITULO III

Descifrando as comunidades científicas: o caso do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH)

1. Dinâmica da produção do conhecimento na comunidade científica do IFCH

1.1. Origens e consolidação dos temas dos trabalhos: influências recebidas desde a escolha das carreiras

Conhecer os origens do trabalho intelectual contribui para compreender melhor as razões que levam os pesquisadores a desenvolver-se dentro de suas áreas de trabalho e a interagir com os seus pares segundo os seus interesses.

A divergência das influências recebidas pelos cientistas sociais é, logicamente, aceitável dentro do processo de produção de conhecimento, mas é preciso distinguir dois tipos de contornos onde tais influências se desenvolvem: o meio social e o meio acadêmico. No primeiro trata-se das formas como a sociedade em geral agiu sobre a escolha do objeto de pesquisa, diante de determinadas circunstâncias políticas, econômicas, sociais e culturais que, direta ou indiretamente, conduziram ao estudo de certos temas. A curiosidade intelectual dos científicos diante de certos acontecimentos é o que vai determinar a escolha da carreira, e, portanto, as formas como vão ser enfocados tais fenômenos. Foi o caso de um dos antropólogos entrevistados:

"Nunca me arrependi de ter deixado a educação pela antropologia e, a partir de então, subordinando o ritmo daquela ao desta, passei da escrita rápida de artigos de momento para uso interno, à pesquisa de campo destinada a pensar antropologicamente a questão das estruturas e processos de troca e reprodução do saber na sociedade camponesa" (Brandão, Memorial, p. 83)

Entretanto, no meio acadêmico, tais influências variam de acordo com dois fatores principais: o grau de relacionamento do pesquisador com a sua comunidade científica, e a literatura lida durante o seu processo de formação profissional e cultural.

O primeiro caso foi evidente na experiência de vários dos pesquisadores entrevistados. No seu memorial para obter a vaga de livre-docente no IFCH, um dos filósofos relatou como ele começou a fazer estudos de direito, influenciado pelas idéias dominantes daquela época, que outorgavam *status* a quem escolhera tal profissão. Porém, as influências que ele recebeu da "velha academia" foram de muito pouca importância e, paulatinamente, ia aumentando sua falta de motivação pela carreira de direito. Paralelamente, começou a relacionar-se com filósofos, que o motivaram a analisar os acontecimentos sociais à luz do enfoque filosófico. Sem perceber, ele estava-se iniciando na área que, mais tarde, permitiu abrir-lhe um importante espaço dentro do grupo acadêmico filosófico, como ele mesmo diz:

"Não podia então sabê-lo, mas estava dando o passo mais decisivo de minha formação intelectual e de minha carreira profissional" (Quartim, Memorial, p. 5)

É claro que este relacionamento com a comunidade acadêmica, revela, em maior ou menor grau, a existência de uma ou duas pessoas em especial, responsáveis por forte influência sobre o pesquisador para motivá-lo a estudar determinada área de conhecimento. Geralmente, são os professores ou orientadores que se convertem nas figuras chaves para estimular o interesse dos futuros cientistas sociais, e é através deles que começa a expandir-se o mundo científico aos "iniciantes", mediante a transmissão do conhecimento direto ou indireto, através da literatura especializada. Esta última pode, inclusive, converter-se na principal influência para iniciar o estudo de um determinado assunto:

"Um livro sugerido por um de meus colegas, me motivou a

indagar sobre o que é história e, a partir daí, comecei a desenvolver um estudo mais teórico para tratar de explicar o que é o que faz história" (Historiador)¹²

Assim como este historiador, um dos antropólogos entrevistados exemplifica sua experiência nesse sentido:

"Malinowski e outros de seu porte, eu os vim a conhecer muito mais tarde, primeiro por minha própria conta e risco, depois nos estudos de mestrado em antropologia social na Universidade de Brasília". (Brandão, Memorial, p. 12)

1.2. Canais utilizados e âmbito de difusão

As formas de estabelecer contacto entre os pesquisadores do IFCH e os seus pares, nacionais e internacionais, varia segundo os seus interesses e o grau de apoio com que eles contam para viabilizar essa comunicação. Não obstante, a diversidade de situações detectadas na amostra selecionada não permitiu delinear tendências específicas para cada um dos departamentos que conformam o IFCH (ciências sociais, história e filosofia). Portanto, o análise foi feita de maneira global, salvo em alguns casos onde foi possível notar leves diferenças. (Ver tabela 3.1.)

¹² Com vistas a conservar o anonimato dos entrevistados, a forma para identificá-los vai ser, unicamente, pela sua profissão

TABELA 3.1

Produção acadêmica do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas durante o período 1985-1991

Tipo de produção	Porcentagem
Livros nacionais	6,3
Livros internacionais	0,78
Revistas nacionais	15
Revistas internacionais	4,3
Jornais nacionais	9,6
Jornais internacionais	0,25
Capítulos liv.nacionais	2,27
Capítulos liv.intern.	0,97
Coletâneas	0,15
Palestras	5,3
Teses de doutorado (defendidas)	1,39
Teses de doutorado (em andamento)	3,75
Teses de mestrado (defendidas)	6,57
Teses de mestrado (concluídas)	9
Iniciações científicas	3
Particip.event.nacion.	20,7
Particip.event.intern.	2,9
Organiz.event.nacionais	2,1
Outros	4,73
TOTAL	100

FONTE: Anuários estatísticos da UNICAMP: 1985-1992

1.2.1. Revistas nacionais

Os dados recopilados nos anuários de pesquisa correspondentes ao período 1985-1992, representados na tabela anterior, revelam que as revistas brasileiras constituíram-se no principal meio convencional utilizado pelos pesquisadores do IFCH para estabelecer contactos com os seus pares nacionais, ao constatar-se que 15% da produção acadêmica foi publicada nesse meio, diante das oportunidades oferecidas para divulgar os trabalhos produzidos. Isto reflete duas tendências gerais: a forte consolidação da comunidade científica na área de ciências sociais e o fato dos pesquisadores trabalharem temas ligados a seu contorno social, o que confirma as características típicas do comportamento dos cientistas sociais (Castro, 1986 ; Schwartzman, 1984).

Não obstante, nem todos interpretaram positivamente o fato de ter mais artigos publicados nesses meios em relação aos outros meios formais de comunicação, porque tal tendência pode refletir a existência de barreiras de idioma por parcela dos pesquisadores do IFCH, que, ao não dominar os idiomas dos outros países, ou diante dos altos custos que implicam os serviços de tradução, acabam limitando o intercâmbio do conhecimento aos seus próprios colegas brasileiros.

Outra explicação pouco alentadora de tal tendência, foi atribuída ao fato de que os pesquisadores vêem a necessidade de publicar como uma atividade *per se*, ou seja, publicam para aumentar seu número de publicações sem importar-se com a qualidade dos seus artigos. A falta de criatividade e relevância dos artigos que são publicados, foram fatores bastante mencionados por uma maioria dos pesquisadores da amostra, assim como a existência de certos "grupos de poder" dentro das comunidades acadêmicas que acabam monopolizando a divulgação dos trabalhos e, portanto, acrescentam as dificuldades para a interação com os pares.

Um dos filósofos conta uma experiência reveladora da competitividade predominante dentro de sua comunidade para abrir-se espaço mediante publicações:

"Eu tive oportunidades de publicar um artigo sobre um determinado tema, mas depois comecei a achar que não era realmente importante publicá-lo porque devia poli-lo mais. Meses mais tarde, vi um artigo exatamente sobre este meu tema, publicado em uma revista nacional. Então, você percebe que as pessoas realmente estão mais interessadas em publicar rapidamente e em ter maior número de publicações, do que em publicar o que vale a pena, com o fim de abrir discussões ou estabelecer contacto para dar início a novas linhas de pesquisa" (Filósofo)

Este desvio de conduta de uma parcela da comunidade acadêmica, deve-se às formas ainda precárias de avaliação da produtividade docente, baseadas principalmente em dados quantitativos.

Por outro lado, a afinidade com os campos de conhecimento estabelecidos pelos comitês editoriais, é sumamente importante para o pesquisador conseguir publicar em determinadas revistas, assim como o grau de relevância, qualidade, coerência do conteúdo e sentido de utilidade, aspectos considerados básicos dentro da linha de critérios das boas revistas. Porém, tais parâmetros são frequentemente preteridos por eventuais influências ou "apadrinhamentos" que prevalecem nos grupos acadêmicos:

"Há pesquisadores que tem montes de artigos para ser publicados, mas, diante das dificuldades para publicá-los, acabam desistindo. É necessário que você tenha alguém conhecido ou escreva algo muito diferente para atrair a atenção dos comitês editoriais" (Antropóloga)

Uma historiadora também assinalou este problema:

"O apadrinhamento é bastante forte em algumas revistas, tanto que, às vezes, aparecem artigos em revistas cujos temas não tem nada a ver com a especialidade da publicação, só pelo fato de que essas pessoas tem amigos no comitê editorial. Por

isso, eu acho que é uma questão de política. (Historiadora)

Parece existir uma certa rede entre os membros do comitê editorial (geralmente pertencentes ao meio acadêmico) e os pesquisadores, segundo suas afinidades políticas, temáticas ou simplesmente de amizade, que acabam promovendo ou consolidando a reputação de "autores consagrados". O "efeito Mateus"¹³, nesse sentido, é evidente, até porque as editoras tendem a aceitar os artigos das mesmas pessoas que já alcançaram um alto status acadêmico, impossibilitando o acesso de quem está-se iniciando nas atividades de pesquisa e nas atividades de divulgação dos respectivos resultados, pela via da publicação.

Diante do âmbito de preferência definido pelas editoras, os pesquisadores que chegam a se considerar "excluídos" desse meio, começam a sentir poucos estímulos, e acabam desistindo das tentativas de publicar. Um dos filósofos entrevistados, chegou ao ponto de desvalorizar essa atividade:

"Publico muito pouco diante da falta de estímulos e espero continuar desse jeito porque na verdade nem vale a pena publicar". (Filósofo) (O grifo é meu).

Para este pesquisador, a publicação não compensa, não só pela falta de estímulo das editoras, senão também, pelo reduzido hábito de leitura, tanto por parte dos seus próprios pares como por

¹³ Esta expressão foi analisada por Merton com base em uma série de trabalhos desenvolvidos por cientistas como Zuckerman, Crane, Hagstrom, Cole e Storer, entre outros, que estudaram as formas de interação dentro das estruturas sociais da ciência, assim como o grau de repercussão das recompensas ou reconhecimentos obtidos pelos membros das comunidades acadêmicas. O "efeito Mateus" se dá na medida em que esse reconhecimento favorece excessiva, e quase exclusivamente, àqueles que já alcançaram uma importante posição dentro do mundo científico, dificultando a carreira científica daqueles que ainda não são reconhecidos.

parte de seu público leigo ¹⁴. A falta de interesse pelos próprios pares deve-se, segundo alguns dos entrevistados, a uma série de tarefas que devem cumprir como parte de suas atividades acadêmicas, mas que acabam absorvendo o tempo destinado ao desenvolvimento de suas próprias pesquisas: processos administrativos e burocráticos, atenção e orientação dos alunos, preparação das aulas, trabalhos de campo e leituras de dissertações de mestrado e teses de doutorado para participar nas bancas de defesa, entre outras atividades. Um filósofo chegou até a dizer o seguinte: "Faria falta, no meio da carreira, ter mais tempo para pesquisar. A carreira do docente e do pesquisador, por separado, seria muito bom". (Filósofo).

Isto reflete uma tendência geral a separar tarefas que, de fato, devem complementar-se, sendo que as atividades docentes deveriam propiciar a continuidade dos temas de pesquisa desenvolvidos pelos respectivos pesquisadores. Porém, a própria comunidade científica parece não outorgar muito valor às atividades de ensino e às atividades administrativas, como diz Oliveira:

"Atividades formais de ensino não são funções "naturais" para um pesquisador, e, freqüentemente, são vistas como um serviço ou um preço pago à organização. O ensino e a administração constituem, ainda, atividades de difícil avaliação externa ou por comitês de pares". (Oliveira, p. 103)

Exemplos desta dicotomia de funções, tratada no primeiro capítulo, serão apresentados no item 1.5.1.

1.2.2. Jornais

Da produtividade total do IFCH, 9,6% pertence aos artigos

¹⁴ A questão da relação do pesquisador com o seu público não acadêmico será contemplada no item 1.6.2.

publicados nos jornais nacionais ¹⁵, segundo a tabela no. 2, o que coloca este canal como o segundo meio utilizado com maior intensidade pela comunidade acadêmica do instituto.

Tal tendência reflite, por um lado, o esforço dos pesquisadores por estabelecer vínculos com a sociedade mediante a comunicação de suas idéias com respeito a determinados temas de interesse social, político ou econômico através de uma linguagem menos técnica que lhe permita interagir com o seu público leigo.

Por outro lado, porém, é um indicador do pouco grau de cientificismo nos artigos produzidos, precisamente porque estes, ao ser publicados nesses meios, implicam um esforço menor para ser gerados, diante da brevidade e pouca profundidade das idéias expostas, justamente porque o objetivo é divulgá-las a um público que não está familiarizado com a linguagem especializada de um determinado tema.¹⁶

Porém, é importante considerar que tal porcentagem não é relevante para uma maioria dos pesquisadores do IFCH, toda vez que a publicação de artigos nos jornais, não outorga pontos na carreira acadêmica. Portanto, desenvolver tal atividade não é contemplada como uma finalidade para ascender na hierarquia científica.

Então, como se explica tal indicador porcentual que coloca este meio em segundo lugar no que se refere a uso de canais por parte da comunidade de pesquisadores do IFCH?

Por duas razões. A primeira, e da qual já se tem referido, deve-se a que nem todos os pesquisadores colocam em seus curriculum (e conseqüentemente, não aparecem os dados nos anuários) a totalidade de seus artigos publicados nos jornais, limitandó-se apenas a mencionar os mais importantes, ou no pior dos casos, ã

¹⁵ Entre os que destacaram a Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e Correio Popular.

¹⁶ Não obstante, alguns dos pesquisadores assinalaram ter grandes dificuldades para escrever para o público não acadêmico precisamente pelo temor de não expresar adecuadamente as idéias em uma linguagem mais simples, que poderia prejudicar a compreensão das idéias.

excluí-os completamente. Precisamente (e aí vem a segunda razão), o fato de não existir uma preocupação por incluir tais atividades, provoca um grande e grave desequilíbrio na produção acadêmica, na medida de que são uns poucos os responsáveis de detalhar suas produções nos meios massivos de comunicação, tergiversando a realidade dos dados. Tal problemática, foi reconhecida em forma unânime pelos pesquisadores da amostra.

Porém, se bem o anterior constitui uma grande barreira que impossibilita chegar a dados mais exatos ¹⁷, ao menos permite ter uma idéia geral do uso deste tipo de canal por parte do corpo docente e acadêmico do IFCH e a partir daí, compreender a dinâmica de produção de conhecimento que se gera dentro dele, segundo os objetivos deste trabalho.

1.2.3. Livros

Segundo a tabela analisada, 6,9% da produtividade total do IFCH corresponde a esta modalidade de publicação, o que o converte no terceiro meio mais utilizado pelos pesquisadores para intercambiar informação com seus pares. Neste sentido, a importância deste canal é reconhecida por unanimidade por cada um dos pesquisadores entrevistados, máxime quando se tem oportunidades de publicar o produto de suas teses de doutorado, as quais engrossam uma parte significativa de tal porcentagem. As dissertações no nível de mestrado, não entanto, são consideradas como trabalhos "preliminares" que não merecem ser convertidas em livros, segundo alguns dos entrevistados.

Porém, há uma série de fatores que tem impossibilitado uma maior exploração do mesmo:

¹⁷ A única possibilidade de enfrentá-la seria perguntando diretamente a cada um dos pesquisadores do IFCH sua produção nesse meio, considerando que nem sequer os curriculum seriam confiáveis para obter indicadores quantificáveis para este tipo de canal. Tal alternativa significaria um enorme esforço que nem todos estarão dispostos a fazer.

- Pouco apoio para publicar livros por parte das editoras, devido ao seu interesse predominantemente comercial, orientado a um maior vínculo com a sociedade. Esse interesse das editoras por satisfazer o público leigo, acaba desvalorizando o trabalho intelectual dos pesquisadores, a ponto de abrir mais espaço a temas populares e não àqueles tratados com maior seriedade: "As editoras preferem publicar obras sobre a vida sexual de Sarney do que sobre o pensamento de Aristóteles", assinalou um filósofo.

No que se refere às editoras universitárias, parece que, se bem seu objetivo seja precisamente publicar trabalhos acadêmicos, não dão suficiente estímulo a quem se desenvolve nesse meio. Uma interessante observação feita por um filósofo, deixa claro uma desalentadora realidade:

"O acadêmico recebe muito apoio para fazer pesquisa, mas para publicar, o estímulo é realmente muito pequeno".(Filósofo) (O grifo é meu)

Isto faz com que o pesquisador enfrente graves barreiras no processo de divulgação de seus trabalhos e acabe desistindo, embora alguns tenham destacado a necessidade de "continuar lutando" até conseguir publicar seus produtos de pesquisa.

- A publicação de livros implica em dispor de uma verba muito maior por parte das editoras do que a publicação de artigos nas revistas. Diante da crise econômica mundial, este tipo de publicação tem diminuído paulatinamente.

- Escrever um livro significa maior concentração de esforço, que vai repercutir na lentidão do seu processo de preparação. Diante disso, os pesquisadores acabam priorizando a publicação de artigos em revistas, precisamente porque se constituem em mecanismos mais rápidos para intercambiar o conhecimento dentro de sua comunidade científica.

- Pouco dinamismo na geração de conhecimento faz com que o nível das publicações seja baixo, principalmente em livros. Além disso, a dispersão dos temas e o isolamento do trabalho dos pesquisadores, influem em alguma medida, no fato de não se adotar padrões sérios de produção literária.

1.2.4. Capítulos de livros

Este canal constitui-se também em um mecanismo eficiente para estabelecer comunicação entre os membros de uma comunidade científica, na medida em que abre espaço para o diálogo ou debate mediante uma série de artigos, na forma de coletânea, em torno a um determinado tema, representando 3,24% da produção total do IFCH, segundo as fontes consultadas.

Porém, os pesquisadores entrevistados, embora reconhecendo a importância deste meio (salvo para dois historiadores que manifestaram não atribuir nenhuma relevância a esse canal), assinalaram os problemas que impedem o uso freqüente deles e que são os seguintes:

- O incentivo à publicação de livros facilita a geração de coletâneas mediante a organização de autorias múltiplos, porém se há pouca produção de livros, é conseqüentemente lógico a pouca publicação de capítulos de livros.

- A falta de hábito de divulgar os trabalhos produzidos através desse meio, assim com a falta de tempo para prepará-los, parece constituir-se em barreiras que tem incidido na pouca produção de coletâneas no IFCH. Mas, para outros, a falta de oportunidades para publicar neste tipo de meio, justifica o uso reduzido deste canal. Como diz um cientista político:

"Acho que as pessoas estão preferindo enviar seus artigos para revistas especializadas diante da falta de oportunidades para publicar seus artigos dentro de uma coletânea"
(Cientista político)

Tal idéia é reforçada pela declaração de um dos filósofos:

"... a tendência é escrever e publicar artigos para revistas nacionais e internacionais, mais do que publicar capítulos de livros" (Filósofo)

Então, na percepção dos pesquisadores, a questão da oportunidade tem muito a ver com os canais utilizados para comunicar-se com os seus colegas.

- O trabalho altamente isolado se reflete na baixa produção de trabalhos coletivos como são as coletâneas. Ou seja, há um alto grau de individualismo na produção de conhecimento no IFCH que explicaria o número reduzido de capítulos de livros. A publicação de coletâneas exige um organizador (normalmente o coordenador de uma pesquisa coletiva) responsável de selecionar e aprimorar os artigos que vão conformar tal obra coletiva.

- Como as editoras tendem a dar pouco apoio para publicação de livros, a publicação de capítulos de livros não seria exceção; para elas interessa ainda menos este tipo de publicação porque existe o xerox, por meio do qual as pessoas tem possibilidade de fazer "suas próprias coletâneas". Uma das historiadoras entrevistadas, considera tal argumento como um preconceito das editoras.

Além disso, as editoras não se interessam por publicar temas altamente especializados, porque atingem um público bem menor e, portanto, não tem um retorno comercial satisfatório, situação que foi assinalada anteriormente no caso dos livros.

Um historiador destacou como as editoras tratam de buscar seus próprios interesses:

"Eu não aceitaria, e, de fato, não aceito publicar capítulos para coletâneas quando as editoras propõem que escreva de forma "menos difícil", ou seja, para um público menos especializado, mais leigo, com o objetivo de ter maiores vendas.

Eu não aceito isto porque vai em detrimento de meu trabalho intelectual" (Historiador)

1.2.5. *Pre-prints*:

São considerados meios informais de comunicação, na medida em que não são publicados. O seu público é bem mais restringido, mais acadêmico e portanto, mais especializado. Nesse sentido, os *pre-prints* tem um valor sumamente importante dentro do processo de produção de conhecimento, precisamente porque são o ponto de partida para o desenvolvimento das pesquisas. Através deste meio, os pesquisadores tem a possibilidade de divulgar suas primeiras idéias em torno a um determinado tema, com eventuais apresentações em eventos de maior ou menor envergadura a nível nacional ou internacional ¹⁸.

Esses mecanismos "subterrâneos", como se chegou a denominá-los, convertem-se em uma forma de divulgação "imediata" do que o pesquisador está fazendo e permite a interação crítica e objetiva entre seus pares para melhorar, esclarecer ou enriquecer suas idéias segundo as sugestões ou discussões geradas.

Nesse sentido, é válido reconhecer que os meios informais (dentro dos quais não poderia ser excluído o contacto pessoal), tem certa funcionalidade e eficiência dentro do ciclo de produção intelectual.

É interessante destacar o fato de que nem todas as pessoas que pertencem a uma determinada comunidade científica, percebem a existência deste tipo de "canal subterrâneo". Como diz um filósofo: "Não me consta que circulem *pre-prints* sem ser antes publicados". Isto não deveria surpreender na comunidade de filosofia do IFCH, caracterizada, precisamente, pelo alto grau de isolamento em que trabalham seus membros (como se verá no item 1.3)

Outro aspecto relevante, com respeito à opinião sobre os

¹⁸ Este assunto da participação em eventos será tratado no item seguinte.

pre-prints, foi que, a pesar das vantagens que os mesmos apresentam, nem para todos representam um veículo confiável para intercambiar informação, na medida em que facilita o plágio, precisamente pela natureza pouco formal de sua divulgação. Tal aspecto foi levantado por um filósofo da seguinte forma:

"Os "textos experimentais", aqueles que você circula informalmente para que os seus colegas critiquem ou comentem o que você próximamente quer publicar, são muito perigosos, porque são uma fonte excelente de plágio. Quando se fazem apresentações nos eventos onde nós participamos, corre-se o mesmo risco (...). O plágio é, infelizmente, muito comum na nossa área". (Filósofo) (O grifo é meu)

Se bem exista esse risco, não tem porque constituir-se em uma barreira que interceda no relacionamento entre os cientistas a ponto de provocar o isolamento por temor a que as idéias sejam roubadas. Uma alternativa, assinalada pelo próprio autor da citação anterior, seria que o pesquisador conte sempre com o apoio das agências para desenvolver suas pesquisas, com o fim de garantir-lhe, ao menos, um mecanismo de defesa diante deste tipo de problema. Tal apoio estaria assegurado mediante a apresentação de uma série de relatórios que atestem o avance da pesquisa e a autoria das idéias nela expostas.

O fator mais evidente que justifica a tendência de circular *pre-prints*, é o fato do pesquisador tender a relacionar-se cada vez mais com grupos pequenos, de "confiança" para assegurar-se um retorno sério, imediato e crítico de seu trabalho intelectual, conformando, sem ter consciência, um verdadeiro "colégio invisível".

1.2.6. Participação em eventos

O intercâmbio do conhecimento entre os membros das comunidades científicas, através dos seminários, congressos ou mesas

redondas, tem representado um caminho bastante acessível para uma grande parte dos pesquisadores, na medida em que permite uma comunicação mais direta e interativa, dado o alto nível de fluidez de informação que se supõe predomina neste tipo de atividades. Segundo as fontes consultadas, 23,6% da produção acadêmica do instituto, está orientada à participação nesses eventos.

É através deste tipo de atividades que os pesquisadores abrem espaços para dar a conhecer os trabalhos produzidos, e, ao mesmo tempo, ter conhecimento do que outros estão fazendo, possibilitando o relacionamento com pessoas que poderiam integrar-se ao ciclo de produção de conhecimento já estabelecido dentro de um determinado grupo acadêmico.

Uma pesquisadora em ciências políticas deixou muito claro a forma como ela conseguiu fazer parte de um grupo científico:

"Conseguí fazer um curso de especialização através da Associação de Pesquisa de Opinião Pública da qual faço parte, graças a minhas participações nos congressos organizados pela Associação" (Cientista político) (O grifo é meu)

E destacou a necessidade de participar nos eventos como uma forma de assegurar o relacionamento com importantes redes científicas:

" As experiências que eu tive na participação nos eventos foram boas porque consegui abrir novos grupos de trabalho e redes de comunicação. Você continua participando nos eventos precisamente, pela rede de relações que você conseguiu estabelecer. Então, fica sabendo dos eventos no Rio de Janeiro ou em São Paulo" (Cientista político) (O grifo é meu)

A tendência por parte dos pesquisadores em participar mais

ativamente neste tipo de comunicação ¹⁹, é explicável na medida em que as idéias apresentadas nos encontros irão ser melhoradas a partir dos debates surgidos, possibilitando a incorporação das sugestões e críticas, assim como o esclarecimento dos conceitos, metodologias ou bases teóricas.

Partindo desse enriquecimento intelectual que o pesquisador obtém de seus pares ²⁰, o seu trabalho está em melhores condições para ser difundido e, como corolário, a publicação se perfila no seu centro de interesses.

Com efeito, para alguns dos entrevistados, tais eventos constituíram-se nos veículos chaves para ter acesso aos meios formais de comunicação, como diz uma das pesquisadoras:

"Para mim é muito importante participar em eventos, até porque é precisamente através destes que conseguimos estreitar novos vínculos com os nossos pares e, ao mesmo tempo, aumentamos as nossas publicações; é como um círculo virtuoso"
(Cientista político)

Uma das antropólogas deu um exemplo concreto na sua experiência profissional que fez que ela outorgasse importância à participação em eventos:

"No meu caso, por exemplo, foi em uma participação em um seminário internacional feito no Rio de Janeiro onde acabei estabelecendo vínculos com pessoas que pertenciam a um comitê editorial de uma revista e eles acabaram me convidando para

¹⁹ Não poderia excluir-se a "comunicação pelos corredores" da academia, mais pessoal e informal, mas que não deixa de ser tão importante quanto a comunicação suscitada pelos seminários.

²⁰ Influi muito a amplitude do evento para atingir esse objetivo: quanto menor, mais restrita a participação e, portanto, melhores as possibilidades de chegar a resultados concretos e objetivos.

escrever um artigo para eles. Acho então importante participar desse tipo de atividades, até porque você acaba ampliando a sua comunicação com outros pessoas e intercambia variadas experiências" (Antropóloga) (O grifo é meu)

Um filósofo fez uma observação interessante:

"A participação em eventos constitui uma forma de pressionar os pesquisadores para escrever seus artigos e é precisamente aí onde se começa a publicar; ou seja, as publicações são frutos dos colóquios nos quais participa o pesquisador".(Filósofo) (O grifo é meu)

Nesse sentido, o fato de fazer apresentações diante dos grupos acadêmicos é considerado como um mecanismo que deve levar, conseqüentemente, à divulgação formal das idéias expostas, com o fim de expandir esse conhecimento a um âmbito maior da comunidade científica e, inclusive, à população em geral.

No que se refere à participação dos pesquisadores na organização de eventos nacionais, se bem esta seja uma experiência muito gratificante, pode resultar desgastante diante da infinidade de tarefas administrativas que implicam e que podem levar a desistir da idéia de continuar organizando este tipo de atividades. Um dos filósofos externou sua inquietude nesse sentido:

"Organizar eventos é trabalhoso e angustiante. Eu fiz alguns, mas depois não quis fazer mais outros, pela quantidade de trabalho que tive". (Filósofo)

Deveriam, então, ser melhorados os processos de organização, assim como a infraestrutura das unidades acadêmicas, de forma que não continuem reduzindo a disposição de quem está interessado em contribuir ao desenvolvimento deste tipo de atividade. Nesse sentido, existe na UNICAMP a "Assessoria de Apoio a Eventos" -APEU- da Reitoria, que brinda apoio para o

desenvolvimento deste tipo de atividades.

1.2.7. Comportamento a nível internacional

Estreitar vínculos com as comunidades científicas internacionais constitui uma atitude normal de todo pesquisador motivado em expandir as redes de comunicação das quais faz parte, com o fim de enriquecer as suas idéias mediante a interação com seus pares estrangeiros. Esses contactos são incentivados, tanto através dos meios formais de comunicação, como através de uma ativa participação em seminários internacionais que, eventualmente, abrirão novos relacionamentos e novas perspectivas na sua área de trabalho, segundo a receptividade das comunidades científicas dos respectivos países.

As formas como tais contatos são estabelecidos pela primeira vez partem, geralmente, dos estudos que o cientista faz no exterior, onde o seu convívio com os grupos acadêmicos de tais países amplia seus horizontes de conhecimento mediante um processo interativo e enriquecedor.

No caso da comunidade científica do IFCH, tais tendências ficaram claras, notando-se interessantes semelhanças e divergências segundo as áreas de conhecimento que conformam o Instituto.

Na área das ciências sociais, dividida por sua vez em três sub-áreas (antropologia, sociologia e ciências políticas), foi evidente a forte comunicação dos pesquisadores com as comunidades latino-americanas, até porque foram publicados vários artigos em revistas pertencentes a essa região, assim como houve uma ativa participação em seminários organizados em países como México, Colombia e Chile, entre outros.

Esta tendência é mais forte naqueles que fizeram estudos de mestrado, doutorado, pós-doutorado, ou cursos de especialização nesses países e, portanto, conseguiram estabelecer contactos importantes. Porém, para uma maioria, essa interação com as comunidades latino-americanas está justificada pela abertura dos canais formais e informais de comunicação estabelecidos pelos

membros de tais comunidades, assim como pela convergência de interesses temáticos, que facilita ainda mais a interação dos cientistas da região.

Um antropólogo referiu-se a essa tendência:

"O fato de haver mais artigos publicados na América Latina é porque nós tendemos a participar mais nos eventos feitos nesses países, até porque existe um contacto muito maior com os antropólogos desta região" (Antropólogo)

Outra antropóloga diz:

"Na América Latina, são as mesmas pessoas que estabelecem vínculos nos seminários e são elas mesmas que voltam a organizar e participar de eventos, consolidando, cada vez mais, a rede latino-americana" (Antropóloga)

A consolidação das comunidades latino-americanas foi corroborada também pelos cientistas políticos:

"Tal tendência evidencia que a rede internacional da América Latina, está bem consolidada, mesmo porque nós tentamos reforçar tais vínculos" (Cientista político)

Não obstante, embora os pesquisadores reconheçam a importância de manter vínculos com essa comunidade, também se mostraram interessados em estreitar pontes de comunicação com seus pares norteamericanos e europeus ²¹, mesmo porque, através deles, obtém mais reconhecimento dentro de suas próprias comunidades:

"Embora seja importante estabelecer comunicação com os pares

²¹ Alguns desses contatos foram iniciados, também, pelas oportunidades de viajar a esses países para fazer estudos de especialização ou pós-graduação.

latino-americanos (por exemplo, em Cali -Colombia- onde existe um grupo muito bom na minha área -antropologia-), eu prefiro viajar aos países desenvolvidos, até porque dá mais "status" participar nos eventos organizados nesses países" (Antropóloga) (O grifo é meu)

Motivados pela obtenção de um "status" dentro da comunidade acadêmica, ou pela busca do conhecimento através da interação com cientistas do primeiro mundo, os pesquisadores da área das ciências sociais consideraram importante manter vínculos com as comunidades dos países desenvolvidos via seminários. Porém reconheceram que as escassas verbas outorgadas pelas agências para financiar as suas viagens para essas nações, convertem-se no principal obstáculo para consolidar sua comunicação com os seus pares europeus e norte-americanos.

No que se refere à comunicação internacional via publicação, os pesquisadores dessa área, encontraram grupos bastante fechados para abrir espaço dentro deles:

"Você, para publicar em uma revista norteamericana, tem que ter contactos ou entrar em uma interminável fila de espera. Há uma concorrência muito grande. No meu caso, é mais fácil publicar na Europa, principalmente na Itália." ²² (Antropólogo)

Entretanto, com as comunidades latino-americanas, prevalece uma abertura maior para publicar os trabalhos, como pode-se apreciar na tabela 3.2.

²² Explicável pelo fato de que este pesquisador fez cursos de especialização nesse país

TABELA 3.2.

Departamento de Ciências Sociais, IFCH:
 Países onde foram publicados os artigos de revistas e livros
 Países onde os pesquisadores viajaram para participar
 dos eventos internacionais durante 1985-1992

País/Região	Artigos em revistas	Livros	Participação em eventos
América Latina	48,6%	73,3%	31,6%
Estados Unidos	38,8%	13,3%	35%
Europa	12,5%	13,3%	33,3%
TOTAL	100%	100%	100%

FONTE: Anuários estatísticos da UNICAMP: 1985-1992

No que se refere à área de filosofia, foi evidente o fato dos pesquisadores viajarem e publicarem nos países desenvolvidos, mais do que nos países da América Latina, como foi o caso dos cientistas pertencentes ao Departamento de Ciências Sociais (Ver tabela 3.3.)

TABELA 3.3

Departamento de Filosofia, IFCH:
Países onde foram publicados os artigos de revistas e livros
Países onde os pesquisadores viajaram para participar
dos eventos internacionais durante 1985-1992

País/Região	Artigos em revistas	Livros	Participação nos eventos
Estados Unidos	65,2%	40%	36,3%
Europa	23,9%	60%	45,4%
América Latina	19,5%	-	18,1%
TOTAL	100%	100%	100%

FONTE: Anuários estadísticos da UNICAMP: 1985-1992

Algumas das explicações dessa tendência por parte dos filósofos, foram: porque souberam explorar sua permanência nessas nações e acabaram estabelecendo contactos lá, outros porque acharam bem melhor a infraestrutura de pesquisa característica desses países:

"É até mais importante publicar em uma revista norteamericana do que em uma francesa ou espanhola, até porque lá está bem mais estruturado o sistema de publicações" (Filósofo)

A obtenção de um "status" parece ser um motivo importante na decisão dos pesquisadores, pois tal como foi assinalado por entrevistados da área de ciências sociais, docentes de filosofia também externaram seu interesse por esse tipo de gratificação:

"O fato de nós não termos escrito ou publicado na América Latina, deve-se a que, para nós, dá menos privilégio escrever nesses países. Tradicionalmente, é mais importante para nós escrever nos Estados Unidos e na Europa do que na América Latina" (Filósofo).

Outros filósofos, justificaram essa tendência, diante da falta de convergência dos temas com a comunidade latino-americana:

"Na América Latina, entretanto, o público é menor, as nossas relações são poucas e os nossos trabalhos tem menor impacto ou repercussão" (Filósofo)

Não obstante, a competitividade entre os membros das comunidades científicas dos países desenvolvidos é tão alta, que alguns de nossos entrevistados mostraram até resistência para procurar espaço dentro delas.

É o que se nota na declaração de um dos filósofos entrevistados que, embora tinha ficado muito tempo na Alemanha durante seus estudos de mestrado e doutorado, não se preocupou por estabelecer vínculos que facilitassem o acesso aos canais formais de comunicação:

"Eu nunca me coloquei essa ambição de publicar em outros países. Eu não fiz os contactos quando fiquei na Alemanha, porque na área em que eu trabalhei, havia muita gente e eu fiquei muito intimidado" (Filósofo)

Os historiadores, entretanto, também mostraram ter poucos vínculos com a comunidade latino-americana (Ver tabela 3.4.), diante da pouca afinidade dos temas.

TABELA 3.4.

Departamento de História, IFCH:
 Países onde foram publicados os artigos de revistas e livros
 Países onde os pesquisadores viajaram para participar
 dos eventos internacionais durante 1985-1992

País/Região	Artigos em revistas	Livros	Participação nos eventos
Europa	56,5%	40%	61,9%
Estados Unidos	26%	60%	19%
América Latina	17,3%	-	19%
TOTAL	100%	100%	100%

FONTE: Anuários estatísticos da UNICAMP: 1985-1992

Precisamente, um dos historiadores confirmou o pouco hábito deles em realizar estudos nos países latino-americanos:

"Entretanto, com os nossos pares de América Latina, não existe afinidade, a menos que você tenha feito estudos lá, coisa que não é usual" (Historiador)

Uma historiadora justificou os poucos vínculos com as comunidades latino-americanas pela existência das barreiras do idioma prevalecentes entre o Brasil e o resto dos países latino-americanos:

"No caso de nossos pares de América Latina, eu acho que eles tem dificuldades para entender o nosso idioma e, então, não ficam interessados em receber artigos nossos" (Historiadora)

Entretanto, o intenso intercâmbio com professores norte-americanos e europeus, têm contribuído a consolidar a relação intelectual dos historiadores do IFCH com seus pares desses países.

Com respeito a participação nos eventos organizados nos países do primeiro mundo, os historiadores, da mesma forma que os filósofos, mostraram uma forte afinidade com essa tendência, principalmente com as comunidades europeias (como foi apreciado na tabela anterior), mesmo porque sentem mais afinidade e encontram maior receptividade de seus temas nessas redes:

"Na França, você recebe mais convites para participar nos eventos de lá, ou seja, os franceses te estimulam mais. Nos Estados Unidos, embora existam boas revistas, você não é estimulado a publicar lá, a menos que tenha um contacto chave".(Historiadora) (O grifo é meu)

Outra historiadora destacou o seguinte:

"É explicável que os nossos maiores vínculos sejam com a França, até porque a gente tem muita influência dos nossos pares de lá. A principal escola de história da Europa está nesse país" (Historiadora)

Então, percebe-se que, à diferença dos pesquisadores pertencentes ao Departamento de Ciências Sociais, os filósofos e historiadores mostraram mais interesse por estabelecer contacto com as comunidades científicas dos países desenvolvidos, pelas razões anteriormente expostas. No caso de filosofia, isso pode dever-se ao fato de seu objeto de estudo ser mais universal e ter menor possibilidade de aplicação. O diálogo desses cientistas, é com a comunidade internacional, como ocorre com os cientistas das áreas duras.

No caso da história, tal tendência revela uma prioridade dos profissionais deste campo para estabelecer fortes vínculos com quem está na vanguarda do conhecimento nesta área, isto é, com seus pares europeus e norte-americanos. O que está precisamente demonstrado quando se constata que os historiadores entrevistados fizeram estudos nesses países.

Não obstante, essa busca de contacto com as comunidades científicas do primeiro mundo tende a complicar-se em ambas as áreas (filosofia e história), na medida em que o objetivo seja transmitir o conhecimento gerado mediante os canais formais de comunicação desses países em uma esfera altamente tensa e competitiva:

"Embora nós tenhamos vínculos fortes com a França, não é fácil publicar nesse país, diante da forte competitividade que predomina. Então, se para o próprio pesquisador francês é difícil publicar um livro no seu próprio país, imagina para nós que somos de fora" (Filósofo) (O grifo é meu)

Ou seja, o acesso ao mercado internacional de publicações mostra-se muito fechado, como reconhecem os pesquisadores entrevistados, e acaba repercutindo negativamente no seu nível de produtividade nesse âmbito, como foi apreciado nas tabelas 4 e 5.

Outro fator que impossibilita a conquista de um espaço dentro das comunidades internacionais, é a falta de temas que sejam originais para os cientistas dessas comunidades, como diz um dos entrevistados:

"Os temas do Brasil nem sempre se adaptam ao exterior e vice-versa. Por exemplo, aqui ninguém sabe sobre Heidegger. Entretanto, na Europa, principalmente na Alemanha, tudo mundo sabe quem foi ele. Então, o que você acha muito específico ou especializado aqui, lá é genérico demais, e portanto, não dão importância aos seus artigos" (Filósofo) (O grifo é meu)

O processo de assimilação e atualização do conhecimento, por parte das comunidades científicas dos países subdesenvolvidos, tende a ser bastante lento, e acaba provocando um desequilíbrio na comunicação de idéias em prejuízo de quem aspira ter um intercâmbio mais ativo com os seus pares internacionais.

1.3. Formas de trabalho: individual ou coletivo

A necessidade de colaboração entre os membros das comunidades científicas é uma característica fundamental que deve prevalecer, na medida em que possibilita a fluidez da informação dentro do processo de geração de conhecimento.

Essa colaboração se dá, tanto através da participação em eventos acadêmicos -como se observou no item anterior-, quanto através da execução do trabalho intelectual em forma coletiva e interdisciplinar. Desta forma, as possibilidades de intercambiar experiências e conhecimentos, vistos de diversas perspectivas, tendem a ser maiores e, portanto, resultam até mais interessantes para o próprio pesquisador.

Porém, os dados obtidos nos anuários, revelaram uma ausência quase absoluta de trabalhos coletivos, tanto através dos projetos (apenas 1%) como de publicação de coletâneas (0,15%). Tais dados podem ser justificados por duas razões. A primeira leva a considerar a política adotada pelas agências de financiamento a partir da década de oitenta, orientada prioritariamente para a distribuição de bolsas para mestrado e doutorado, criando incentivos à pesquisa individual (Ver tabela 3.5.)

TABELA 3.5.

Distribuição das bolsas de mestrado e doutorado outorgadas para os Institutos e Faculdades pertencentes as áreas das Ciências Humanas -C.H.- da UNICAMP (1), e especificamente no IFCH: 1987-1991

1987 (*)	Incentivo acadêmico		Monitoria	
	Mest. (M)	Dout. (D)	Mest. (M)	Dout. (D)
C.H.	20	17	4	23
IFCH	8	5	-	8

1988	CAPES			CNPq			FAPESP			Monitoria		
	M	D	T	M	D	T	M	D	T	M	D	T
C.H.	214	62	276	172	40	212	67	1	68	24	40	64
IFCH	86	15	101	69	15	84	52	1	53	8	13	21

1990

C.H.	216	50	266	146	40	186	6	0	6	24	40	64
IFCH	77	12	89	77	10	87	0	0	0	8	13	21

1991

C.H.	185	91	276	171	87	258	26	4	30	-	-	-
IFCH	81	33	114	84	23	107	16	3	19	-	-	-

(1) Inclui-se os seguintes: Instituto de Estudos da Linguagem, Instituto de Economia, Instituto de Artes e Faculdade de Educação.

(*) Para este ano, não foram especificadas as agências que outorgaram as bolsas.

FONTE: UNICAMP. Pró-Reitoria de Pesquisa.

Anuário estadístico 1987, p. 91

Anuário estadístico 1988, p. 96

Anuário estadístico 1990, p. 149

Anuário estadístico 1992, tab. 157

Diante dessa situação, muitos pesquisadores, dentro das ciências humanas da UNICAMP em particular, optaram por desenvolver suas pesquisas coletivas através da criação de núcleos interdisciplinários (durante o período 1980-1989 foram desenvolvidos quatorze núcleos), destacando-se, entre outros, o Núcleo de Estudos de População -NEPO- e o Núcleo de Estudos de Políticas Públicas -NEPP-.²³

Por outro lado, a trabalho individual será mais intenso na medida em que o indivíduo se sente em completa liberdade para escrever sobre um determinado assunto sem que, por isso, chegue a perder o contacto com os seus colegas.

No caso dos pesquisadores entrevistados no IFCH, foi interessante observar as características de trabalho em cada um dos três departamentos que o constituem, assim como os fatores que influíram na escolha de determinada forma de organização.

Para os filósofos, o trabalho individual faz parte do processo normal de produção de conhecimento, até porque, dada as características desta área, não contam com as condições para trabalhar em forma coletiva o tempo todo. Cada um trabalha, faz suas próprias reflexões, e, na medida do possível, externa essa reflexão, mediante os encontros ou seminários organizados precisamente para promover a discussão das idéias:

"Na filosofia, praticamente não existe trabalho em grupo. É difícil produzir um artigo em grupo. Podem-se fazer discussões, debates, seminários, mas o produto final é indivi-

²³ Alguns dos pesquisadores do IFCH fazem trabalhos acadêmicos para estes e outros núcleos de pesquisa. Porém, a busca de dados quantificáveis, neste sentido, torna-se difícil na medida em que os pesquisadores não especificam suas atividades intelectuais nos mesmos. Por outro lado, as estatísticas geradas nos núcleos são enviadas à Pró-Reitoria de Pesquisa para ser incluídos nos respectivos anuários, mas estes não aparecem separadamente e sim dentro do quadro de produção do instituto ou faculdade ao qual pertence o pesquisador.

dualizado" (Filósofo)

Os filósofos da amostra concordaram no seu alto individualismo para trabalhar, como uma característica marcante na sua comunidade, que os converte em seres bastante solitários ou isolados com respeito aos membros das outras áreas do IFCH, como assinalou um deles:

"Cada um de nós mantém seus próprios contactos, trabalhando, inteiramente, em forma muito individual. O filósofo é o individuo mais extremo que se possa imaginar (...). Já ninguém se preocupa por conhecer o que o outro está fazendo". (Filósofo)

Os historiadores entrevistados assinalaram também a tendência a fazer trabalho individual devido a que "a sua pesquisa flutua ao sabor da sua disposição de encarar determinados temas assim como de seu estado emocional; é muito pessoal" (Historiador).

O trabalho coletivo surge, não só através da participação em seminários, como assinalaram os filósofos, senão também, no momento em que se gera uma dinâmica de intercâmbio de idéias com vários pesquisadores de diversas disciplinas, mediante a formação de grupos de trabalho:

"O contacto com as pessoas torna-se muito interessante pela interdisciplinaridade do trabalho: filósofos, historiadores, cientistas políticos. O trabalho em grupo deve ser um trabalho exploratório que permita abrir mais possibilidades no intercâmbio de idéias". (Historiadora) (O grifo é meu)

Outra historiadora destacou um aspecto muito importante que deve prevalecer nos grupos de trabalho e é, precisamente, a abertura ou a disponibilidade das pessoas para facilitar o processo de retroalimentação que leve, conseqüentemente, aos resultados esperados. Um grupo que se mostre avesso a aceitar outras pessoas,

estaria monopolizando as práticas de colaboração em uma determinada comunidade científica e, portanto, seria evidente a existência de grupos de poder:

"A tendência é criar grupos onde você se encontra bem, tanto com as pessoas como com a temática. Eu acho que, na nossa área, prevalecem grupos muito fechados. Você consegue entrar neles na medida em que você "joga no mesmo time". A nossa comunidade é um meio "mafioso" como em qualquer lugar, até porque os seus membros são muito excludentes". (Historiadora)
(O grifo é meu)

A existência de pequenas redes científicas, que trabalham em forma quase isolada, cria uma falha nesse sistema de comunicação que reduz o grau de colaboração e até pode provocar condições psicológicas negativas nos pesquisadores que não pertencem a esses grupos.

Esse grau de colaboração, no entanto implica na participação de pessoas que trabalhem em temas compatíveis, para facilitar o crescimento intelectual do grupo através dos debates suscitados.

Vários dos pesquisadores entrevistados, tanto filósofos como historiadores, assinalaram essa falta de compatibilidade temática, na sua própria área, como obstáculo para desenvolver mais ativamente esta opção de trabalho:

"Nosso departamento funciona segundo linhas de pesquisas. Não tem trabalho coletivo porque cada um trabalha na sua linha" (Historiador)

"Eu acho que nós não estamos apáticos, estamos ativos, só que cada um trabalhando em forma isolada na sua área" (Filósofo)

"Há muita diversidade de temas de trabalho, ou seja, as pessoas não se interessam pelos mesmos temas, o que dificulta o trabalho em equipe" (Filósofo)

Entretanto, os pesquisadores pertencentes ao Departamento

de Ciências Sociais, principalmente os antropólogos, destacaram a sua preferência pelo trabalho coletivo, não com os seus pares, e sim com os seus próprios alunos, mediante os trabalhos de campo:

"A pesquisa coletiva é comum quando você faz pesquisa de campo. É mais comum fazer trabalho coletivo com os seus alunos de graduação, pós-graduação ou doutorado. Na verdade, com os meus próprios pares não tenho feito muito. O trabalho do antropólogo é muito individual e eu gosto de trabalhar sozinho nas minhas próprias pesquisas" (Antropólogo) (O grifo é meu)

O fato de preferir trabalhar com os alunos poderia ser interpretado como uma forma de eludir a competitividade entre os próprios colegas ou simplesmente, de contar com a assistência deles para a realização de seus projetos, o que leva implícito outro importante aspecto: o estímulo ao estudante no desenvolvimento da pesquisa mediante o qual, é possível concretizar a interação entre professores e alunos.

1.4. Atividades de ensino e orientação de dissertações e teses

1.4.1. Atividades de ensino

As funções didáticas dos professores do IFCH são distribuídas segundo o número de cursos e número de estudantes matriculados em cada nível acadêmico -graduação, mestrado e doutorado- dos respectivos departamentos em que se divide o Instituto.

Então, quando um professor está dando aulas em um determinado nível, não se trata de uma escolha pessoal, embora isso não signifique que eles não possam manifestar as suas preferências em trabalhar com estudantes de certo grau de formação, destacando as vantagens e desvantagens que apresenta, para eles, o contacto com tais grupos.

No caso do ensino a nível de graduação, a experiência se torna interessante para os professores na medida em que eles são conscientes da sua responsabilidade como transmissores de conhecimento para um grupo de jovens que está começando o seu processo de formação profissional. Estes grupos podem mostrar uma alta ou baixa curiosidade intelectual, o que vai influir nas condições psicológicas dos professores para ministrar as aulas.

Um cientista político assinalou um fator muito interessante que explica a sua preferência pelo ensino a nível de graduação, e é a possibilidade de despertar motivações nos seus alunos pelos seus temas de pesquisa, desenvolvidos nas suas aulas. Desta forma, poderia assegurar eventuais incorporações desses alunos no seu grupo de trabalho. Inclusive, a continuidade desses estudantes nos programas de mestrado e doutorado, contempla-se como um dos objetivos principais desse professor para conseguir expandir e desenvolver os seus temas de trabalho de uma forma mais profunda e crítica.

Outro fator que motiva os professores para trabalhar com os graduandos, é o nível de solidariedade predominante nesses estudantes para colaborar nas suas pesquisas:

"Na graduação eu me sinto mais à vontade até porque os alunos são bem solidários: todos trabalham em grupo e pesquisamos juntos" (Antropólogo)

Isto deve-se a que estes grupos ainda não tem interesses específicos de trabalho, como os mestrandos e doutorandos. Além disso, faz parte de seu processo de aprendizagem participar nas atividades contempladas nos programas dos cursos.

Por outro lado, muitos professores se queixaram do baixo nível intelectual dos calouros, que faz em que as suas aulas se tornem meramente didáticas, como diz uma antropóloga:

"Acho que os alunos de graduação, principalmente, encontram muitos problemas para trabalhar os textos, diante da falta de

maturidade científica. Então, nós devemos estimular muito a independência intelectual, para evitar cair no ensino didático ou mecânico" (Antropóloga)

No que se refere ao ensino a nível de pós-graduação, foi evidente a preferência por parte dos professores em trabalhar com esses grupos, devido à maior experiência intelectual que geralmente caracteriza os mestrandos e doutorandos. Eles tem interesses mais definidos, o que amplia as oportunidades dos professores para desenvolver temas específicos relacionados com suas próprias pesquisas:

"Pessoalmente gosto mais da pós porque está mais ligada às minhas pesquisas. Nesses grupos, o pessoal tem mais experiência" (Filósofo)

Não obstante, um dos professores entrevistados destacou que, precisamente, esse nível de experiência nos pós-graduandos faz esgotar o intercâmbio de conhecimento entre eles:

"O doutorado foi muito rico, mas se torna desgastante porque já não se tem nada de novo para transmitir, dado o alto nível intelectual dos doutorandos. Já disse tudo para eles, então vem a necessidade de transmitir esse conhecimento aos graduandos. Agora, os estudantes que vão se formar são a nossa prioridade" (Historiador)

Essa "igualdade intelectual" alcançada pelos estudantes dos altos níveis acadêmicos, e reconhecida pelos professores, não é mais do que o produto de um paulatino processo de aprendizagem e intercâmbio de idéias em um ambiente onde há estímulo à criatividade, onde os estudantes poderiam ser membros das comunidades científicas mediante a elaboração de suas próprias dissertações de mestrado e teses de doutorado.

1.4.2. Atividades de orientação

O estímulo aos alunos de graduação para o desenvolvimento de pesquisas é quase nulo, segundo os professores entrevistados, porque a ênfase de tais cursos está concentrada nas atividades de ensino e não na pesquisa, como acontece, naturalmente, nos níveis de pós-graduação. Porém, foi reconhecida a importância de incentivar os graduandos na execução de trabalhos intelectuais, e uma das formas de promovê-los tem sido através das bolsas de iniciação científica, outorgadas por agências como a CAPES, o CNPq e a FAPESP. Mediante esta opção, os alunos trabalham em uma determinada pesquisa, contando com a orientação de um professor e recebendo uma "simbólica" quantia em dinheiro que possibilita o desenvolvimento de cada uma das etapas do projeto respectivo.

Não obstante, apenas 3% da produção total do IFCH pertence às atividades de orientação nas iniciações científicas, segundo os dados revelados nos anuários e representados na tabela 3.1.

Entretanto, a nível de pós, as atividades de orientação tendem a ser naturalmente maiores: 20,7%, dos quais, 15,5% correspondem às dissertações de mestrado (6,5% concluídas) e 5,14% às teses de doutorado (1,3% concluídas).

Uma grande parte dos professores da amostra, assinalou uma série de fatores que explicam a falta de incentivos para a pesquisa no nível de graduação:

- Os alunos não se mostram interessados em desenvolver pesquisas conjuntamente com o professor, assim como o professor não os estimula para iniciar-se nestas, diante da falta de hábito, como diz um dos filósofos: "Não foi por minha iniciativa que os alunos se sentiram estimulados", ou seja, na verdade os professores se mostram indiferentes para explorar as eventuais potencialidades científicas dos seus alunos.

- Tanto os alunos como os professores estão sobrecarregados de outras atividades que absorvem grande parte de seu tempo, dificultando

tando a elaboração e orientação de pesquisas, respectivamente. Os alunos devem cumprir com uma certa carga didática que lhes é exigida durante seu processo de formação. Cada uma das disciplinas tem a sua própria dinâmica de estudo: compreensão e análise de leituras, realização de provas, participação nas aulas e apresentação de seminários perante o grupo, entre outras atividades. Um filósofo reconheceu essa situação quando afirmou o seguinte:

"A iniciação científica provoca uma pequena especialização e os estudantes estão absorvidos com a grande quantidade de créditos que lhes exigem. Eles tem pouco espaço para pesquisar. Por isso, eu acho que seria mais proveitoso se eles tivessem menos aulas expositivas e apresentassem mais "papers"; aliás, a predominância de aulas expositivas explica a baixa participação dos alunos na elaboração dos trabalhos de iniciação científica". (Filósofo) (O grifo é meu)

Então, é evidente que a estrutura dos cursos de graduação não tem espaço para propiciar a elaboração de um número expressivo de trabalhos monográficos. Precisamente, um dos antropólogos entrevistados, tem externado nas reuniões do seu departamento, sua preocupação pelo nível excessivamente teórico dos cursos oferecidos na sua área, sugerindo a necessidade de incorporar mais atividades de campo no processo de formação dos graduandos, mesmo porque, para ele, é fundamental estimulá-los nesse sentido:

"Eu até exagero com as atividades de pesquisa dos meus estudantes de graduação, pois eu peço para eles continuarem trabalhando nas suas pesquisas, ainda que acabe o semestre (...). Deveria ser obrigatório incentivar a pesquisa nos estudantes de graduação" (Antropólogo)

Por outro lado, os professores também estão sobrecarregados com atividades de ensino e pesquisa, além da atenção a seus

orientandos nos níveis de mestrado e doutorado. Obviamente, os professores devem assumir cada uma dessas atividades "pois uma vez que se está na máquina é muito difícil sair dela", como afirmou um filósofo.

Embora reconheçam a importância de orientar alunos de graduação no desenvolvimento de pesquisas, para muitos dos entrevistados tal atividade implica em um acompanhamento constante dos alunos, criando uma situação de muita dependência que nem todos estão dispostos a suportar:

"Eu acho interessante os trabalhos de iniciação científica, mas exigem muito dos professores, porque você precisa atender os estudantes de graduação etapa por etapa ²⁴. Tenho muito trabalho, na verdade; então eu trato de fugir deste tipo de atividade". (Historiadora) (O grifo é meu)

Um cientista político também destacou esse problema:

"... a maioria dos professores está sobrecarregados com atividades de ensino e orientação na pós, dificultando sua dedicação às atividades de orientação dos estudantes de graduação através das iniciações científicas. Então, os estudantes de graduação não tem quem os oriente" (Cientista político)

Tal pesquisador assinalou também o fato de que tais atividades de orientação para concessão das bolsas de iniciação científica, não são consideradas na avaliação para ascender na carreira acadêmica, o que ajuda a compreender melhor a indiferença

²⁴ As actividades de orientação neste nível, exigem um trabalho mais coletivo entre o professor e o bolsista de iniciação científica, desde o começo até o fim do projeto de pesquisa, inclusive na redação dos relatórios que devem ser preparados para as respectivas agências de financiamento. No nível de pós-graduação, entretanto, existe mais autonomia neste sentido.

dos professores por desempenhar este tipo de atividade.

Um filósofo explicou que o pouco estímulo aos graduandos deve-se também, à relação desequilibrada entre o número de professores existentes no seu departamento e o número de estudantes matriculados, o que impede uma atenção mais individualizada para esses grupos no desenvolvimento das pesquisas.

Mas, de todos os departamentos do IFCH, aquele que faz mais esforço para promover os graduandos, nas atividades de pesquisa, tem sido o Departamento de Ciências Sociais. Neste Departamento, criou-se, inclusive, uma modalidade para incentivar a pesquisa dos alunos deste nível, segundo consta no Relatório de Auto-avaliação correspondente ao ano de 1991:

"O currículo, até 1987, compunha-se apenas de disciplinas e centrava-se basicamente nas atividades de ensino. A partir dessa data, criou-se uma nova alternativa curricular para o aluno de graduação: o trabalho de monografia. Este vale 16 créditos (equivalente a quatro cursos) e implica nos seguintes procedimentos: redação de projeto de pesquisa, sob a responsabilidade de um professor e defesa da dissertação. Após concluir a monografia, o aluno a submete a uma avaliação, feita por uma banca composta pelo orientador e por dois professores do IFCH ou de outra unidade da UNICAMP" (IFCH, p. 4)

É interessante notar que, dentro desse Departamento, destaca-se a sub-área de Antropologia ²⁵, pois durante o período 1987-1990 foram apresentadas, defendidas e aprovadas 47,5% do total de monografias nessa área; enquanto nas áreas de sociologia e ciências políticas foram 34,2% e 18,3% respectivamente. Nesse mesmo Relatório não consta informação a respeito dos Departamentos de História

²⁵ Na verdade, as sub-áreas em que se divide o Departamento de Ciências Sociais estão claramente definidas como unidades independentes.

e Filosofia, o que demonstra menor preocupação por parte desses professores em organizar, estruturar e coordenar as atividades de incentivo à pesquisa para os alunos de graduação.

1.5. Obstáculos à geração do conhecimento

O processo de produção de conhecimento torna-se viável na medida em que se logra um certo grau de compatibilidade das variáveis que intervêm no trabalho acadêmico dos membros das comunidades científicas.

A partir do momento em que algumas dessas variáveis não respondam do modo como se espera, os pesquisadores deixam de estar em condições de responder da forma como o sistema exige, e acába-se provocando uma ruptura dentro do próprio sistema, que pode gerar um ambiente de desconformidade e desmotivação entre eles.

Algumas dessas variáveis, responsáveis pelo comportamento apático dos membros de um grupo acadêmico, foram apontadas pelos próprios pesquisadores da amostra, como se poderá apreciar nos seguintes itens.

1.5.1. Atividades administrativas

Como se afirmou no item 1.2.1, o processo burocrático que deve ser seguido para a obtenção de um determinado resultado do ponto de vista administrativo, é realmente angustiante. A falta de paciência para esperar as respostas, assim como a perda de tempo relacionada a essa espera, são considerados como alguns dos fatores consequentes do burocratismo existente.

Não obstante, alguns dos entrevistados, principalmente os filósofos, destacaram a importância de ocupar cargos administrativos, até porque, através deles, conseguem maiores contactos com os seus pares, tem uma visão mais ampla das atividades acadêmicas e contribuem, de certo modo, para melhorar as condições de trabalho

de sua comunidade. Um dos filósofos relatou sua experiência nesse sentido:

"Eu estou no cargo de coordenador de um projeto político orientado a "salvar" o nosso programa acadêmico e colocar em ordem um monte de coisas do nosso "caótico" Departamento. Eu acho que é uma forma de você contribuir para sua comunidade acadêmica. Gosto do trabalho administrativo porque acho que é bastante objetivo e os produtos que se obtém dele são bastante concretos. Percebi que o nosso Departamento, precisava de muita capacidade administrativa e, nesse contexto, eu quis assumir a função de coordenador. Não me arrependo" (Filósofo) (O grifo é meu)

Porém, este mesmo pesquisador se contradiz quando diz:

"Mas eu agora estou muito cansado e deprimido pelas atividades administrativas. Já estou querendo voltar para as minhas pesquisas, até porque elas ficaram muito abandonadas".(Ibid) (O grifo é meu)

Ou seja, chega-se a um ponto em que o entusiasmo por realizar as tarefas que implicam o trabalho administrativo, acaba morrendo paulatinamente, diante da lentidão para obter os resultados esperados. Essa situação desalentadora faz com que o pesquisador não duvide em voltar às suas quase abandonadas atividades intelectuais e em querer dedicar-se por inteiro a estas. Tudo isso faz com que grande parte dos pesquisadores aumentem sua apatia ou desprezo pelas atividades administrativas e, na medida do possível, tratem de evitá-las.

1.5.2. As fontes de financiamento

Agências como a CAPES, o CNPq, a FAPESP e a FINEP, entre

instituições na luta pelo acesso ao financiamento, e segundo, e mais grave, o "apadrinhamento" das agências por certas entidades ou pesquisadores, como diz um historiador:

"Olha, isso aí é muito complicado (referindo-se aos critérios usados pelos órgãos financiadores). Eu acho que há um problema porque existem redes de pessoas com influências. Não me considero parte dessa rede, mas nem porisso tenho problemas nesse sentido, porque as minhas pesquisas recebem financiamento" (Historiador) ²⁶ (O grifo é meu)

O reconhecimento científico obtido por quem está em alto nível acadêmico, produto, precisamente, de seu paulatino trabalho intelectual e constante intercâmbio de idéias com os seus pares, é um fator prioritário para assegurar-se, com maior facilidade, a aceitação de seus trabalhos por parte das agências, e até talvez, de outras comunidades científicas de âmbito nacional ou internacional. Os maiores problemas são enfrentados por quem está começando sua carreira acadêmica e, portanto, é catalogado entre os autores "desconhecidos", apesar da qualidade de suas pesquisas, como se assinalou nos itens anteriores.

1.5.3. Falta de autonomia na pesquisa

"Você tem liberdade para inventar ou trabalhar nos temas que você quiser. Porém, essa autonomia está sendo restringida por uma série de imposições internas, institucionais e empresariais, que atrapalham bastante nossas tarefas acadêmicas" (Sociólogo)

²⁶ Revisando o *currículum vitae* deste professor, é explicável a sua facilidade para obter financiamento das agências, devido a sua ativa participação nos eventos acadêmicos e a sua alta produtividade científica, que lhe tem atribuído uma respeitável posição no IFCH.

Tal afirmação foi feita por um dos sociólogos entrevistados como resposta à inquietude formulada sobre se prevalece a autonomia na formulação e elaboração dos projetos. A resposta foi unânime a favor da existência de autonomia, embora alguns deles tenham destacado certos obstáculos que restringem essa independência intelectual.

Além dos processos burocráticos, que devem ser enfrentados para atingir certos objetivos, a falta de recursos financeiros por parte das agências acaba gerando critérios mais seletivos para restringir o número de beneficiários. Porém, na medida em que o próprio pesquisador financie seus trabalhos (como tem feito alguns dos entrevistados) e defina claramente as linhas de pesquisa em que irá trabalhar, diminui a incerteza dessa autonomia, sempre que tais linhas resultem viáveis para serem desenvolvidas no contorno social.

Uma experiência de um filósofo deixou clara esta realidade:

"Eu tive projetos rejeitados porque o "referee" das agências nacionais achou o projeto inapropriado. Mas eu apresentei esse mesmo projeto no exterior (Alemanha) e eles o aprovaram sem problema nenhum. Isto aconteceu só com um de meus projetos, até porque o tema deste é bastante pouco comum no Brasil". (Filósofo) (O grifo é meu)

A incompatibilidade dos projectos formulados com as possibilidades de financiamento, seja pelo seu pouco sentido prático ou pequena repercussão, para não dizer utilidade, leva os pesquisadores mais ousados a procurar fontes de financiamento externas que lhes permitam concretizar as metas propostas em países onde tem sentido desenvolver tais temas.

Aqui surge um aspecto importante a destacar e é o estímulo que os cientistas sociais recebem pelo seu desempenho dentro das comunidades científicas de seus próprios países. Ou será que esse reconhecimento se dá em maior grau nas outras nações, como se

evidenciou no caso anteriormente exposto?

Este será um tema a ser tratado no item seguinte.

1.6. Valoração dos trabalhos produzidos

A busca do reconhecimento entre os membros das comunidades científicas, é aceitável dentro de um ambiente de sã competitividade, onde cada um deles procura abrir um espaço pelos seus próprios esforços e participa ativamente no intercâmbio de idéias, como uma forma de contribuir para a dinâmica de produção intelectual.

Neste sentido, Thomas Schott, em um interessante estudo comparativo sobre o desempenho científico de algumas comunidades acadêmicas pertencentes às áreas de ciências naturais do Brasil, de alguns outros países da América Latina e Israel, diz o seguinte:

"Emulation refers to the desire to excel, the ambition to equal or surpass others (...). A researcher competes with others in the performance of the scientific role, and competes with others in the creation of contributions to public knowledge, specifically for rewards for making contributions" (Schott, 1993, p.68)

Porém, essa troca de produção de conhecimento pela obtenção de recompensas ou, por resultados gratificantes, não são sempre satisfatórias para os cientistas, nem por reação de seus próprios pares, nem pela sociedade em geral, provocando, em alguns deles, desestímulo pelo trabalho acadêmico, confirmado por uma grande maioria dos professores de nossa amostra.

1.6.1. Reconhecimento acadêmico

Segundo os resultados obtidos nas entrevistas, receber estímulo e ser reconhecido pelas comunidades científicas nacionais e internacionais foi considerado sumamente importante, na medida em

que se dá valor aos trabalhos produzidos. Ao mesmo tempo, logra-se um amplo acesso aos meios de produção científica, porque o desempenho dos pesquisadores está precisamente em função de sua produtividade e, esta precisa ser valorada pelos próprios pares para dar sentido ao trabalho realizado.

Este reconhecimento será interpretado como uma avaliação positiva ou negativa, repercutindo no estado de ânimo dos autores do trabalho intelectual:

"É importante receber estímulo e reconhecimento das comunidades científicas nacionais e internacionais, porque é sinal de que o seu trabalho teve repercussões. É o reconhecimento da qualidade de suas pesquisas e dá um sentimento de que você é eficiente no seu desempenho como pesquisador". (Filósofo)
(O grifo é meu)

Tal afirmação deixa claro o grau de socialização dos cientistas, ao estar imersos no seu contorno social, onde precisam ser estimulados, motivados e reconhecidos para dar viabilidade à sua função como pesquisadores.

As formas como a academia outorga esse reconhecimento vão desde o Prêmio Nobel (considerado o máximo galardão na esfera científica, social, econômica e cultural), até a citação dos trabalhos. Qualquer que seja a alternativa, determinada direta ou indiretamente pelos próprios cientistas para estimular seus pares, vai repercutir na estratificação social de cada um deles dentro do mundo científico.

Um renomado autor, diz o seguinte:

"... tal reconocimiento (aquele que los científicos otorgan a quien consiga un logro científico), puede convertirse en un beneficio instrumental, ya que se ponen mayores facilidades a disposición del científico galardonado para su trabajo

posterior. De tal modo, sin deliberada intención por parte de ningún grupo, el sistema de recompensas influye en la "estructura de clase" de la ciencia, al proporcionar una distribución estratificada de oportunidades entre los científicos, para ampliar su rol como investigadores". (Merton, 1977, p. 558) (O grifo é meu)

Em outras palavras, o mecanismo de outorgar crédito e valor aos trabalhos produzidos incide no *status* acadêmico dos integrantes de uma comunidade científica e permite, ao mesmo tempo, incentivar a qualidade de tais produtos. Esta busca da qualidade, a partir da qual se espera o reconhecimento, segundo o sistema de recompensas definido pelos "academic establishments" ²⁷, funciona indiretamente como uma forma de pressão para os pesquisadores desenvolverem a sua capacidade intelectual através da geração e divulgação de seus estudos.

Neste sentido, é importante destacar o "Projeto Qualidade", promovido na UNICAMP durante a gestão do reitor Paulo Renato de Souza (1986-1990), mas que, por diversas razões, só foi possível ser aplicado durante a gestão de Carlos Vogt (1990-1994). O objetivo principal de tal projeto é o incentivo à qualidade do desempenho acadêmico dos docentes e pesquisadores da Universidade, mediante a elevação da produtividade e participação nos eventos científicos, assim como pelo aumento das exigências de titulação, como requisitos para desempenhar certos níveis de atividades dentro da hierarquia acadêmica definida na UNICAMP.

Esta proposta tem sido bastante discutida nas diferentes faculdades e institutos que conformam essa universidade (provocando

²⁷ Oliveira, no seu livro Ilhas de competência, faz menção ao estudo de Norbert Elias e outros, intitulado Scientific establishments and hierarchies (Dordrech, Holand: Reidl Publ., 1982). Neste estudo, os autores fazem uma análise dos *academic establishments* definidos como organizações formais de trabalho científico especializado, caracterizados por uma série de hierarquias e estímulos que estabelecem o grau de poder e reputação dos membros da organização. (Oliveira, p. 36)

uma série de críticas que denotam as contradições persistentes no mesmo), com o objeto de ser melhorada para não prejudicar os interesses do corpo docente universitário.

Alguns dos pesquisadores do IFCH entrevistados acreditam que o "Projeto Qualidade" funcionou realmente como um mecanismo de pressão para incentivar as publicações e contar com certo número de projetos, estimulando gradualmente a competitividade entre eles.

Uma antropóloga diz o seguinte:

"Uma vez que a pessoa se torna membro da comunidade acadêmica, começa a sentir pressão da competitividade dos seus pares. O "projeto qualidade" foi uma pressão para nós, ainda que tenha sido, ao mesmo tempo, um estímulo para a realização das nossas pesquisas, até porque aumentou o número de bolsas"
(Antropóloga)

No momento em que o pesquisador começa a integrar um grupo, o cumprimento das exigências acadêmicas vai ser parte de uma luta para ascender na hierarquia científica, como uma forma de assegurar sua reputação entre seus colegas:

"Quanto mais você sobe na sua carreira, mais aumenta a sua competitividade com os seus pares. Quando eu não era doutora, a competição não era tão forte como é agora" (Historiadora)
(O grifo é meu)

E quem não cumpre com tais exigências, simplesmente fica fora da "elite acadêmica":

"É muito criticado dentro da própria comunidade acadêmica, o professor doutor que não publica nada. Não existe nenhum tipo de imposição sobre ele, que eu saiba. Abaixa o seu status e será menos convidado a participar das atividades acadêmicas. Então, ele acaba nem dando a conhecer as suas idéias e vai ficando isolado". (Antropólogo) (O grifo é meu)

No entanto, se o docente não tiver estabilidade, corre o risco de seu contrato não ser renovado se ele não está respondendo as imposições que a Universidade coloca nesse sentido.

É interessante observar o fato de que a forma de medir a produtividade científica de um pesquisador parece estar dando mais prioridade ao número de publicações, como uma medida de controle estatístico, o que acaba desestimulando a qualidade intrínseca do trabalho intelectual. Na citação anterior, parece confirmar-se tal argumento, quando se assinala a necessidade de utilizar os meios formais de comunicação ²⁸, como condição indispensável para receber o reconhecimento acadêmico e, a partir daí, ampliar as possibilidades de participar nos eventos acadêmicos.

É obvia a importância da divulgação dos trabalhos pela via formal (como já se afirmou nos itens anteriores), sempre que não se converta em uma obsessão, simplesmente para não ficar fora do ritmo altamente competitivo dos membros das comunidades científicas.

Um filósofo assinalou esse fato de uma forma contundente:

"A comunidade científica é menos exigente, mais tolerante no sentido da produção, mesmo porque os pesquisadores conseguem ser respeitados sem ter muita produção. Para eles, é bem mais importante participar nos seminários ou debates ou fazer outro tipo de vínculo informal, do que o fato de você publicar". (Filósofo) (O grifo é meu)

Não obstante, muitos dos entrevistados externaram a sensação de se sentirem muito pressionados, não só pela própria Universidade, senão também pelas agências de financiamento, até porque os recursos que estas outorgam, estão em função do número de publicações que foram produzidas:

"Por um lado, as agências financiam enquanto você mais

²⁸ Tais meios, obviamente, implicam na divulgação via publicações.

publica, porque é uma forma de medir a sua produtividade. Se você realmente está trabalhando, então elas continuam financiando as suas pesquisas. Por outro lado, está a pressão de nosso meio, que é muito alta, até porque a Universidade pede aos professores relatórios a cada final de ano (assim como as agências)" (Historiadora)

Se bem os mecanismos de pressão estimulem a competitividade, ao mesmo tempo dão espaço à formação de grupos pequenos de trabalho, em virtude da alta especialização que implica a definição de novas linhas de pesquisa e a realização de outras atividades acadêmicas.

Porém, nem todos os entrevistados manifestaram sentir-se pressionados para aumentar seu nível de produtividade:

"Você pode publicar muito ou nada e é exatamente a mesma coisa. A maioria não vai publicar. A competitividade é nula, até porque a única exigência é dar aulas. O "projeto qualidade" não se vê aqui nas ciências humanas em geral. Não temos critérios, não há diferença entre os professores que produzem ou não produzem, nem dentro da universidade nem dentro da comunidade acadêmica". (Sociólogo) (O grifo é meu)

Para este sociólogo, o prestígio do pesquisador se obtém segundo o grau de participação nos eventos acadêmicos (concordando com a citação do filósofo, anteriormente exposta), mesmo porque é através dos vínculos diretos com os seus pares que o cientista vai obter um melhor retorno intelectual e social.

Um historiador também concordou com este sociólogo, no sentido da pouca funcionalidade do "projeto qualidade" no IFCH, pois "... não exigiu grande coisa dos professores" (Historiador)

As contradições que giram em torno a este projeto, colocam em dúvida a efetividade dos objetivos definidos no mesmo, ao menos para uma parte do corpo docente do Instituto. O que tem ficado claro é o fato de que, para uma maioria dos entrevistados, a

Universidade tem estabelecido uma série de instrumentos para controlar as atividades de docência e pesquisa, sendo um deles o "projeto qualidade". Caberia a cada instituto avaliar se realmente os parâmetros nele delineados foram funcionais, segundo as suas necessidades. ²⁹

²⁹ Neste trabalho, não se pretende entrar em detalhes sobre este assunto, até porque a sua análise seria tema de um outro trabalho que extrapola os limites do nosso objetivo principal, que é o estudo da dinâmica de produção de conhecimento na comunidade científica do IFCH.

1.6.1.1. As citações

O reconhecimento pelos pares constitui-se em uma necessidade imperiosa para os cientistas preocupados com o intercâmbio constante de idéias, mediante uma ativa participação nas diferentes atividades acadêmicas.

Uma das formas de obter e manifestar esse reconhecimento tem sido as citações, como produto do esforço por conhecer a produção científica.

As citações surgem na medida em que o pesquisador precisa destacar, nos seus artigos ou trabalhos, a crítica, concordância ou análise das idéias expostas por determinados autores, segundo a sua própria interpretação. Se bem as mesmas nem sempre outorgam o sentido que o próprio autor coloca, ao menos representam um indicador de que aquelas obras tem sido lidas, contribuindo, de certa forma, para melhorar o *status* de quem foi citado.

Porém, a forma como as mesmas são controladas, não parece constituir uma preocupação por parte dos entrevistados, até porque aquelas vão-se "descobrimo" conforme o próprio pesquisador vai estudando a literatura produzida dentro de sua área:

"Eu fico sabendo por coincidência (das citações). Vou nas livrarias e olho os livros que saíram sobre os meus temas de trabalho, e aí descubro o meu nome em alguma página"
(Historiadora)

Um filósofo diz:

"Eu tenho notícia de que fui citado através dos livros ou artigos que eu leio na minha área, mas eu não faço controle diretamente. É mais casual dentro do processo normal do trabalho intelectual" (Filósofo)

Diante dessa atitude pouco controladora mostrada pela maioria dos pesquisadores da amostra, parece ficar minimizada a

necessidade de contar com um "index" de citações como uma forma de tentar esclarecer as formas de interação predominantes nas redes científicas, o que reflete, em certa forma, o caráter incipiente do sistema de avaliação acadêmica no Brasil.

1.6.2. Reconhecimento social

Estabelecer comunicação com o contorno social parece ser uma busca natural e conseqüentemente lógica, dentro de todo ciclo de produção científica, uma vez que os trabalhos produzidos estão geralmente, direta ou indiretamente relacionados com diversos problemas da realidade nacional ou internacional.

Algumas áreas pertencentes às ciências humanas, conseguem um maior grau de vinculação com a sociedade, na medida em que chegam a visualizar e analisar temas de interesse para o público leigo, utilizando uma linguagem menos técnica e até didática, com o objeto de facilitar a compreensão aos que são alheios a determinado campo de conhecimento.

Dos três Departamentos que conformam o IFCH, o correspondente à área de filosofia evidenciou um grau de vínculo menor com o seu contorno social, segundo as declarações dos filósofos entrevistados, até porque esta área tem pouco "sentido prático" e, portanto, não é devidamente valorizada pelo público leigo:

"... a maioria da nossa população é analfabeta e está mais preocupada em satisfazer as suas necesssidades básicas; então, falar de filosofia para eles não tem sentido prático".
(Filósofo)

O reconhecimento social dos filósofos está mais em função da instituição onde trabalham do que de sua própria profissão:

"O desempenho do filósofo para a sociedade não tem sentido prático, portanto não é por ela valorizado" (Filósofo)

Outro filósofo destaca:

"Filosofia não dá status para a sociedade. Entretanto, ser professor da UNICAMP dá status. (Filósofo)

Na medida em que o filósofo aumenta o nível de abstração de sua análise, as possibilidades para estreitar vínculos com o seu público não acadêmico vão sendo menores. Mas, quem se desenvolve dentro da área de filosofia política, parece ter maiores oportunidades para explorar temas da atualidade em uma linguagem mais acessível para um público mais abrangente, como diz um deles:

"Os temas de meus artigos publicados nos jornais foram sobre o fim do comunismo, crise do marxismo, racionalismo, internacionalismo, luta da Croácia pela independência... Isto todo mundo leu. Então, eu acabei sendo mais reconhecido pela sociedade através destes meus artigos do que através de meus artigos publicados nas revistas especializadas e meus livros" (Filósofo) (O grifo é meu) ³⁰

Precisamente, os artigos publicados nos jornais (9,6% como foi mostrado no item 3.2.2.), assim como as palestras (5,3% da produção total, segundo tabela 3.1.), constituem os principais mecanismos que o pesquisador, de qualquer área do conhecimento, utiliza para lograr um melhor relacionamento com a sua comunidade leiga, como diz um cientista político:

"O público leigo conhece os meus trabalhos através dos meios de comunicação. Os jornalistas chamam a gente para fazer entrevistas e, através destas é que o meu trabalho se dá a

³⁰ Foi interessante notar um significativo porcentagem na produção de artigos para jornais neste departamento com relação aos outros (DFI: 3,6% ; DCS: 3,7% e DHI: 2,1%), embora tal indicador explica o interesse de alguns dos filósofos em detalhar este tipo de atividade nos seus relatórios, como já foi mencionado.

conhecer para um público maior, fora do acadêmico" (Cientista político)

Uma das historiadoras entrevistadas diz o seguinte:

"O reconhecimento da sociedade se dá na medida em que você é convidada para proferir palestras e participar nos seminários, ou quando você consegue publicar nos jornais, aparecer nos programas de T.V. ou outros meios de comunicação". (Historiadora)

Não obstante, muitos dos entrevistados queixaram-se do baixo nível de formação do público leigo, por um lado e, por outro, do pouco interesse demonstrado por seus temas. Por isso, alguns dos pesquisadores chegam a direcionar os seus trabalhos para um público mais culto:

"O reconhecimento está, em primeiro lugar, em função do público acadêmico; logo vem o público "culto" que passa pela universidade, e que logo chega a desenvolver-se nos setores empresariais, profissionais e sindicais" (Sociólogo)

Em suma, o contorno social no qual o cientista se desenvolve deve responder, de uma ou outra forma, ao desempenho intelectual dos membros das comunidades acadêmicas, como forma de outorgar o mérito e o estímulo necessário para continuar com a dinâmica de produção de conhecimento. Isto implica, por parte dos que são responsáveis por essa produção, no uso de uma linguagem mais simples, mas que, nem por isso, chegue a cair na superficialidade, assim como uma ampla divulgação, mediante diversos meios de comunicação, que permitam a consolidação do processo intelectual.

CAPITULO IV

As unidades de informação e seu papel no desenvolvimento da pesquisa

Aquelas unidades cujas funções estão orientadas para o processamento, armazenagem e difusão da informação, independentemente de seu alcance temático, ferramentas de trabalho (normas de classificação, catalogação, indexação), tipos de produtos (disseminação seletiva de informação, boletins de aquisição, sumários, bibliografia especializada, entre outros) e formas de processamento da informação (manual ou automatizado), recebem o nome de unidades ou centros de informação.

Partindo deste conceito, é clara a enorme responsabilidade que pesa sobre os especialistas de informação no sentido de obter, da massa amorfa documental, aqueles recursos bibliográficos que resultem relevantes, pertinentes e úteis às necessidades de informação da respectiva população de usuários. Tal responsabilidade, pode ser cumprida através de uma série de métodos que facilitam o controle, processamento e difusão da informação de uma forma rápida, precisa e eficiente. As valiosas contribuições da informática, das telecomunicações e da microelectrônica, constituem claros exemplos desses métodos mediante os quais tem sido possível diminuir os problemas de acumulação e obsolescência dos documentos.

A importância estratégica das unidades de informação no desenvolvimento do trabalho intelectual é reconhecida na medida em que estas se convertam nos núcleos catalisadores do processo de transferência de informação, produto de uma adequada coordenação, planificação, execução e avaliação das atividades implícitas nas tarefas documentais. Isto leva os especialistas da informação (bibliotecários, documentalistas) a assumir posições sérias e para isso, é imprescindível que eles contem com uma adequada formação para organizar, recuperar e divulgar os recursos bibliográficos, segundo as características e demandas do sistema no qual estão inseridos. A sua identidade com os problemas encontrados no seu desenvolvimento laboral, assim como o seu interesse por conhecer as

necessidades de informação dos usuários, devem ser requisitos permanentes para melhorar o nível de interação entre ambos setores (Biblioteca-usuários). O grau de socialização existente entre ambos os setores representa, de fato, um elemento significativo na consecução das metas propostas; portanto é de se esperar uma atitude positiva e empreendedora nesse sentido de um e de outro lado.

Dentro deste quadro, cabe mencionar o que a Biblioteca do IFCH (BIFCH) tem desenvolvido para contribuir para o processo de produção de conhecimento desse Instituto.

1. A Biblioteca do IFCH

O objetivo da BIFCH está orientado ao atendimento da comunidade acadêmica do Instituto, fornecendo informação relevante segundo as linhas de pesquisa definidas.

Atualmente, esta unidade conta com dezesseis funcionários, dos quais seis são formados em biblioteconomia e ocupam cargos de diretoria e chefia dos dois departamentos da BIFCH (atendimento ao público e processamento técnico). Conta também com duas secretárias e oito auxiliares em biblioteconomia, cuja formação é até o segundo grau. Para aliviar a carga de trabalho destes funcionários, a Biblioteca conta com quatro alunos estagiários, dos quais dois são alunos de Biblioteconomia e são responsáveis por alguns trabalhos técnicos. São contratados durante um ano e sua carga de trabalho é de 40 horas por semana. Os outros dois são bolsistas do IFCH (15 horas semanais) e desempenham funções relacionadas com o atendimento ao público, principalmente nos horários "críticos" (almoço, horário noturno e plantões do sábado).

Os serviços que oferece a BIFCH são:

- Consulta local;
- Empréstimos;
- Visitas orientadas e treinamento aos usuários no uso dos serviços;
- Levantamento bibliográfico manual e *on line* mediante

conexão com bases de dados nacionais (IBICT, Catálogo Coletivo Nacional de Publicações Periódicas, Cd Room do acervo de algumas Bibliotecas de universidades paulistas) e internacionais (DIALOG e POPLINE, ambas com sede nos Estados Unidos);

- Orientação teórica para: normalização das referências bibliográficas, citações e apresentação de resumos dos trabalhos científicos dos professores e alunos;
- Normalização para as publicações periódicas (ISSN) e livros (ISBN);
- Sumários das novas aquisições para os professores;
- Disseminação seletiva de informação (DSI) para professores e pesquisadores do Instituto (trata-se de uma bibliografia especializada e detalhada segundo os interesses dos solicitantes);
- Empréstimo entre Bibliotecas dentro e fora da UNICAMP;
- Localização e pedido de materiais bibliográficos a Bibliotecas estrangeiras;
- Leitura em microfilme e microfichas;
- Espaço para leitura individual e em grupo;
- Máquinas de datilografia para elaboração dos trabalhos intelectuais por parte dos alunos.

Com respeito aos produtos que oferece concretamente ao corpo docente do Instituto, incluem o sumário de aquisições e a DSI, mencionados anteriormente, como esforço para satisfazer as demandas de informação dessa população, que constitui o alvo prioritário da BIFCH.

A aquisição dos materiais é muito relativa, já que depende das verbas que são recebidas para tal fim. A Biblioteca circula o sumário de aquisições entre os pesquisadores com o objetivo de que eles indiquem as prioridades de demanda para o desenvolvimento de suas atividades docentes e de pesquisa. Tais demandas são consideradas pelos membros da "Comissão da Biblioteca", conformada pela diretora da BIFCH e um representante de cada uma das áreas de

conhecimento que integram o Instituto, que finalmente decidem os materiais que vão ser solicitados. O tempo que se leva para adquirir esses materiais varia segundo as possibilidades econômicas da Biblioteca Central, responsável pela compra dos recursos bibliográficos solicitados em cada uma de suas seccionais ³¹.

Outra forma de adquirir material é mediante solicitação de apoio econômico que a BIFCH ou os próprios pesquisadores formulam a agências de financiamento como a CAPES, FAPESP, FINEP, CNPq e FAEP, para proveer-se das bases documentais necessárias para desempenhar suas atividades intelectuais. Nestes casos, trata-se de esforços isolados por parte dos interessados e que beneficiam especificamente suas linhas de pesquisa.

As doações também constituem meios eficientes para enriquecer o acervo bibliográfico dessa Unidade, através das contribuições de algumas instituições públicas que atendem o pedido da diretora da unidade. Tais doações são analisadas por alguns pesquisadores do IFCH para selecionar o material realmente pertinente às áreas temáticas contempladas no Instituto.

Com vistas a melhorar a qualidade dos serviços, o intercâmbio de materiais entre as Bibliotecas que constituem o sistema de informação da UNICAMP é contemplado como outra alternativa para satisfazer as demandas da comunidade acadêmica respectiva. Entre as Bibliotecas que mantêm intercâmbio com a BIFHC destacam-se o Centro de Lógica e Epistemologia, a Faculdade de Educação, o Instituto de Artes, o Instituto de Economia, o Instituto de Estudos da Linguagem, o Arquivo Edgar Löenroth (pertencente ao Departamento de História do IFCH), o Instituto de Geociências e alguns núcleos de pesquisa da Universidade. Fora da UNICAMP, a BIFCH interage com algumas Bibliotecas da Universidade de São Paulo e da UNESP, assim como com a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, a Biblioteca da

³¹ Sendo o sistema de bibliotecas da UNICAMP centralizado, o núcleo central é a Biblioteca Central e os subsistemas ou seccionais, correspondem a cada uma das unidades de informação das correspondentes Faculdades e Institutos que constituem a Universidade.

Fundação Getúlio Vargas e a Biblioteca do Exército, estas duas últimas situadas também no Rio. O relacionamento com Bibliotecas estrangeiras varia segundo o interesse dos usuários e a capacidade econômica para cobrir os gastos consequentes de tal objetivo.

As metas prioritárias desta Unidade estão orientadas a aprimorar os serviços existentes e implementar novos que contribuam a melhorar a qualidade das atividades nela desenvolvidas.

Estimular a qualificação do pessoal, ampliar o espaço físico, tanto para leitura como para o acervo bibliográfico, e solucionar problemas triviais que atrapalham a interação Biblioteca-usuário, são algumas das metas a serem atingidas a médio e longo prazo por esta Unidade, conjuntamente com a respectiva comunidade acadêmica do Instituto.

CAPITULO V

Vinculação entre o sector productor de conhecimento (comunidade científica do IFCH) e o sector processador de informação (Biblioteca): uma perspectiva analítico-crítica

Considerando a relevância das unidades de informação dentro do processo de produção de conhecimento, assim como a forma como a Biblioteca do IFCH se insere dentro deste processo, vale a pena mencionar uma série de aspectos levantados pelos pesquisadores e pela diretora da BIFCH, com respeito à funcionalidade da mesma para o desenvolvimento de suas pesquisas.

Em primeiro lugar, cabe esclarecer que a análise que se segue não pretende avaliar o funcionamento da BIFCH e sim externar abertamente os problemas encontrados pelos usuários entrevistados, com o objeto de chamar a atenção tanto dos funcionários deste centro de informação como da população docente e alunos em geral do Instituto com respeito a tais falhas, estimulando a discussão e a busca de consenso na solução dos problemas encontrados.

Foi unânime o reconhecimento do importante papel que desempenha a Biblioteca para os pesquisadores do IFCH, na medida em que ofereça materiais bibliográficos atualizados através de serviços manuais e automatizados eficientes. Porém, a escassez de verbas outorgadas à BIFCH, foi considerada como um dos principais obstáculos para atualizar a coleção bibliográfica (principalmente a parte dos livros) e fornecer os materiais necessários a seus usuários para a consecução de suas metas. Isto também é apontado pela diretora da BIFCH, que atribui esta falha ao sistema centralizado das Bibliotecas da UNICAMP, ao depender da Biblioteca Central para a compra dos materiais necessários:

"As áreas humanas perdem muito no Colegiado da Biblioteca Central. A própria universidade prioriza as áreas de ponta. Nós fazemos um esforço para obter os materiais, mas não se consegue avançar muito. Inclusive tem-se pedido apoio a

agências como FAPESP e CNPq, cujas respostas para aprovar os projetos demoram até um ano e meio. Então, as demandas de nossos usuários vão-se acumulando e nossa impotência para atendê-las vai sendo maior". (Diretora da BIFCH)

Outro problema mencionado tanto pelos pesquisadores entrevistados como pela Diretora desta Unidade foi o desequilíbrio revelado na aquisição de materiais, assinalando a presença de "favoritismos" ou "monopólios" na Comissão responsável.

Os que mais se queixaram nesse sentido, foram alguns dos filósofos, ao argumentar a inexistência de materiais básicos dentro de sua área, o que demonstra que a Biblioteca não tem feito nem o mínimo necessário para dar satisfação a suas necessidades de informação.

Não obstante, outros pesquisadores (inclusive do Departamento de Filosofia) opuseram-se a tais argumentos, afirmando que todos os professores tem os mesmos direitos para indicar, nas listagens respectivas, os materiais bibliográficos de que precisam para suas atividades acadêmicas. Um dos filósofos justifica esse "desequilíbrio" da seguinte forma:

"Nas outras sub-áreas de informação de nosso departamento, não existe muita informação, é certo. Mas o que acontece é que essas pessoas não procuram a informação. Acostumam-se com a idéia de que a Biblioteca não tem nada importante para oferecer-lhes, e então não se esforçam por procurar mais (...). O importante é saber usar o que ela pode oferecer".
(Filósofo) (O grifo é meu)

Tal pesquisador, junto com outros de diferentes áreas, consideram a Biblioteca como o "laboratório das ciências sociais", isto é, o lugar onde é possível encontrar os instrumentos de trabalho para desenvolver seus trabalhos intelectuais mediante o uso adequado dos mecanismos de busca e recuperação da informação nela disponível.

Diante do problema da aquisição dos materiais, a diretora da Unidade alega o seguinte:

"Na área de filosofia os livros são muito mais caros do que nas outras áreas, pois trata-se de obras clássicas, apresentadas em capas onerosas e, geralmente, escritas em línguas menos acessíveis (grego, alemão). Então, a aquisição destas obras tende a ser mais difícil do ponto de vista econômico e também do ponto de vista burocrático em relação às outras áreas." (Diretora da BIFCH)

Para a Diretora, o problema da falta de equidade na aquisição de materiais reflete, precisamente, a carência de uma política séria que defina de maneira sistemática, estratégias claras e objetivas para obter recursos econômicos orientados à aquisição dos materiais necessários de acordo com os programas de pesquisa do Instituto. Isto implica, obviamente, na participação ativa do corpo acadêmico, conjuntamente com as lideranças da respectiva Biblioteca, para concretizar tais metas sem prejuízo de nenhuma área ou projeto específico. A idéia de criar a "Comissão da Biblioteca" (existente em todas as Faculdades e Institutos da UNICAMP) justifica-se pela necessidade de estabelecer vínculos mais diretos entre os sistemas de informação e sua respectiva comunidade de usuários. Portanto, é de se esperar que haja representatividade desta última através dos membros que constituem tal comissão. No entanto, essa "representatividade" parece não ser adequada, como diz a diretora:

"O coordenador da Comissão acaba monopolizando a aquisição dos materiais. Depois vem as preferências dos outros membros e cada um "puxa" para seu lado. Eu não posso interferir nesse "puxa-puxa", até porque não é minha responsabilidade controlar a "representatividade" de cada um deles" (Diretora da BIFCH)

Tal problema demonstra a falta de comunicação entre o corpo docente do Instituto para definir, não só as prioridades na aquisição de materiais, senão também para designar as pessoas que, finalmente, vão exercer tais funções.

Paralelamente a esta situação, surge outra de não menor gravidade, que é o tempo excessivo que os pesquisadores devem esperar para receber os materiais solicitados nas respectivas listagens, levando muitos deles a desistir da espera:

" ... os materiais demoram muito para chegar e isso acaba-me frustrando" (Filósofo)

Outro filósofo foi ainda mais específico:

"Eu pedi um livro e demorou até três anos para chegar e ainda demorou um ano mais para ser catalogado. Chegam quando eu já não estou interessado no tema. Faz quatro anos que eu pedi outro e ainda não chegou. Só agora estão chegando livros que foram pedidos já faz seis anos" (Filósofo) (O grifo é meu)

Diante desse problema, muitos optam por comprar os livros que necessitam com seus próprios recursos:

"Eu compro por minha conta os livros que eu preciso e logo empresto a meus alunos para eles tirarem xerox. Eu não conto com a Biblioteca para obter os livros que eu solicitei. Não fico esperando" (Sociólogo)

Essa demora deve-se, segundo a Diretora da BIFCH, ao processo burocrático que envolve as atividades de aquisição, compra e processamento dos materiais:

"Na medida em que existam verbas, os livros solicitados demoram até seis meses para estar disponíveis para os usuários, considerando o tempo que leva a execução de todas as

atividades implícitas nesse processo, tais como o envio dos pedidos às editoras estrangeiras, a preparação da pró-forma, o pagamento do embarque, a verificação do processo de envio por parte do emissor (editorial) e receptor (Biblioteca Central) e o processamento técnico dos mesmos para, finalmente, estar à disposição dos usuários respectivos" (Diretora da BIFCH)

A Diretora alega que quando o tempo de demora ultrapassa esses seis meses, isso reflete não só o velho e já mencionado problema da escassez de verbas, que afeta o sistema de Bibliotecas em geral, senão também a tendência da Universidade de apoiar prioritariamente as ciências "duras":

"A política de aquisição de livros e publicações periódicas da Biblioteca Central, é muito maquiavélica nas ciências humanas, até porque ela garante, em primeiro lugar, a assinatura das publicações nas áreas de ponta, embora a nossa coleção de revistas seja considerada razoável dentro das limitações da Biblioteca Central. A falta de livros nas áreas humanas se explica pelo alto investimento que implica a aquisição deste tipo de material; as publicações periódicas também resultam caras, porém em menor grau" (Diretora da BIFCH). (O grifo é meu) ³²

³² Em uma universidade com as características da UNICAMP, criada precisamente para responder à transformação científica e tecnológica do país, é de se esperar a constituição de um acervo documental que priorize as necessidades de informação de quem se desenvolve nas áreas "duras" (exatas, tecnológicas e biológicas). Mas essa prioridade, não deve chegar a tal ponto de esquecer boa parte das carreiras existentes nas áreas de ciências humanas, as quais precisam também do apoio bibliográfico para o desenvolvimento das diversas atividades docentes ou acadêmicas. Principalmente quando se leva em conta sua pequena demanda de outros equipamentos, como os relacionados à manutenção dos laboratórios das ciências "duras", até porque o "laboratório" das áreas humanas é precisamente a unidade de informação, como já foi mencionado.

Não obstante, a diretora reconhece que a situação tem melhorado bastante, se se compara com a prevalecente durante a década de oitenta, quando a aquisição dos livros demorava até oito anos, diante da difícil situação econômica que marcou aquela época.

Outro problema mencionado pelos entrevistados a respeito da pouca eficiência que tem mostrado a Biblioteca, radica na falta de qualificação de seus recursos humanos, constituindo-se em um obstáculo grave na interação usuário-informação, devido à incapacidade do pessoal para orientar na busca e recuperação dos materiais requeridos. Segundo os pesquisadores entrevistados, os funcionários da Biblioteca desconhecem as áreas temáticas do Instituto; conseqüentemente, o processamento técnico do material, assim como alguns serviços e produtos, estão orientados de maneira inapropriada.

Aqui se destacam duas observações que vale a pena mencionar. A primeira radica na atitude de alguns dos pesquisadores entrevistados diante deste problema, pecando até por indiferentes, mesmo porque não se mostraram preocupados em conhecer, realmente, quais são esses serviços e produtos:

"Não estou interessado em conhecer os serviços e produtos da Biblioteca" (Filósofo)

"Acho que a Biblioteca não oferece nenhum tipo de serviço, pois não conheço nenhum" (Historiadora) (O grifo é meu)

Ou seja, alguns usuários se mostram passivos diante da "imagem" que eles mesmos criaram da Biblioteca, produto da sua insatisfação com o trabalho desenvolvido por esta. Se não estão recebendo nenhum benefício, medido pela resposta que a Biblioteca outorga a suas necessidades de informação, então nem vale a pena visitá-la. Não externam suas demandas e a Biblioteca acaba nem sabendo delas. Em outras palavras, o fluxo de informação está sendo afetado pela apatia de ambas as partes para se comunicar, criando-se um ambiente pouco criativo e conciliador.

Em segundo lugar, cabe considerar até que ponto a qualificação profissional é estimulada dentro dessa Unidade específica e a capacidade desta para ampliar seu pessoal. Dos dezesseis funcionários desta Biblioteca, apenas seis são bacharéis em biblioteconomia; o resto, a grande maioria, aliás, apenas conta com o segundo grau completo. Trata-se de pessoas que começaram a trabalhar há muito tempo e conseguiram estabilizar-se na Universidade, sem que esta exigisse maiores requisitos acadêmicos para que continuassem em seus empregos. Além disso, parece que a Biblioteca continua recebendo funcionários sem uma adequada formação profissional e cultural, por não ter outra opção que lhe permita recrutar pessoal capacitado, diante da falta de verbas. O desempenho do trabalho documental dessa Unidade e, mais importante ainda, a sua interação com a comunidade de usuários, são enormemente prejudicados. Esta situação explica, em grande parte, a incompetência de alguns dos funcionários da BIFCH, queixa manifestada pela maioria dos pesquisadores, embora para a Diretora desta, isso também se deva a uma falha dos próprios pesquisadores, na medida em que eles confundem as funções do pessoal de apoio da unidade com os próprios bibliotecários, e exigem dos primeiros, funções que somente os segundos estão preparados para exercer. Esclarecida esta confusão, a Diretora é consciente da necessidade de capacitar o pessoal, não só a nível técnico senão também no âmbito das relações humanas, uma vez que as mesmas devem estar implícitas em toda tarefa humana, para lograr o alcance dos objetivos de uma forma produtiva e em um ambiente de cordialidade. Neste sentido, a Diretora da Unidade mencionou os esforços orientados para capacitar o pessoal respectivo, através de cursos e treinamentos oferecidos pela Biblioteca Central para os funcionários de todas as seccionais. O estágio de alguns deles em outras Bibliotecas do sistema, também representa uma opção para ampliar as características do trabalho documental desenvolvido na BIFCH, de maneira que permita aos funcionários enriquecer-se com as experiências nelas adquiridas. A participação em seminários organizados dentro e fora da UNICAMP sobre temas que, de uma ou outra forma, constituem contribuições importantes para o

desempenho da Unidade, se dá a nível individual. Ou seja, os interessados em participar nesses seminários programam a forma como eles poderiam realizar essas atividades sem prejudicar suas funções dentro da Biblioteca.

Para a Diretora da BIFCH, apesar desses esforços, a Universidade parece não estimular suficientemente a formação e capacitação de pessoal para desenvolver os trabalhos de documentação, subestimando a importância dos serviços de informação e, conseqüentemente, provocando a insatisfação da comunidade acadêmica respectiva.

Essa indiferença geral acaba prejudicando o trabalho da BIFCH, pois parece que nenhum mecanismo tem chamado a atenção dos pesquisadores do Instituto para usar os serviços que esta oferece:

" A Biblioteca não atinge os usuários. Eu já tentei a comunicação direta com os pesquisadores, coloquei avisos de atrasos de devolução dos materiais nos seus escaninhos, sem resultado nenhum. Os professores desconhecem os serviços oferecidos a pesar dos esforços que nós fazemos para divulgá-los. Parece que não ficam sabendo de nada. Eu não sei o que fazer. Eu acho que é uma coisa muito séria e para chegar a sua solução, a gente precisaria de especialistas em comunicação, divulgação, "marketing", informática ... Isso tal vez pudesse melhorar o nosso trabalho e o usuário estaria, por fim, interessado em nossos produtos" (Diretora da BIFCH) (O grifo é meu)

Se bem seja certo que a Biblioteca não tem conseguido a solução de problemas triviais em alguns setores, como por exemplo a reserva de materiais por parte dos professores, com o conseqüente problema do xerox para seus alunos assim como a incapacidade de oferecer em forma completa os materiais contemplados nas bibliografias dos cursos (o que para a Diretora "... é produto da inexistência da mais mínima preocupação dos professores por averiguar os recursos bibliográficos nela existentes"), é alarmante o grau de desvinculação entre ambos os grupos (Biblioteca e

pesquisadores), apesar de que os argumentos que cada um destes coloca para justificar tal realidade, parecem ter validade.

Por um lado, os receptores da informação (os usuários) exigem uma série de serviços e produtos a que tem todo direito, mas se mostram apáticos para ajudar a Biblioteca a oferecer o que eles estão exigindo e alegam estar frustrados por uma situação que é produto também de sua própria indiferença. Afinal, eles também fazem parte importante da dinâmica de transferência da informação, externando suas necessidades documentais mediante uma constante interação com quem administra a informação.

Por outro lado, a Biblioteca deve estabelecer estratégias práticas, mas não paliativas, dentro de suas limitações. A falta de verbas não deve-se constituir no argumento constante que justifique a ineficiência dos serviços, a incompetência dos funcionários, a disparidade nas aquisições e a impossibilidade de aprimorar os serviços existentes e planejar outros. Se bem os recursos económicos são elementos transcendentais para a concretização de qualquer projeto, não constituem a única solução dos problemas. Os especialistas da informação devem ter uma atitude mais agressiva no sentido de conhecer os requerimentos de informação do sistema no qual se inserem e adotar medidas que contemplem as prioridades, relevância e viabilidade para responder a tais necessidades, mediante sua comunicação com a própria comunidade de usuários. Afinal, é este o principal objetivo de toda unidade de informação.

É interessante destacar o que Crowther e outros dizem a respeito dos problemas nas unidades de informação:

"Los sistemas y servicios no atienden en forma adecuada la problemática de producción ni el aprendizaje en las organizaciones y, por lo tanto, es difícil demostrar que el sistema de información realmente contribuya sustancialmente a la calidad y utilidad de los productos de la institución, proyecto o sector cliente (...). Los sistemas de información no han permitido identificar y responder a los objetivos complejos de las instituciones públicas, y más bien tienden

a adoptar y reforzar definiciones simplificadas e ingenuas de los factores de eficacia y eficiencia organizacional, con énfasis en los factores que son los más evidentes o más fáciles de detectar. De esta manera, la información que se obtiene está reducida a aspectos parciales o limitados de las situaciones y no responde a los múltiples factores o necesidades que ameritan respuestas". (Crowter, 1990, p. 25)
(O grifo é meu)

En outras palabras, os especialistas da información devem ser capaces de projetar metodologias de trabalho que diagnostiquem a situação geral do sistema e busquem a solução dos problemas básicos que impossibilitam o fluxo de informação. Tal diagnóstico, obviamente deve contemplar as formas como a comunidade de usuários precisa ser atendida segundo suas necessidades, de maneira que se facilite a tomada de decisões mediante o acesso à informação.

Esta é, sem dúvida, uma das formas mais eficazes dos sistemas de informação colaborarem para o desenvolvimento científico e tecnológico dos países.

CONCLUSÕES

Ao largo dos anos, sociólogos e historiadores da ciência, matemáticos, químicos, físicos, políticos, economistas, especialistas da informação e cientistas em geral, tem-se destacado pelas suas importantes contribuições ao estudo do comportamento das organizações sociais, com o objetivo de compreender o círculo de produção de idéias entre os membros da comunidade científica, cuja interação dá lugar à inicialização ou consolidação de determinadas redes.

O uso de metodologias para obter informação relevante com respeito ao crescimento das atividades científicas e às relações sociais implícitas nesse processo, varia segundo os objetivos que se pretendem atingir.

Assim, a aplicação de fórmulas matemáticas para, a partir daí, avaliar o modelo de crescimento científico e melhorar o sistema de produção intelectual, pode produzir bons indicadores para quem está mais interessado em desenvolver seus estudos com uma perspectiva quantitativa.

Igualmente importante seria conhecer as implicações sociais que tem gerado tais resultados, ou seja, as influências recebidas pelos membros de um grupo acadêmico para interagir entre si de uma determinada forma. Nesse sentido, os dados estatísticos seriam usados como um quadro referencial para sustentar a análise qualitativa dos indicadores científicos.

A escolha de um ou outro método (quantitativo ou qualitativo) ou, dos dois simultaneamente, está em função de quem faz o estudo e dos interesses que determinam sua execução.

Seja como for, as limitações que uma ou outra alternativa oferecem devem ser reconhecidas, para evitar argumentos contundentes que podem ser eventualmente utilizados contra determinado enfoque metodológico, se não se conta com bases sólidas que sustentem a interpretação dos dados.

No caso concreto deste projeto, baseado no estudo de uma comunidade científica pertencente à área das ciências sociais,

concretamente ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas -IFCH- da UNICAMP, o tipo de análise evidenciou uma preocupação mais voltada à compreensão das relações sociais e cognitivas entre os pesquisadores do Instituto, assim como as formas como eles interagem com seus pares de outros países. Tratou-se, portanto, de um enfoque qualitativo.

O ponto de partida de nosso estudo consistiu em um minucioso levantamento da produtividade acadêmica do IFCH, cujos dados foram obtidos nos Anuários Estatísticos gerados pela Pró-Reitoria de Pesquisa da UNICAMP durante o período 1986-1992.

Esses dados serviram para a amostragem dos docentes entrevistados e para uma visão geral da produção do IFCH no período assinalado.

Mas a revisão dessas fontes, revelou também que tal produtividade, está concentrada em um reduzido número de docentes, o que pode ser interpretado de várias maneiras.

Em primeiro lugar, destaca-se a pouca relevância que os pesquisadores do Instituto concedem à inclusão íntegra de toda a sua produção intelectual nos respectivos anuários. Este é um indício da falta de consciência da importância da colaboração nos esforços da UNICAMP por gerar produtos que mostrem o seu desempenho acadêmico a nível nacional e internacional. Essa atitude, prejudica tanto a imagem da Universidade como da própria comunidade interna do IFCH. Porém, vem sendo superada pelo crescente controle da produtividade acadêmica, devido à introdução de novos mecanismos de avaliação e maior rigidez nas formas tradicionais de análise de desempenho, atreladas à autonomia.

Por outro lado, é conhecido o argumento de que o reconhecimento acadêmico de uma determinada instituição, ou grupo intelectual, não deveria dar prioridade a "quanto se produz" e sim a "para que se produz". Segundo essa visão, as linhas de pesquisa devem corresponder a uma determinada necessidade social, política ou econômica do contorno imediato para que os resultados gerados possam ser considerados, direta ou indiretamente, em função dessas necessidades.

Se essa interpretação "utilitarista" do trabalho científico se reflete em maior produção para divulgação científica (artigos em jornais e revistas não especializadas) e menor produção científica *strictu senso*, a valorização do trabalho científico nem sempre se traduz no aumento da produção científica formal.

Por esse motivo, o sistema de divulgação científica deve ser incentivado para contribuir com o ciclo de transferência de informação e assegurar o intercâmbio ativo de idéias que levem à consolidação do conhecimento.

A tendência dos cientistas é interrelacionar-se com os seus pares mediante mecanismos "práticos", na medida em que estes facilitam a troca de idéias imediatamente, contribuindo com críticas, comentários ou esclarecimentos a respeito de seu trabalho ou de outros.

Porisso, a procura de financiamento para este tipo de atividades é maior do que para as atividades de publicação, devido ao trâmites demorados que envolve o sistema formal de divulgação científica.

É precisamente na participação nos seminários, congressos e encontros que os cientistas estabelecem vínculos mais fortes com os seus pares e ampliam seus horizontes de conhecimento com a troca de experiências. É aí que, motivados pelo desenvolvimento de sua área de especialidade, estimulam a formação de pequenos grupos e sem sabê-lo, passam a constituir o que os estudiosos denominam "colégios invisíveis". Neles o crescimento intelectual está em função da formação de redes de trabalho, independentemente da área geográfica na qual estão inseridos os membros, graças ao uso de meios automatizados, tecnológicos ou electrónicos, que permitem diminuir essa distância (correio electrónico, fax e bases de dados, entre outros).

Agora, dentro desses grupos, é evidente a presença de grupos de poder que, infelizmente, controlam não só a inclusão de novos membros no ciclo de produção científica, senão, também, a consolidação da carreira daqueles que já contam com uma significativa trajetória no mundo acadêmico. Para ambos os grupos, a

rejeição pode gerar dificuldades na busca de uma determinada meta ou posição, segundo as aspirações intelectuais de cada um.

No caso concreto dos pesquisadores entrevistados do IFCH, foi observado um certo nível de pessimismo, frustração ou esgotamento em alguns dos que contam com grau de doutorado ou, inclusive, superior a este, independentemente da sub-área de conhecimento ao qual pertencem. Isto quer dizer que quanto maior seja o grau de estratificação acadêmica alcançado pelo cientista, maior vai ser o grau de competitividade entre seus pares, na busca de méritos que consolidem cada vez mais ao pesquisador na sua carreira.

Em outras palavras, o reconhecimento está medido segundo o grau de aceitação das idéias, assim como as "recompensas" obtidas dentro do ambiente respectivo: outorgamento de prêmios, convites para participar em eventos nacionais e internacionais, incentivo salarial, nível na carreira acadêmica, autonomia no desenvolvimento de pesquisas, obtenção de financiamento, publicação de seus artigos e trabalhos, enfim, toda uma série de aspectos que foram analisados ao longo desta dissertação.

Mas as condições desfavoráveis desse ambiente (egoísmo, indiferença, plágio, pouca confiança, falta de apoio, ressentimentos), podem criar até uma pré-disposição para a entrada ou a continuidade da carreira científica. Faz-se necessário que os próprios membros controlem situações deste tipo, com o fim de evitar desigualdades injustificáveis na distribuição das recompensas, que acabem discriminando a quem se esforça por estudar uma determinada problemática segundo sua perspectiva.

Porém, apesar da existência dessas "redes de poder", reconhecida pela maioria dos pesquisadores entrevistados, as porcentagens obtidas no uso de canais formais de comunicação foram bastante significativas, principalmente as revistas, pois estas constituem o veículo mais eficiente para transmitir e intercambiar idéias dentro de um determinado círculo intelectual. O problema é a falta de revistas de qualidade na região que permitam a expansão do conhecimento com seriedade e responsabilidade, que assegure em alguma medida um debate enriquecedor de informação.

Dentro dos mecanismos informais, os *pré-prints* apresentados nos seminários ou congressos, ocupam uma importante posição dentro das práticas de colaboração usadas pelos cientistas diante das oportunidades de intercâmbio intelectual que os mesmos oferecem.

Segundo os resultados obtidos no comportamento dos pesquisadores do IFCH, observou-se que o trabalho coletivo está representado em certa forma, mediante a participação em eventos, na medida em que o cientista dá a conhecer o(s) tema(s) que está desenvolvendo a seus pares com o objetivo de obter retornos satisfatórios para melhorar as suas idéias.

Na área de filosofia, foi bastante evidente a existência deste tipo de organização, sendo a opção mais explorada pelos pesquisadores para sair de seu isolamento.

Nas outras áreas, percebeu-se uma tendência a desenvolver em forma colectiva e multidisciplinária pelo menos certas linhas de pesquisa, as quais, devido a seu caráter mais abrangente, permitem explorar de diversos pontos de vista, um determinado tema.

Não obstante, tem-se que considerar que o período analisado por esta pesquisa, teve com pano de fundo uma situação econômica recessiva, que condicionou as modalidades de financiamento à pesquisa por parte das agências. A escassez de recursos limitou o financiamento de projetos de grande porte, antes cobertos pela ação da FINEP, inibindo a reunião de grupos de pesquisa para trabalhar coletivamente.

Mesmo os projetos individuais encontraram resistência para aprovação ou tiveram cortes nos recursos solicitados, seja pela não concessão dos equipamentos pedidos, seja pelo atraso na liberação dos recursos em períodos de inflação elevada.

Esta situação foi em parte remediada pelo Programa de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (PADCT) para as áreas "duras". Mas esse Programa, que contou com recursos do Banco Mundial, não beneficiou as ciências humanas e sociais.

Deve-se, portanto, fazer a ressalva, quando se analisa a preferência dos pesquisadores pelo trabalho individual, no sentido de que em boa parte esta não foi uma opção e sim o resultado da

dificuldade de acesso a recursos de maior envergadura para pesquisas coletivas no período, principalmente escassos no caso das ciências sociais, afetando diretamente a pesquisa no IFCH.

Por outro lado, o acesso a recursos para pesquisas mais complexas na maioria das vezes interdisciplinares, exigiu a conformação de estruturas paralelas às unidades acadêmicas, provocando o surgimento dos núcleos e centros de pesquisa. Neles foi possível montar a infraestrutura necessária para a realização da pesquisa coletiva, contratando pessoal de apoio técnico e administrativo. Isso ocorre tanto nas ciências humanas e sociais como nas áreas "duras", geralmente em torno de algumas lideranças capazes de alavancar recursos de agências nacionais e internacionais. Assim, também no IFCH a pesquisa coletiva deslocou-se para os núcleos e centros interdisciplinares.

O grande problema para conferir as atividades de pesquisa desenvolvidas pelos pesquisadores do Instituto nos núcleos, foi a pouca informação encontrada nos *curriculum vitae* sobre este tipo de atividades, embora tratando-se de pesquisadores que pertenceram aos conselhos deliberativos ou faziam parte da equipe permanente dos mesmos. Alguns desenvolveram suas atividades como "colaboradores" responsáveis de coordenar os projetos, ou bem, participando de outra forma, mas não fazem nenhuma diferenciação dessas atividades dentro de seu currículo, pois os mesmos projetos aparecem tanto nos anuários estatísticos da UNICAMP, como nos relatórios dos respectivos núcleos.

Nesse sentido, é necessário reiterar a necessidade de normalizar os relatórios de atividades de maneira que os pesquisadores definam coletivamente, uma escala de valores com respeito a sua produção intelectual e a forma como a mesma é desenvolvida, para facilitar a interpretação dos dados.

Voltando ao trabalho das agências no desenvolvimento de pesquisas coletivas, cabe registrar que neste momento, as mesmas estão revendo sua política de auxílios à pesquisa e há uma tendência a privilegiar projetos coletivos, o que têm provocado a formação de equipes de pesquisa. Também é importante ressaltar que

o CNPq e a CAPES mantiveram e ampliaram consideravelmente o volume de recursos e o número de bolsas de pós-graduação no país e no exterior, o que foi fundamental para o aumento da titulação e da produtividade da comunidade científica no Brasil no período analisado.

A política de sustentação de bolsas de pós-graduação e de pesquisa foi responsável pelo sucesso relativo do Programa Institucional de Capacitação Docente -PICD-, que propiciou a formação a nível de pós-graduação de docentes de todo o país nas melhores universidades. Esse programa, ao lado do apoio a grupos emergentes, pelo CNPq, deveria dotar as universidades de todo o país, de equipes de pesquisa capazes de nivelar por cima a docência e a produção de conhecimento a nível nacional.

Outro elemento de análise que não pode ser esquecido é o fato da UNICAMP ser uma universidade em formação, o que implicou em um esforço de titulação do pessoal docente que condiciona a forma individual de pesquisa. Nos últimos quatro anos, inclusive, a pressão institucional passou a ter um peso muito forte, obrigando muitos docentes a abandonar temporariamente suas pesquisas coletivas para defenderem suas teses de doutorado e de mestrado, para uma parcela menor dentre eles.

Visto *ex-post*, esse fenômeno -o de acréscimo de docentes titulados nos últimos tempos- consiste em um elemento de estímulo à pesquisa coletiva daqui para a frente, pois só o pesquisador doutor pode coordenar pesquisas e solicitar recursos das agências para projetos. Esses pedidos, geralmente incluem pelo menos a participação de alunos de mestrado e doutorado, o que constitui uma forma de pesquisa coletiva.

Concluindo, o que aqui se afirmou para a forma de organização da pesquisa, vale também para as demais análises relativas ao tipo de produção e aos canais utilizados para a divulgação e a comunicação dos resultados das pesquisas pela comunidade acadêmica.

A prevalência de um tipo de produção ou um canal de divulgação não é fruto apenas do tipo de pesquisa ou de preferência dos atores envolvidos, mas decorre em grande medida do contexto

histórico-social, econômico e cultural e da política setorial do período que se tomou como referência na instituição estudada. O que não invalida a análise que se faz, decorrente de diferenças de comportamento e de percepções encontradas no mesmo contexto.

No caso dos três departamentos que conformam o IFCH, não se encontraram marcadas diferenças no comportamento dos cientistas, o que deixa entrever a existência de interesses comuns no processo de produção de conhecimento. O fato de observar certas tendências nas práticas de colaboração utilizadas a nível internacional, revelou a necessidade dos cientistas de interagir com seus pares que mais convergem com sua temática de estudo.

Assim, os sociólogos, cientistas políticos e antropólogos, mostraram ter maior afinidade com os temas desenvolvidos nos outros países latino-americanos, em vista de que tais temas correspondem também à realidade social brasileira.

Entretanto, os filósofos e historiadores mantêm vínculos mais arraigados com os cientistas europeus e norte-americanos devido às características um tanto "cosmopolitas" destas sub-áreas, no sentido de que sua análise não se enquadra geralmente dentro de uma determinada situação nacional, mas sim dentro de linhas altamente teóricas e "abstratas". Além disso, a posição vanguardista das comunidades do primeiro mundo, tem levado aos cientistas de ambas as sub-áreas, a unir esforços que consolidem seu conhecimento com informação atualizada e confiável.

Por último, considerando o contexto acadêmico no qual o IFCH está inserido, cabe destacar a importância da unidade de informação como um elemento ativo dentro do processo intelectual, de maneira que a mesma seja considerada realmente como o "laboratório das ciências sociais".

No caso da Biblioteca do Instituto, se bem esteja fazendo esforços para satisfazer as necessidades de informação de sua comunidade de usuários, ainda tem muito trabalho pela frente para deixar de ser usada simplesmente como "referência", devido à inexistência de material atualizado necessário para o trabalho dos pesquisadores.

Diante desse problema, e considerando o crescimento da informação cada vez mais acelerado, é importante criar métodos adequados que permitam resgatar da massa documental amorfa, aqueles documentos que vão ser significativos para os objetivos dos pesquisadores, uma vez que os mesmos constituem um recurso sumamente valioso. Portanto, a administração e organização dos suportes bibliográficos, devem ser cuidadosamente planejados em função de quem faz uso deles.

O papel que desempenham os especialistas da informação é, nesse sentido, de grande valor, até porque neles recai a responsabilidade de criar produtos, mediante uma série de ferramentas de trabalho, que permitam o uso adequado dos dados no momento em que o usuário está precisando deles.

Isto implica em um estreito contato entre quem processa a informação e quem faz uso dela. Em outras palavras, deve prevalecer o interesse de ambas as partes pelo trabalho que cada uma desenvolve, e deve-se tratar de lograr a funcionalidade do processo de retroalimentação, onde o fluxo de informação contínua e eficiente permita ir ao encontro de uma melhor tomada de decisões.

LITERATURA CONSULTADA

- BRANDÃO, Carlos. Memorial para obter a livre docência. IFCH, 1991.
- CAMPOS COELHO, Edmundo. "Ensino e pesquisa: um casamento (ainda) possível. Pesquisa universitária em questão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986. 95-113 pp.
- CASTRO, Cláudio de Moura. "Da arte de financiar e ser financiado". Pesquisa universitária em questão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986. 131-149 pp.
- _____. "Há produção científica no Brasil?". Pesquisa universitária em questão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986. 190-224 pp.
- _____. "A questão da qualidade". Pesquisa universitária em questão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986. 151-172 pp.
- CRANE, Diane. Invisible colleges: diffusion of knowledge in scientific communities. Chicago: University of Chicago, 1972.
- "Cronologia da UNICAMP". Em: Jornal da UNICAMP. (36): oct., 1989. p. 2
- CROWTHER, Warren; Cubero, Flor e Sibille Mafalda. Estrategias de información: un enfoque para la gestión pública. San José, Costa Rica: ICAP, 1990. 280 p.
- FERNANDEZ, Maria Geiza Chaves. Comunicação científica em um contexto institucional e social: redes de comunicação do Instituto Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro: SENAL/DN, 1990. 104 p. (Serie monografías, no.8) (BIG)
- GIAMBIAGI, Myriam Segre de e GIAMBIAGI, Mario. "Sobre a produção científica: a indústria dos "papers" e outras histórias". Ciência e cultura. (35): 10, out., 1442-1451, 1983.

- GOLDEMBERG, José. "O impacto da avaliação na Universidade". Documento de trabalho (NUPES). (2), 1990.
- GRACELLI, Aldemir e CASTRO, Cláudio de Moura. "O desenvolvimento da pós-graduação no Brasil". Ciência e Cultura (37)7: jul., 188-201, 1985 (suplemento especial)
- HAGSTROM, Warren O. The scientific community. London: Feffer & Simons, 1965. 304 p.
- INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS. Relatório de autoavaliação. Campinas, 1991.
- LANCASTER, F.M. e CARVALHO, M.B.P. "O cientista brasileiro publica no exterior: em que países, em que revistas, sobre que assuntos". Ciência e cultura. 34(5), 627-634, 1982.
- LEON Orozco, Elena. El Subsistema de Información en Política Científica y Tecnológica del Sistema Nacional de Información Científica y Tecnológica: una visión aproximada de su situación y una propuesta para constituirlo. Tesis Lic. en Bibliotecología y Ciencias de la Información. Facultad de Educación. Universidad de Costa Rica, 1991. 241 p.
- LIMA, Eloi José Da Silva. A criação da UNICAMP: administração e relações de poder numa perspectiva histórica. Tese Mestre em Educação. Faculdade de Educação. UNICAMP, 1989. 166 p.
- MARTINS, Geraldo M e QUIROZ, Rubens. "O perfil do pesquisador brasileiro". Ciência e cultura. (18): 6, set., 38-46, 1987.
- MASSI, Fernanda. "Franceses e norte-americanos nas ciências sociais brasileiras (1930-1960)". História das ciências sociais no Brasil. vol.I. São Paulo: Vértice; IDESP, 1989. 410-460 pp.
- MENEHINI, R. "Indicadores alternativos de avaliação do desempenho científico: aplicação a uma instituição". Ciência e cultura. (40): 6, jun., 548-558, 1988.
- MERTON, R.K. "El efecto Mateo en la ciencia". Em: La sociología de la ciencia. Madrid: Alianza Editorial, 1977.

- _____. "Os imperativos institucionais da ciência". A crítica da ciência. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. 37-52 pp.
- MICELI, Sergio. "Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais". História das ciências sociais no Brasil. vol.I. São Paulo: Vértice; IDESP, 1989. 72-110 pp.
- MORAES, Lourdes de Souza. O modelo e a prática na produção intelectual da Universidade Federal de São Carlos: uma história de muitas vidas. Dissertação, Mestre em Biblioteconomia. Universidad Católica de Campinas, 1991. 184 p.
- MOREL, R.L.M. e MOREL, C.M. "Estudo sobre a produção científica brasileira segundo os dados do Institute for Scientific Information (ISI)". Ciência da Informação. 6(2): 99-109, 1977.
- NACHBIN, Leopoldo. "Ensino e pesquisa, serventia e criatividade: um desafio à universidade hodierna". Ciência e cultura. (37): 8, ago., 1278-1780, 1985.
- NEIVA, Cláudio C. "As iniciativas de planejamento e avaliação na formulação de políticas públicas para o ensino superior". Documento de trabalho (NUPES). (4), 1990.
- OLIVEIRA, João Batista Araujo e. Ilhas de competência: carreiras científicas no Brasil. São Paulo: Brasiliense; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 1985. 171 p.
- _____. "Carreira científica: sem passado e de futuro incerto". Revista Brasileira de Tecnologia. (15): 3, maio-jun., 33-39, 1984.
- PRICE, Derek de Solla. Little science, big science. New York: Columbia University Press, 1963.
- "O projeto qualidade em debate". Em: ADUNICAMP CADERNO. no. 1, dez. 1990.
- QUARTIM, João. Memorial para obter título de livre docência. IFCH, 1990.

- ROCHE, M. e FREITES, Y. "Producción y flujo de información en un país periférico americano (Venezuela)". Interciencia. 7(5): sep-oct., 279-290, 1982.
- RODRIGUEZ, Indiana Pinheiro da Fonseca. "O significado de padrões culturais na formação de atitudes favoráveis à pesquisa científica e tecnológica. Ciência e cultura. 41 (4): abr., 354-365, 1989.
- SCHOTT, Thomas. Performance, specialization and international integration of science in Brazil: changes and comparisons with other Latin American countries and Israel. University of Pittsburgh, E.U.A., 1993. 91 p.
- SCHWARTZMAN, Simon. Ciência, universidade e ideologia: a política do conhecimento. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- _____. "O desempenho da pesquisa universitária". Pesquisa universitária em questão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986. 81-94 pp.
- _____. "O lugar das ciências sociais no Brasil nos anos 90". Documento de trabalho (NUPES). (13), 1990. 15 p.
- _____. "A política brasileira de publicações científicas e técnicas: reflexões. Revista Brasileira de Tecnologia. (15): 3, maio-jun., 25-32, 1984.
- _____. "Universidade e pesquisa científica: um casamento indissolúvel?". Pesquisa universitária em questão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986. 11-20 pp.
- SILVA, Alberto Carvalho da. "Financiamento e administração de pesquisa: avaliação de projetos e resultados". Ciência e cultura. 37(7):jul., 155-164, 1985 (suplemento especial).
- SUASSUNA, Italo. "A universidade pesquisa: o mito e a necessidade". Revista Brasileira de Tecnologia. (16): 3, maio-jun., 5-14, 1985.
- TUNNERMAN, B. "La investigación en la Universidad Latinoamericana-

na". DESLINDE: cuadernos de cultura política universitaria. 75, marz., 1976. 33 p.

VELHO, Léa. "Cómo medir a ciência?. Revista brasileira de tecnologia. (16): 1, jan-fev., 35-41, 1985.

VESSURI, Hebe. "La revista científica periférica: el caso de Acta Científica Venezolana". Interciencia. 12(3): may-jun., 124-134, 1987.

. La publicación científica latinoamericana como vehículo de fortalecimiento de la capacidad científica regional. Presentado en el II Seminario "Jorge Sábato" de Política Científica y Tecnológica. Madrid: Consejo de Investigaciones Científicas de España; Organización de Estados Americanos, junio, 1986. 30 p.

ZIMAN, John. An introduction to science studies: the philosophical and social aspects of science and technology. Cambridge University Press, 1987.

ANEXO 1
Questionário para os pesquisadores selecionados
do Departamento de Ciências Sociais do IFCH³³

I PARTE:

Sobre a dinâmica do conhecimento no IFCH:

A. Questões relativas à produção acadêmica

1- Quais foram as influências que você recebeu na escolha de seus temas de pesquisa e na definição dos métodos, estrutura, organização e análise dos resultados do trabalho? De quem você recebeu essas influências? Onde está(ão) essa(s) pessoa(s) atualmente?

2- Fez estudos no exterior? Durante qual período? Em que países? Estabeleceu vínculos importantes com a comunidade científica desse país? Através de quais atividades? Continua ainda ligada a essa(s) comunidade(s)?

FINACIAMENTO DOS PROJETOS:

3- De quais instituições recebe apoio econômico para seus projetos? Qual é a modalidade do financiamento?

4- Tal apoio tem sido total o parcial? Se é parcial, o que você faz: procura ajuda de outros órgãos (quais?), usa seus próprios recursos?

5- Quais são os critérios usados pelos órgãos financiadores para dar financiamento a suas pesquisas? O que você acha delas?

6- Quais outras atividades você desenvolve? Por que você se inclina a desenvolver com maior dedicação certas atividades? -Como é o financiamento para estas atividades?

COLABORAÇÃO:

7- Quais os fatores que o/a induzem a realizar trabalhos em grupo ou individuais? Qual é a sua preferência? Acha que o trabalho em grupo restringe a liberdade do pesquisador? Por quê?

³³ A maneira de exemplo foi selecionado o roteiro da entrevista realizada aos pesquisadores deste departamento. A diferença deste questionário com o aplicado nos outros dois departamentos, são as porcentagens correspondentes a produção acadêmica segundo os dados obtidos para cada um deles.

B. Questões acerca da política de publicação do IFCH**QUADRO GERAL DO DEPARTAMENTO DE CIENCIAS SOCIAIS (DCS)**

8- Quais fatores você considera tem influenciado aos pesquisadores do DCS a escrever e publicar 12,5% de seus artigos em revistas nacionais, segundo os dados obtidos nos anuários estadísticos?

9- Por quê você acha que tende a ser menor a porcentagem de artigos publicados nas revistas internacionais (4,2%) com respeito aos artigos publicados nas revistas nacionais? - Observa-se que a maioria das revistas estrangeiras pertencem a países latino-americanos. Por que esta tendência?

10- A publicação de livros no âmbito nacional reúne 5% da produção acadêmica total deste departamento. Como você percebe o apoio para publicar neste tipo de canal? Por quê você acha que se publica nesse âmbito?

11- No entanto, no âmbito internacional, apenas 0,8% pertence aos livros publicados em outros países, cuja maioria foram publicados na América Latina. Como você explica esta tendência?

12- Com respeito aos artigos publicados nos jornais, observa-se que 7% foram publicados no âmbito nacional e apenas 0,2% em jornais estrangeiros. Por quê você acha que se dá essa preferência a publicar em jornais brasileiros?

13- A porcentagem dos capítulos de livros nacionais foi de 2,6% e a nível internacionais 1,2%. É significativo para você publicar neste tipo de documento? Por quê?

14- Existe algum tipo de pressão sobre os pesquisadores para publicar e contar com certo número de projetos? Por quê?

C. Questões sobre ensino/pesquisa

15- Quando se iniciou nas atividades de ensino?

16- Trabalha tempo integral ou parcial?

17- Quantas horas dedica ao ensino a nível de graduação e de pós-graduação? Existe alguma preferência por um ou outro nível? Quais são as vantagens que percebe em cada um deles?

18- Quando se iniciou nas atividades de pesquisa e quantas horas dedica a esta atividade?

19- Existe autonomia na formulação e elaboração dos projetos? Como se dá?

20- Segundo os dados obtidos, as atividades de orientação das chamadas "iniciações científicas" representam 3% da produção total. Você acha que se está estimulando a participação dos estudantes de graduação e de pós-graduação na elaboração de pesquisas?

D. Questões sobre estímulo e reconhecimento

21- Considera importante receber estímulo e reconhecimento nas comunidades científicas nacionais e internacionais? Por quê? Em que medida esse reconhecimento influi em seu desempenho profissional?

22- Recebe estímulos da comunidade científica nacional? De que tipo?

23- E da comunidade científica internacional? Em quais países recebe maior reconhecimento por seu desempenho na pesquisa? Por quê?

24- Como você percebe o reconhecimento da sociedade? Acha este reconhecimento importante? Por quê?

25- Como se dá o apoio para participar nos eventos nacionais? Poderia afirmar-se que a comunidade científica local está fortemente consolidada? Por quê?

26- Segundo os dados nos anuários, foi notável a participação dos pesquisadores nos eventos organizados nos EUA, embora as oportunidades para publicar nesse país foram quase nulas. Como explica esta situação?

27- Se percebeu que os pesquisadores do DCS fizeram um grande esforço por apresentar seus trabalhos nos idiomas dos países onde participaram. Como você supera estas barreiras?

28- No que se refere à organização de eventos nacionais, houve 2,5% da produção nesse sentido. Como você acha o apoio para desenvolver este tipo de atividade?

29- Em que medida é importante para você o fato de ser citado? Por que?

E. Questões sobre as formas de comunicação entre os pesquisadores

30- Como estabelece comunicação com seus pares: meios formais ou informais? Quais são as vantagens que percebe em um e outro meio?

31- Segundo os dados obtidos, observa-se que 5,1% da produção total representa as palestras oferecidas pelos pesquisadores deste departamento. Você acha que as mesmas constituem um mecanismo eficiente de comunicação com o público acadêmico e leigo? Por quê?

II PARTE:Sobre a biblioteca do IFCH: uso da biblioteca pelos pesquisadores do instituto

- 1- Visita a biblioteca? Com que freqüência?
- 2- Qual é o objetivo da visita? Satisfaz as necessidades de informação? Precisa de ajuda ou orientação da bibliotecária? Ela está sempre pronta para ajuda-lo(a)?
- 3- Tem doado materiais bibliográficos a tal unidade de informação durante 1986-1992? Por quê tem feito tais doações?
- 4- Conhece a política de aquisição da biblioteca? O que acha dela?
- 5- Tem feito solicitações de materiais? Quanto tempo demorou a espera? Recebeu todo o que tinha solicitado?
- 6- Acha que a biblioteca do IFCH suministra informação relevante para suas pesquisas? Por que? Quais são as sugestões que você daria para melhorar os problemas detectados?
- 7- Conhece os serviços e produtos que oferece a biblioteca?
- 8- Quais são as publicações periódicas que considera chaves dentro da sua área, tanto a nível nacional como internacional? Estão disponíveis na biblioteca do IFCH? Se a resposta é negativa, onde estão tais publicações?
- 9- Quais títulos você assina?
- 10- Quais outros centros de informação freqüenta?
- 11- Como a biblioteca do IFCH contribui para aumentar o interesse pelo tema no qual trabalha? Como você acha que a biblioteca poderia ter um papel mais ativo no desenvolvimento da pesquisa?
- 12- Em que medida você mostra interesse pelo trabalho feito na biblioteca? Está sempre disposto a colaborar na qualidade dos serviços? Como?

13.9
14
125

ANEXO 2

Questionário para a directora da BIFCH

- 1- Quais são os objetivos desta unidade de informação?
- 2- Quais foram os antecedentes desta biblioteca?
- 3- Qual é a sua estrutura administrativa?
- 4- Quais são os serviços e produtos que oferece? Como se tem difundido aos usuários?
- 5- Quais são os critérios definidos na política de aquisição?
- 6- Quem define tais critérios? Como se dá a participação dos diferentes departamentos nesse sentido? Como justifica o aparente desequilíbrio no acervo bibliográfico da biblioteca?
- 7- Quais são os tipos de usuário que frequentam a biblioteca?
- 8- Quanto tempo demora a aquisição dos livros solicitados pelos professores do IFCH? Como se dá esse processo?
- 9- Quantos funcionários trabalham na biblioteca? Qual é a formação de cada uma delas? Em que sentido a biblioteca se preocupa por capacitar o pessoal?
- 10- A biblioteca conta com suficientes recursos econômicos? Qual é o origem deles?
- 11- Quais são os obstáculos que prevalecem na interação com os usuários? Como poderiam ser solucionados? Recebe ajuda dos pesquisadores para melhorar os serviços?
- 12- Alguma vez foram elaborados perfies de interesse ou de usuário? Se a resposta é afirmativa, como tem sido a colaboração do corpo docente nesse sentido. Se a resposta é negativa, quais outros métodos tem sido utilizados para conhecer as necessidades de informação dos usuários?
- 13- Recebe doações de materiais bibliográficos? De quem? Como são controladas?
- 14- Com quais unidades de informação dentro e fora da UNICAMP mantém intercâmbio? Que tipo de intercâmbio (compra, doações, préstamos)?
- 15- Como você avalia o trabalho desenvolvido na biblioteca?
- 16- Quais são as metas futuras?